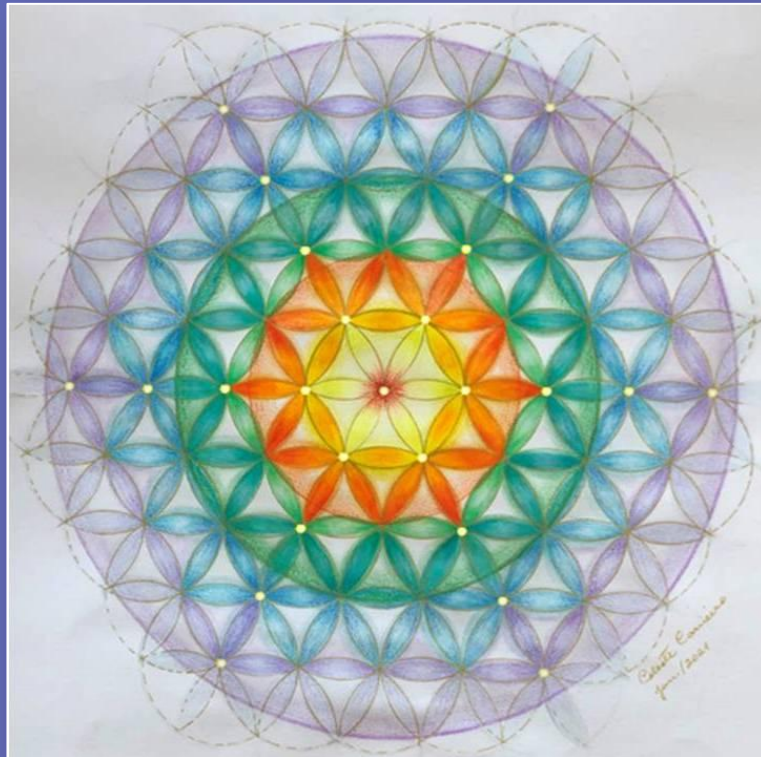


Revista Transdisciplinar

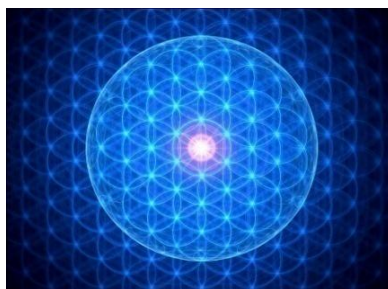
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



2021
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

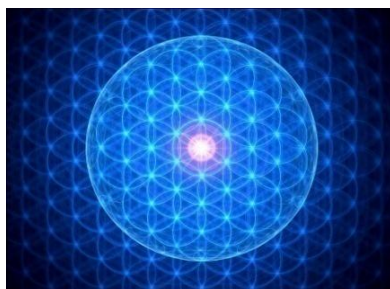
E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólon - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>

CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora. Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumoriais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimentos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicología pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza

anualmente as Jornadas de Psicologia Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas*; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda* – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

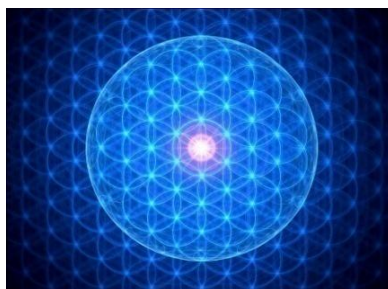
Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares – Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela

ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças , no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González – Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa – Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

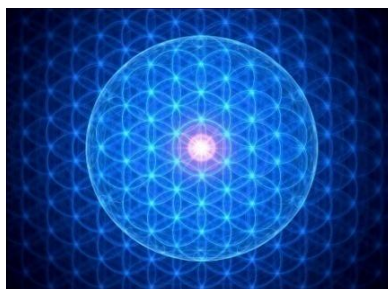
Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO

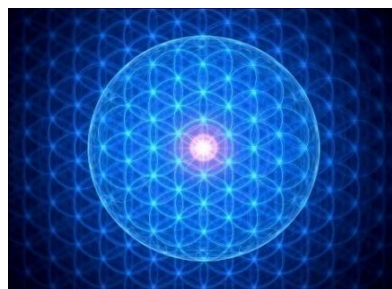
Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 Telefone: 71 - 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

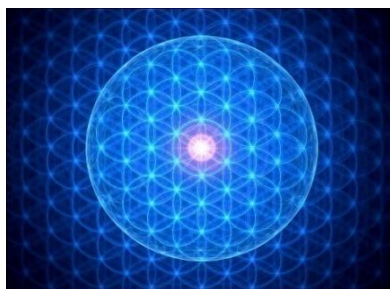
REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
 ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|--|-------|
| 1 – A BISCOITEIRA
Célia Maria Carneiro dos Santos | p. 10 |
| 2 – AS FELICIDADES AUTÊNTICA, EUDAIMÔNICA E CAIRÔNICA NA PSICOLOGIA POSITIVA 2.0 DE PAUL T. P. WONG ¹
AUTHENTIC, EUDAIMONIC AND CHAIRONIC HAPPINESS IN PAUL T. P. WONG'S POSITIVE PSYCHOLOGY
Hidemberg Alves da Frota | p. 12 |
| 3 – SAUDADE
Gerardo Campana | p. 25 |
| 4 – ECOLOGIA DO CORPO CORAÇÃO MENTE E ESPÍRITO: uma jornada de autoconhecimento e cura
Nadir Esperança Azibeiro | p. 26 |
| 5 – ENFIM...
Márcia Cristina Barros | p. 36 |
| 6 – ESCRITA CRIATIVA, ESCRITA INICIÁTICA E LITERATURA PERENE
Pedro Teixeira da Mota | p. 37 |
| 7 – A PERSONAGEM LÚCIFER: uma reflexão sobre os arquétipos do bem e do mal, o conflito existencial e o caminho de transformação para o encontro com a unidade
Maria Isabella Ramos Nogueira | p. 40 |
| 8 – UM CANTO DENTRO DE MIM
Lucymeire Ferraz | p. 56 |
| 9 – IMAGENS DA PANDEMIA
Celeste Carneiro e convidados | p. 58 |
| 10 – CARTA DE ANTHERO DE QUENTAL | p. 70 |

Capa: A flor da Vida – o começo, o meio, o fim e mais além (Celeste Carneiro) – Abrange o nascimento e a infância, a adolescência e a juventude (o começo), a maturidade (o meio), a velhice (o fim) e o mais além... Engloba as cores dos chakras, desde o chakra da base (vermelho), passando pelo genésico, solar, cardíaco, laringeo, frontal e coronário. Divisão dos círculos que segue as sequências de Fibonacci. Tanto a Flor da Vida, quanto as sequências de Fibonacci, são padrões presentes na criação divina.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

1 – A BISCOITEIRA

Célia Maria Carneiro dos Santos*



Em tempos idos, eu ganhei uma biscoiteira. Sabe estas biscoiteiras de vidro transparente, com desenhos florais, que remete à casa de avó e se imagina de quantos sabores já passaram os biscoitinhos ali dentro, todos eles feitos pela nossa avó?...

Pois bem, eu vou contar a história de uma biscoiteira assim.

Logo que eu cheguei onde moro, há muitos anos, conheci um grupo de pessoas atenciosas, respeitosas, religiosas, que frequentava um grupo de preces. Eu participava das palestras abertas, como ouvinte, e cheguei a coordenar o grupo de adolescentes desta instituição.

Um dia, com timidez e certo desconforto, sem saber se receberia um não ou se estaria incomodando, uma das adolescentes me pediu, em nome da mãe dela, que eu fosse examinar a vizinha dela, a mãe da mãe. Sorri e prontamente a acompanhei até a sua moradia.

Em casa simples, com cheiro de casa que abriga uma avó, encontrei uma senhorinha, pequena, encurvada pelo peso dos anos,

encolhida sobre uma cama, com um lindo sorriso no rosto e brilho nos olhos. Fiquei encantada! Tinha muita juventude naquela senilidade...

Voltei para casa feliz por ter conhecido e ajudado mais uma idosa, que certamente eu só voltaria a ver na espiritualidade. Estava evidente que aqueles eram os seus últimos dias, ou meses...

Passaram alguns dias e recebo a mesma adolescente com um pacote na mão. Era uma linda biscoiteira, da época das nossas avós. Tinha sido a mãe dela e a vizinha que tinham me ofertado como gratidão pela visita médica, como pagamento.

Como não aceitar? Feriria os brios da avó e a moral da mãe, que foi quem solicitou a visita médica, que não foi cobrada.

Percebi certa melancolia no olhar da adolescente, que fitava as flores da biscoiteira como quem lê uma história ali escrita, que falava de cheiros, de sabores, de risadas e de um certo porto seguro que estava partindo para outras mãos.

Sim. Recebi o objeto como quem recebe

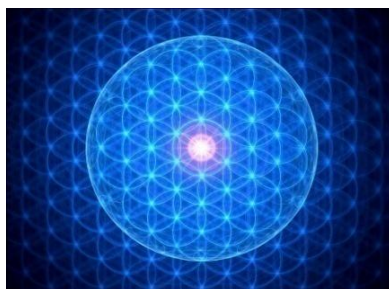
***Célia Maria Carneiro dos Santos** – Médica graduada na Universidade Federal da Bahia em 1982, Nefrologista e Homeopata. Fêz Pós-Graduação em Clínica Geral e Medicina do Trabalho, além de Nefrologia e Homeopatia. Trabalhou em Unidade de Terapia Intensiva por cerca de vinte anos. Professora Assistente do curso de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, médica Nefrologista da Secretaria Estadual de Saúde (SESAB), plantonista de hemodiálise em clínica privada. celiamariacarneirodosantos@hotmail.com

uma pérola rara. Fitei, toquei nos desenhos com cuidado, sorri e agradei. Era um mimo E como um mimo eu a guardei. Ainda a tenho, daí o desejo de escrever sobre ela. Olhei e revi o contexto, neste período onde o desapego se torna uma necessidade premente! Os afetos se vão, levados por uma pandemia que assusta. O tema morte passa a ser o cotidiano em todas as redes sociais. A necessidade de repensar os valores e os amores.

Recebi a biscoiteira, por perceber no gesto uma contribuição para o preparo, visando o desapegar de mais uma alma linda que retornaria ao plano espiritual.

Doar uma biscoiteira seria infinitamente mais simples do que doar a avó para a espiritualidade. E como respeito ao sentimento desta neta carinhosa e dedicada, guardo e uso este vaso cheio de afeto!

Feira de Santana, 08 de julho de 2020.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – AS FELICIDADES AUTÊNTICA, EUDAIMÔNICA E CAIRÔNICA NA PSICOLOGIA POSITIVA 2.0 DE PAUL T. P. WONG¹

**AUTHENTIC, EUDAIMONIC AND CHAIRONIC HAPPINESS
 IN PAUL T. P. WONG'S POSITIVE PSYCHOLOGY**

Hidemberg Alves da Frota*

RESUMO: Este artigo científico sistematizou a concepção do psicólogo sino-canadense Paul T. P. Wong sobre as felicidades prudencial, eudaimonística e cairônica, no âmbito da sua proposta de Psicologia Positiva 2.0. A fim de contextualizar a sua visão da PP 2.0, teceram-se considerações propedêuticas sobre as facetas existencialista e indigenista da PP 2.0. Após, capítulos específicos se dedicaram a aprofundar a concepção de Wong acerca das felicidades autêntica, eudaimonística e cairônica, articulando esses constructos com a literatura contemporânea de PP 2.0, sejam as pesquisas científicas qualitativas, sejam as problematizações teóricas, em diálogo com aportes do movimento transpessoal e do movimento existencial e humanista em Psicologia.

ABSTRACT: This scientific article systematized the conception Sino-Canadian psychologist Paul T. P. Wong has of prudential, eudaimonic and chaironic happiness, within the scope of his proposal for Positive Psychology 2.0. In order to contextualize his vision of PP 2.0, propaedeutic considerations were made about the existentialist and indigenous facets of PP 2.0. Afterward, specific chapters were dedicated to deepening Wong's conception of authentic, eudaimonic, and chaironic happiness, articulating these constructs with contemporary PP 2.0 literature, be it qualitative scientific research or theoretical problems, in a dialogue with contributions from the transpersonal movement and the existential and humanist movement in Psychology.

PALAVRAS-CHAVE: Paul T. P. Wong. Psicologia Positiva 2.0. Segunda Onda da Psicologia Positiva. Psicologia Existencial Positiva. Felicidade prudencial. Felicidade eudaimonística. Felicidade cairônica.

KEYWORDS: Paul T. P. Wong. Positive Psychology 2.0. Second Wave Positive Psychology. Existential Positive Psychology. Prudential happiness. Eudaimonichappiness. Chaironichappiness.

¹ Artigo escrito em homenagem aos dez primeiros anos (2009-2019) da Segunda Onda da Psicologia Positiva. Agradecimento do autor à Profa. Dra. Manoela Ziebell de Oliveira (PUCRS), pelo incentivo para a redação deste artigo científico, bem como à equipe do Programa de Especialização em Psicologia Positiva: Ciência do Bem-Estar e da Autorrealização da PUCRS, pela elevada qualidade do curso.

* **Hidemberg Alves da Frota** – Especialista em Direito Penal e Criminologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Direitos Humanos e Questão Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Especialista em Psicologia Positiva: Ciência do Bem-Estar e Autorrealização (PUCRS). Especialista em Direito e Processo do Trabalho (PUCRS). Especialista em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica pela Faculdade Dom Alberto (FAD). Especialista em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Agente Técnico-Jurídico do Ministério Público do Estado do Amazonas (MP/AM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2009-6225>. E-mail: alvesdafrota@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente artigo de revisão bibliográfica intenciona oferecer à comunidade acadêmica lusófona uma sistematização da visão de Paul T. P. Wong sobre as espécies de felicidade madura (autêntica, eudaimônica e cairônica) no contexto do ramo da Psicologia Positiva por ele denominado de Psicologia Positiva 2.0, Psicologia Existencial Positiva e Segunda Onda da Psicologia Positiva, em interface com pesquisas recentes na seara da PP 2.0.

Almeja-se contribuir para se colmatar uma lacuna na literatura especializada produzida nos países de língua oficial portuguesa, no que se refere à difusão e à problematização em torno do contributo de Wong à PP. Será empregado o método de pesquisa bibliográfico, com destaque à consulta a capítulos de livro e a artigos científicos anglófonos em que se veicularam a produção intelectual de Wong de 2009 a 2019, bem como a ênfase a artigos de pesquisas científicas desenvolvidas no seio da PP 2.0 publicadas em língua inglesa de 2016 a 2020.

1. A VERTENTE EXISTENCIALISTA DA PP 2.0

Coube ao psicológico clínico sino-canadense Paul T. P. Wong, atualmente Professor Adjunto da Universidade Saybrook, nos Estados Unidos, e Professor Emérito da Universidade Trent e da Universidade Western Trinity, no Canadá, a propositura da Psicologia Existencial Positiva (*Existential Positive Psychology* – EPP) ou Psicologia Positiva Existencial (*Positive Existential Psychology* – PEP) (WONG, 2010b, p. 1-10; WONG, 2016b). Inspirou-se principalmente nas suas pesquisas anteriores e em sua atuação clínica no campo da Logoterapia (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 19; WONG, 2012, p. 646-647; WONG, 2015, p. 165-167), concebida pelo psiquiatra e neurologista austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997).

A proposta da PEP foi originalmente ventilada no verbete, redigido por Wong, sobre Psicologia Existencial encartado no volume 1, do ano de 2009, da obra coletiva *The Encyclopedia of Positive Psychology* (WONG, 2009, p. 361-368). Tal estudo foi republicado, com alterações de conteúdo, adaptado ao formato de artigo científico, nas edições de julho de 2010 e de fevereiro de 2016 do *International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy (IJEPP)*, periódico científico redesignado, em 2019, de *International Journal of Existential Positive Psychology* (WONG, 2010b, p. 1-10; WONG, 2016b).

A finalidade de Wong, ao trazer à baila a Psicologia Existencial Positiva, foi a de que ela matizasse os *insights* existenciais, a análise fenomenológica e o exame da faceta sombria da condição humana, marcas distintivas do

movimento existencial e humanista em Psicologia, com a pesquisa científica rigorosa, notadamente quantitativa, das forças de caráter e dos seus efeitos sobre a saúde, a felicidade e o bem-estar humanos, traços peculiares do movimento da Psicologia Positiva (WONG, 2009, p. 361-362; WONG, 2010b, p. 1; WONG, 2016b)².

Partiu-se da premissa de que a resposta, pela Psicologia Positiva, a questões centrais da condição humana, como os questionamentos acerca de quem se é, do que consiste o bem viver, do que dá sentido ao viver humano, de qual direcionamento conferir à própria existência, de quais escolhas realizar, de como alcançar a felicidade e da problematização em torno do pertencimento de si mesmo a determinado ambiente ou comunidade, devem se nortear pela conjugação das pesquisas quantitativas, dos testes psicológicos, dos levantamentos estatísticos e da análise científica em laboratório feita pelos adeptos da Psicologia Positiva, com a vivência clínica, as pesquisas qualitativas e fenomenológicas e a densidade filosófica do existencialismo e do humanismo em Psicologia (WONG, 2009, p. 361-362; WONG, 2010b, p. 1-2; WONG, 2016b; WONG; ROY, 2018, p. 155).

Em suma, sustentou-se que a PEP seria uma amálgama dos estudos quantitativos e qualitativos sobre o que permite às pessoas sobreviverem e florescerem, em âmbito individual e coletivo, em todas as circunstâncias (WONG, 2009, p. 361-362; WONG, 2010b, p. 1-2; WONG, 2016b).

De acordo com o que se depreende das considerações de Wong, o bem-estar deve ser enxergado de forma integral, sob os prismas objetivo e subjetivo, como uma vivência enriquecedora e energizante que as pessoas em geral anseiam por alcançar como o ápice e destino final do seu percurso de autorrealização, a qual lhes proporciona contentamento e sentido, proveniente da conjugação de fatores propiciatórios a tanto, de ordem física, social e econômica, com a benfeitoria influência de metas vitais e relações intrapessoais e interpessoais que provocam gratificação existencial, associadas a graus elevados de engajamento no aprimoramento da conduta virtuosa e da resiliência (WONG, 2011, p. 75).

Preende que a Psicologia do Bem-Estar seja reestruturada com arrimo na premissa de que o bem-estar promana da interação dialética entre as emoções positivas e negativas, assim como da

² Conquanto as normas metodológicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) facultem (desobriguem) a menção de páginas em citações indiretas (paráfrases), optou-se, neste artigo científico, pela especificação das páginas dos textos referenciados, mesmo nas citações indiretas, com o intuito de facilitar a consulta, pelo leitor, das referências bibliográficas desta pesquisa.

capacidade humana de transcender as emoções negativas e transformá-las em emoções positivas. Tem em conta que, paradoxalmente, experiências felizes nem sempre redundam em bem-estar e o sofrimento pode ter desdobramentos saudáveis, de maneira que incumbe aos psicólogos ajudarem seus clientes a atingirem níveis ótimos de bem-estar, contudo, sem se contornarem nem se minimizarem as emoções negativas e a despeito das dificuldades que os seus clientes estão atravessando e das dores que estão vivenciando (WONG, 2011, p. 75).

2. A VERTENTE INDIGENISTA DA PP 2.0

Por outro lado, estimulado por suas pesquisas pretéritas na seara da Psicologia Cross-Cultural (*Cross-Cultural Psychology*) (WONG; WONG; SCOTT, 2006, p. 4-6, 25-26), Wong expandiu o desenho da sua proposta de Psicologia Positiva 2.0, de modo que a Segunda Onda da Psicologia Positiva se tornasse, na primeira metade da década de 2010, um campo de abertura não só para os aportes vivenciais e teóricos do movimento existencial e humanista em Psicologia, como também para os subsídios acerca da felicidade e do bem-estar extraídos das plurais tradições culturais e espirituais da humanidade, em uma perspectiva cross-cultural e multicultural, atenta à influência dos fatores sociais, culturais e linguísticos sobre a pesquisa e a aplicação dos temas principais da Psicologia Positiva (WONG, 2013; WONG, 2019, p. 277).

Assim, a Psicologia Positiva 2.0 se tornou bifronte, composta pelas vertentes da Psicologia Existencial Positiva e da Psicologia Indígena (*Indigenous Psychology*) (WONG, 2019, p. 277). Anseia-se por uma sinergia entre a Segunda Onda da Psicologia Positiva e as forças de caráter, de molde que haja horizontes mais amplos para se explorarem e se aplicarem subsídios extraídos de filosofias ancestrais e da pesquisa científica contemporânea (NIEMIEC, 2019, p. 455).

Como exemplo de um constructo no imo do braço indigenista da PP 2.0, figura a Psicologia Positiva Chinesa, idealizada por Wong com ênfase no diálogo entre o modelo ocidental de Psicologia Positiva e as matrizes filosóficas chinesas do confucionismo, do taoísmo e do budismo (WONG, 2009, p. 148-156; WONG, 2016a).

Na construção da Psicologia Positiva Chinesa, sublinhou a necessidade de se levar em conta a peculiar visão de mundo chinesa, baseada nas crenças (a) na ausência de controle humano sobre as mudanças e o mundo, (b) no fatalismo pautado por forças espirituais e cósmicas, (c) na dualidade positiva-negativa e feminina-masculina da natureza, (d) no modo de vida estruturado no tônica no coletivismo, em detrimento do individualismo, e (e) na noção do esforço utilitário,

calçado na ética profissional de ser estudioso e consciente, no cultivo e na acumulação de várias virtudes, na deferência aos familiares mais velhos e aos ancestrais, na lealdade aos amigos, no respeito à autoridade e na harmonia grupal (WONG, 2009, p. 152-154; WONG, 2016a). Nesse sentido, Tim Lomas enaltece a pesquisa das tradições orientais do budismo, do taoísmo e do zen budismo, para se robustecer o embasamento filosófico da Segunda Onda da Psicologia Positiva e a fim de se coadjuvarem as pesquisas referentes à natureza dialética (negativa-positiva) do florescimento (LOMAS, 2016, p. 14-29).

3. A FELICIDADE AUTÊNTICA

Wong vislumbra, como principais expressões de felicidade madura, as felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica (WONG, 2009, p. 364-365; WONG 2010, p. 5; WONG, 2016b). Este tópico será dedicado à felicidade autêntica, ao passo que os tópicos subseqüentes versarão sobre as felicidades eudaimônica e cairônica, respectivamente.

De acordo com Wong, a autenticidade diz respeito ao processo psicológico de despertar para a realidade de si mesmo, de se descobrir a própria e verdadeira identidade, de se desvelar, em profundidade, a índole singular e peculiar de cada um, assumindo-se, cada qual, a responsabilidade de conduzir a própria vida de forma congruente com a sua natureza genuína e as suas convicções fulcrais, apesar da ansiedade e dos riscos inerentes a essa empreitada (WONG, 2009, p. 363; WONG 2010, p. 3; WONG, 2016b).

Esse *iter* existencial pode resultar em uma vida autêntica, porém fora dos padrões convencionais de felicidade e bem viver de determinada época e lugar, a exemplo daqueles que adotaram, em diferentes momentos da história da humanidade, uma filosofia de vida e um *modus vivendi* que, mesmo involuntariamente, suscitaram reações sociais adversas que culminaram com a sua morte precoce, como se observa nas narrativas acerca das biografias de Jesus e de Sócrates (WONG, 2009, p. 363; WONG 2010, p. 3; WONG, 2016b).

Segundo Wong, a crise de identidade é o gatilho para a busca pela autenticidade, desde que não se perca o foco, por força da atuação, em sentido contrário ao movimento em direção à autenticidade, (a) dos mecanismos psicológicos de defesa do ego resistente à mudança, (b) da pressão social para que o ser humano seja enculturado e se conforme aos termos da corrente majoritária do corpo social, isto é, com a finalidade de que modele a si mesmo consoante o *status quo* vigente, sob pena, inclusive, de sofrer perseguição, marginalização e até extermínio, e (c) da desumanização levada a efeito em razão

do caráter competitivo da sociedade capitalista e da cultura consumerista em que se insere a pessoa, que condiciona o indivíduo a se acomodar com a perspectiva transitória e efêmera de ganhos materiais e conforto temporal (WONG, 2009, p. 363; WONG 2010, p. 3; WONG, 2016b).

Wong ressalta que a felicidade autêntica deriva de um autêntico *modus vivendi* a depender não só do esforço do indivíduo de brotar em si o que tem de melhor, mas igualmente da sociedade, uma vez que cumpre a esta contemplar as necessidades humanas mais profundas de conexão social e espiritualidade (WONG, 2009, p. 363; WONG 2010, p. 3; WONG, 2016b).

Wong divisa a busca da felicidade como o reflexo não apenas de um fenômeno cultural e de expectativas moldadas por condicionamentos sociais, como também de uma tendência universal dos seres humanos voltada ao crescimento pessoal, à autoatualização e à reforma social, no bojo de questionamentos recorrentes sobre o que há para além dos horizontes atuais do seu percurso existencial (WONG, 2009, p. 363-364; WONG 2010, p. 4; WONG, 2016b).

O cerne da mobilização do indivíduo em prol da sua felicidade autêntica não deve ser pautado por uma visão estreita, centrada no aumento da sua felicidade, no alcance de níveis ótimos de satisfação com a própria vida, em fórmulas preestabelecidas de como conquistar a vida feliz e na expectativa de positividade perpétua e felicidade perene. Em vez disso, deve-se trilhar uma caminhada existencial orientada pelo sentido e pela autenticidade, cujos efeitos serão uma maior felicidade autêntica, por vezes nascida do reconhecimento e da transmutação de constantes paisagens psíquicas demarcadas pela dor e pelo sofrimento (WONG, 2009, p. 363-365; WONG 2010, p. 4; WONG, 2016b).

Salienta a importância do descontentamento saudável, que motiva o indivíduo à procura da felicidade, porque se volta à aquisição de valores superiores e maiores virtudes, mantendo a sua fé e devoção a propósitos elevados, que transcendem a esfera do seu próprio interesse individual, quando atua desprovido de ganância pessoal e ambições cegas, que geram descontentamento destrutivo (WONG, 2009, p. 364-365; WONG 2010, p. 4; WONG, 2016b).

Wong frisa, ainda, que o ser humano se distancia do seu crescimento pessoal e se torna mais vulnerável à depressão, caso se iluda com uma felicidade superficial, ao submergir em processos psicológicos delineados pelo ânimo de evitar o sofrimento, em vez de acolhê-lo, de minimizar emoções negativas, em vez de reconhecê-las tais como se apresentam, e de criar atalhos psíquicos, a fim de vivenciar uma forma artificial de felicidade, à moda da Disneylândia (WONG, 2009, p. 364; WONG 2010,

p. 4-5; WONG, 2016b).

Conquanto Wong (2009, p. 364; 2010, p. 4-5; 2016b) não situe a felicidade hedônica ou hedonista no seu tríplice rol da felicidade madura (felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica), reconhece que ela pode contribuir para o bem-estar subjetivo, na qualidade de uma experiência sensorial a caminho da felicidade ou na condição de ponto culminante do sentido de felicidade experimentado por muitas pessoas (WONG, 2011, p. 70).

No entanto, Joar Vittersø (2016, p. 260) redargui que, para se compreenderem as complexidades e as funções do prazer e a fim de que haja pesquisas científicas profícuas sobre o bem-estar hedônico e eudaimônico, convém abraçar um entendimento mais amplo da hedonia do que aquele esposado por Wong (WONG, 2011, p. 70).

Afilia-se, o pesquisador norueguês, à corrente segundo a qual o prazer se reporta a questões quer de cariz básico ou fundamental e de cunho sensorial, sexual e social, quer de ordem superior, de maior sofisticação, ilustradas por prazeres de natureza monetária, artística, musical, altruística e transcendental (VITTERSØ, 2016, p. 260).

4. A FELICIDADE EUDAIMÔNICA

Por sua vez, a felicidade eudaimônica ou eudaimonística, na visão peculiar de Wong, destoa da corrente majoritária da Psicologia Positiva. O psicólogo clínico sino-canadense critica a PP tradicional (que chama de PP 1.0), porque entende que ela ventila uma definição deficitária de eudaimonia, contaminada por uma neutralidade axiológica cientificista e reducionista, limitada a parâmetros metodológicos do behaviorismo e das Ciências Naturais, como a Física e a Química, a olvidar os contributos de outras áreas, como a Filosofia, a Fenomenologia e a História. Por isso, almejando se distanciar desse paradigma alegadamente neutro e reducionista, confere à felicidade eudaimonística uma índole inculpada pela supremacia da dimensão da virtude, sobretudo pelo seu ângulo ético-moral (WONG, 2009, p. 364-365; WONG 2010, p. 5; WONG, 2011, p. 70; WONG, 2014a, p. 103; WONG, 2016b; WONG; ROY, 2018, p. 146-147). Wong, ao assim proceder, denota afinidade com o pensamento de Louise Sundararajan (2005, p. 54).

Em meados da década de 2000, Sundararajan conclamava a Psicologia Positiva a se debruçar sobre questões morais. Ressaltava que discussões científicas de temáticas pertinentes à PP deveriam reconhecer a centralidade da dimensão axiológica quanto ao bem-estar e à felicidade humana. Recomendava que a PP se abeberasse no legado da Psicologia Humanista, espelhando-se na capacidade da PH de

contemplar, em suas reflexões, a problemática dos valores (SUNDARARAJAN, 2005, p. 54).

Meditando a respeito da definição de Wong de felicidade eudaimônica, Carmel Proctor e Roger G. Tweed reputam pertinente incluir nas medições da felicidade a dimensão da virtude. Sublinham que a virtude não é somente um elemento complementar, a aprimorar a vivência da eudaimonia, e sim condição essencial para que ela se faça presente (PROCTOR; TWEED, 2016, p. 281-282).

Ao interpretarem a obra “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, Proctor e Tweed ressaltam que, apesar de persistirem as divergências sobre qual a acepção de eudaimonia a que se referia o filósofo grego, pode-se depreender de seus escritos que, para o pensamento aristotélico, a eudaimonia (a) pode ser alcançada pela busca e pelo exercício da virtude ou da excelência, (b) é uma atividade moralmente boa (excelência moral) ou intelectualmente boa (excelência intelectual), e (c) as atividades que produzem excelência são virtuosas, ao evitarem tanto o excesso quanto a deficiência (PROCTOR; TWEED, 2016, p. 277).

Os contornos dados por Wong à felicidade eudaimônica lembram, em parte, a sua definição de felicidade prudencial. A felicidade de natureza prudencial concerne à satisfação decorrente de uma vida plena de engajamento, na qual se vivencia o estado de fluência (*flow*) e outras expressões características do alto contentamento experimentado pela prática de atividades que se efetua com excelência, sentindo-se prazer por se levar a cabo, com requinte, aquilo que se gosta (WONG, 2011, p. 70).

Entretanto, a felicidade eudaimônica, tal como descrita por Wong, não se trata apenas do bem-estar subjetivo em consequência da alta *performance* em atividades prazerosas (seara da felicidade prudencial), e sim do engajamento e da excelência na prática das virtudes, principalmente as de cunho ético-moral (WONG, 2009, p. 364-365; WONG 2010, p. 5; WONG, 2011, p. 70; WONG, 2012, p. 5; WONG, 2014a, p. 103; WONG, 2016b).

Uma vez diferenciada a felicidade prudencial dos traços dados por Wong à felicidade eudaimônica, distinção acima realizada, cumpre distinguir esse desenho de felicidade eudaimonística da felicidade hedonística. Nesse panorama, Kwang-Kuo Hwang, ao efetuar cotejo entre a felicidade hedonística e a concepção de Wong de felicidade eudaimonística, elucida que a felicidade própria do hedonismo enfatiza a felicidade no presente momento, as fontes externas de felicidade, o sucesso mundano, a prevenção de fracassos e sacrifícios e a otimização de experiências positivas (HWANG, 2019, p. 302).

O hedonismo anseia por potencializar o bem-estar não apenas hedônico propriamente dito, como também prudencial, acima referido. Já a

felicidade eudaimônica, conforme elaborada por Wong, enfoca a satisfação com a própria vida em um sentido holístico. Significa nutrir a própria vida interior com paz e contentamento. Quer dizer também acalentar ideais dignificantes, ainda que às custas de sacrifício pessoal, e atualizá-los, aos olhos de uma perspectiva mais ampla da coexistência no mundo, o que pode robustecer o bem-estar tanto eudaimonístico (dimensão da virtude, com tônica ético-moral) quanto cairônico (dimensão espiritual ou transcendental, sobre a qual se versará no tópico subsequente a este) (HWANG, 2019, p. 302).

Nesse sentido, a felicidade eudaimônica vem a lume, quando se vivencia o bem no ser e no agir, por meio de um estilo de vida em que prepondera a busca pelo primor no desempenho das virtudes. Impregna-se, o indivíduo, do cultivo de sentido e propósito, com a disposição firme de fazer o bem, de proceder de maneira moralmente apropriada, decente e responsável, consoante, geralmente, ditam os critérios da moral social do meio em que se encontra inserto. A isso se associa o ânimo de propiciar uma diferença positiva nos cenários individual e coletivo, levando-se em conta as necessidades próprias, alheias e do todo, de que resulta uma profunda alegria de viver e de se sentir em estado elevado de plenitude ou florescimento (WONG, 2009, p. 364-365; WONG 2010, p. 5; WONG, 2011, p. 70; WONG, 2012, p. 5; WONG, 2014a, p. 103; WONG, 2016b). Avraham Cohen e Heesoon Bai, na contextura da PP 2.0, sustentam a possibilidade de que o processo de envelhecimento se torne uma alavanca para a transformação de estruturas egóicas do idoso. Preconizam que o foco individualista na sobrevivência seja paulatinamente substituído, durante a terceira idade, pelo sentimento amoroso e pela sabedoria, canalizados ao bem-estar não só de si próprio, como também dos outros e da humanidade em geral (COHEN; BAI, 2019, p. 475).

Consoante realça Wong, o bem viver diz respeito não apenas ao bem-estar subjetivo de cada pessoa, mas também ao bem intrínseco (WONG, 2012, p. 103).

No imo da felicidade eudaimônica, portanto, na perspectiva do psicólogo sino-canadense, situa-se o imperativo da virtude. Relaciona-se à habilidade de se tornar a pessoa que se quer ser, bem como ao conjunto de valores e forças de caráter que se anela ter e se pretende florescer em si próprio. Diz respeito ao agir em benefício tanto do bem individual quanto do bem comum, à luz de balizas ético-morais congruentes com o interesse seja individual, seja coletivo. Na vivência dessa concepção eudaimonística de felicidade, prepondera o interesse da coletividade, quando em colisão com o interesse individual, de forma que as sociedades se desenvolvam norteadas pelos valores da justiça e da

compaixão, sem a prevalência do individualismo (WONG, 2011, p. 72-73).

Nessa tessitura, a felicidade eudaimônica é palmilhada pelas pessoas que perfazem um percurso existencial que lhes permite evitarem remorsos acerca da própria trajetória e, ao mesmo tempo, conduzirem-se, ao longo de sua existência, com a característica de haverem tratado os seus pares de modo gentil e admirável, ou, ainda, de terem lutado com coragem, dignidade e autossacrifício, dedicando-se a causas nobres (WONG, 2012, p. 5; WONG, 2014a, p. 103; WONG, 2014b, p. 175).

Wong se reporta ao exemplo de Mahatma Gandhi (Mohandas Karamchand Gandhi, 1869-1948), cuja parcela expressiva de sua vida adulta, até o seu assassinato, foi devotada à luta anticolonial, à unidade e à pacificação do subcontinente indiano e aos valores da não violência (*ahimsa*). Refere-se, igualmente, a Martin Luther King, Jr. (1929-1968), mártir do movimento dos direitos civis e da luta contra a segregação racial nos Estados Unidos. Invoca, ainda, Nelson Rolihlahla Mandela (1918-2013), ex-presos político e ex-militante do movimento revolucionário contra o *apartheid* que, como Presidente da República da África do Sul (1994-1999), notabilizou-se como o maior artífice e símbolo da democracia multiétnica e multicultural sul-africana (WONG, 2012, p. 5; WONG, 2014a, p. 103; WONG, 2014b, p. 175).

É possível que a fé na humanidade (*faith in humanity* – FIH) (TWEED; MAH; CONWAY III, 2020) fortaleça o idealismo ético-moral e cívico relativo ao engajamento por transformações políticas e sociais em benefício de um mundo melhor não só para si mesmo, seus familiares e amigos, mas também para a sua comunidade, o seu povo e a humanidade em geral, em prol da presente e das futuras gerações. Trata-se, pois, de parcela integrante do substrato da felicidade eudaimonística tal como concebida por Wong.

Nesse passo, Roger G. Tweed, Eric Y. Mah e Lucian Gideon Conway III propõem que a fé na humanidade seja um constructo unificador entre a Primeira e a Segunda Ondas da Psicologia Positiva e, ao mesmo tempo, entre os pesquisadores da Psicologia Positiva e, de outro lado, os profissionais adeptos da PP. De acordo com tais pesquisadores, Ghandi e Luther King, Jr., acima mencionados, seriam exemplos eloquentes do quanto que a fé na humanidade galvaniza o engajamento do ser humano em questões sociais e humanitárias (TWEED; MAH; CONWAY III, 2020).

Segundo essa linha de raciocínio, Ghandi e Luther King, Jr., seriam paradigmas de pessoas que nutriram fé na humanidade, por meio (a) da disponibilidade e da presteza de cultivarem a percepção positiva do outro, em relação aos seus traços, intenções, potenciais e impacto em outras pessoas (*readiness to perceive positive traits*,

intention, potential, and impact in people – RtPP), bem como (b) da disponibilidade e da presteza de se comportarem em linha de coerência com essa percepção positiva do outro e com o entendimento de que as pessoas possuem valores, potenciais ou efetivos (*readiness to enact positive perception* – RtEP). Nessa ordem de ideias, indivíduos como Ghandi e Luther King, Jr., têm essa disponibilidade e presteza de percepção positiva do outro e de comportamento congruente com essa percepção, mesmo em relação àqueles que se encontram em polo contrário ou oposto ao seu (TWEED; MAH; CONWAY III, 2020).

Em outras palavras, Tweed, Mah e Conway III, por meio do constructo da fé na humanidade, obtemperam que o indivíduo veja o seu antagonista ou indivíduos em posição adversa à sua como pessoas que possuem suas próprias qualidades positivas, ainda que em potência e sem deixar o discernimento se contaminar por otimismo ingênuo e irrealista (TWEED; MAH; CONWAY III, 2020).

Embora cientes da maldade humana e do discurso de ódio a eles endereçados, Gandhi acalentava a convicção de que muitos dos seus opressores e oponentes tinham o potencial positivo de compreenderem os próprios erros e de se converterem, por conseguinte, em aliados das suas causas pacifistas e emancipatórias, ao passo que Luther King, Jr., acreditava que muitos segregacionistas tinham, em outros aspectos de suas vidas, condutas positivas, ao desempenharem papéis sociais, como vizinhos, familiares e colegas de trabalho (TWEED; MAH; CONWAY III, 2020).

O constructo da fé na humanidade de Tweed, Mah e Conway III, ao robustecer uma vivência eudaimonística lastreada no sentido ético-moral e cívico de servir a coletividade, na medida em que proporciona um olhar de abertura ao que há de potencial ou concretamente positivo em quem se encontra em uma posição distinta ou divergente, mostra-se relevante no momento atual da humanidade, caracterizado, nos dizeres de Kirk J. Schneider, pela chamada praga psicossocial da *mente polarizada*, locução cunhada por Schneider no movimento existencial e humanista dos EUA (SCHNEIDER, 2019, p. 101).

Cuida-se de referência, feita por Schneider, à crescente tendência de os seres humanos se fixarem no próprio ponto de vista e daqueles com quem comungam do mesmo pensamento, visão de mundo, doutrina e/ou ideologia, com a completa desconsideração e, por vezes, repúdio a entendimentos distintos, que são deturpados e estereotipados, deixando-se de aproveitar o que há neles de positivo ou ponderável (SCHNEIDER, 2013, p. 160-121; SCHNEIDER, 2019, p. 101).

Tim Lomas procedeu a uma revisão da literatura especializada, analisando 175 artigos científicos (LOMAS, 2019, p. 341-395). Inspirado não só na análise comparativa das pesquisas

(experimentais, fisiológicas, do tipo *survey* e qualitativas) por ele examinadas, mas também na biografia de Luther King, Jr., acima aludida, constatou a possibilidade de que a vivência da raiva, quando despertada por meio da sensibilidade moral do indivíduo, seja redirecionada no *setting* terapêutico, com um viés adaptativo e construtivo. Refere-se à *raiva moral*, encetada em consequência de transgressões contra o ser humano, como a injustiça e a violência, praticadas em detrimento da pessoa que experiencia a raiva ou em prejuízo de terceiro (LOMAS, 2019, p. 341 e 382-385).

Almeja-se que, desse modo, a raiva moral se transmute em emoções positivas e *pro societate*, à medida que se converte em fator motivacional para o desenvolvimento (a) de uma postura mais assertiva no resguardo da própria integridade e reputação, (b) da virtude da coragem e (c) de maior disposição ao engajamento em questões sociais e humanitárias, mormente, causas progressistas e de transformação social (LOMAS, 2019, p. 341 e 382-385).

Essa moldura de felicidade eudaimônica, planteada por Wong, guarda sintonia com a Logoterapia (WONG, 2014b, p. 175). Percebe-se a afinidade de ambas, nesse aspecto, com o ideal, de matriz judaico-cristã, de praticar o bem, aumentando-se a responsabilidade pessoal, a fraternidade e o serviço em prol de outrem. Nota-se a deferência de ambas aos valores intrínsecos da vida e da justiça, inclusive uma compatibilidade ideológica com a resistência e a oposição a regimes políticos autoritários e totalitários, como o nazifascismo (WONG, 2014b, p. 175).

Essa imbricação entre a felicidade eudaimônica e os valores ético-morais relacionados ao civismo, à cidadania, à justiça, inclusive justiça social, e a causas sociais e humanitárias progressistas em geral, acaba por plasmar contraponto à crítica de Oksana Yakushko de que a Psicologia Positiva é uma espécie de polianismo acadêmico e cientificista, a serviço da manutenção do *status quo* social e político, a apresentar as reações afetivas humanas desvinculadas dos direitos humanos e a minimizar ou a negar as dimensões individual e coletiva da injustiça e do sofrimento (YAKUSHKO, 2019, p. 2).

Dessarte, situam-se, no espectro desse desenho de felicidade eudaimônica, os projetos de vida que vão além da promoção do bem-estar individual, fomentando o fortalecimento da sociedade civil e o ativismo em prol de reformas sociais e políticas a homenagearem os valores da justiça e do bem comum (HANG, 2019, p. 520; WONG, 2011, p. 72 e 77).

Tem-se em mente que o crime, a corrupção, a injustiça, a opressão e a pobreza adoecem o indivíduo e a sociedade e obstam uma vida de plenitude e saúde integral. Portanto, o verdadeiro

bem viver se reveste de uma abrangência, simultaneamente, tanto individual quanto coletiva (HANG, 2019, p. 520; WONG, 2011, p. 72 e 77).

A felicidade eudaimônica pode ser despertada pelo sentimento de impotência, de indignação, de frustração e de raiva em virtude de situações injustas e opressivas. É emblemática a história de vida de Frankl, que, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, nos quais perdeu a sua família imediata, excetuada a sua irmã (ALLPORT, 2014, p. 5; DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 17), durante a Segunda Guerra Mundial, legou à humanidade, por meio da Logoterapia, nas palavras de Gordon Willard Allport (1897-1867), “uma visão surpreendentemente positiva da capacidade humana de transcender sua situação difícil e descobrir uma adequada verdade orientadora” (ALLPORT, 2014, p. 8; WONG, 2014b, p. 150, 162 e 175).

Por outro lado, David F. Carreno e José Antonio Pérez-Escobar reconhecem que a Psicologia Existencial Positiva de Wong franqueia um leque plural de análises existenciais plausíveis para se elucidar como as mais diversas formas de adição se desenvolvem e se mantêm em determinados indivíduos. Todavia, ponderam que muitas pessoas repelem o estilo de vida dotado de sentido *pro societate* (CARRENO; PÉREZ-ESCOBAR, 2019, p. 430).

Explica-se: para que ele seja incorporado como o *modus vivendi* de uma pessoa, é imprescindível que o indivíduo aprenda a lidar com o sofrimento e assuma a responsabilidade pelas próprias ações, o que contrasta com as características prevaletentes nas sociedades atuais, untadas de materialismo e individualismo, com crescente despersonalização e desumanização, por força da competição em escala global. Depreende-se que esse é o caldo de cultura que acarreta a preponderância do vácuo existencial na contemporaneidade, de que as viciações são somente um dos seus reflexos (CARRENO; PÉREZ-ESCOBAR, 2019, p. 16 e 430).

5. A FELICIDADE CAIRÔNICA

Por fim, a felicidade cairônica, oriunda da palavra grega *chairo*, com o sentido de bençãos, alegria ou de traduzir o dom divino da felicidade. Emerge da natureza espiritual do ser humano, isto é, surge por intermédio de intensas experiências de bem-estar subjetivo de ordem espiritual, ilustradas pelo contentamento experimentado pelos monges zen-budistas e pelo êxtase vivenciado pelos místicos cristãos, como São Francisco de Assis (IVTZAN; LOMAS; HEFERON; WORTH, 2016, p. 158-159; WONG, 2009, p. 364-365; WONG 2010, p. 5; WONG, 2011, p. 70; WONG, 2016b).

Exprime o caminho espiritual para a felicidade, construído por meio da abertura para se estar

atento e presente na vivência da realidade transcendental, a exemplo das experiências de pico, das meditações com atenção plena e dos encontros transcendentais (WONG, 2011, p. 70).

Dessa maneira, aflora-se a sensibilidade para se experienciar, reconhecer e acolher o sentimento de unidade com a natureza ou com a deidade, e se vivenciarem a gratidão e as manifestações de gratificação existencial desencadeadas pela estupefação e pelo assombro, ao se contemplarem fenômenos naturais ou divinos (WONG, 2011, p. 70). Pode-se chamá-la de felicidade espiritual (JANICKE; RAMASUBRAMANIAN, 2017, p. 53), sem que essa sinonímia perca coerência com a definição de felicidade cairônica hasteada por Wong (2009, p. 364-365; 2010, p. 5; 2011, p. 70; 2016b).

Dialoga, em certa medida, com a definição de *Eros espiritual* dada pelo filósofo britânico Simon Philip Walter May, concernente ao “imenso desejo, descrito por Platão e seus seguidores, de elevar-se acima do mundo transitório e imperfeito em que nascemos”, adquirindo-se “níveis crescentes de realização espiritual”, que permitem se “conquistar intimidade com a mais elevada bondade, beleza e verdade, que, no cristianismo, é evidentemente o próprio Deus” (MAY, 2012, p. 132).

No movimento existencial e humanista dos Estados Unidos, Schneider tem se sobressaído, na atualidade, por usar o termo *awe* para designar a integralidade do bem-estar humano, considerando a interação entre as suas facetas física, emocional e espiritual (SCHNEIDER, 2009, p. 179).

A felicidade cairônica de Wong recorda, em parte, o sentimento de *awe* descrito por Schneider, quando o psicólogo existencial-humanista estadunidense se reporta à humildade, à surpresa e ao espanto do ser humano diante dos mistérios da vida e em face de fenômenos que expandem a percepção humana para além de divisões fixas, estanques e paroquiais, em direção a horizontes mais amplos e profundos (SCHNEIDER, 2009, p. 179; SCHNEIDER, 2015, p. 73-75).

As considerações de Wong e Schneider lembram Robert A. Emmons, ao acentuar que, no nível das emoções e da afetividade, a espiritualidade se exprime por meio dos conteúdos emocionais ou afetivos da gratidão (*gratitude*), da estupefação e reverência (*awe and reverence*), de assombro e surpresa (*wonder*), de perdão (*forgiveness*) e da atenção plena (*mindfulness*) (EMMONS, 2006, 71-77).

Conforme se infere da revisão bibliográfica feita por Sophie H. Janicke e Srividya Ramasubramanian, a vivência espiritual pode assumir uma feição tanto *teísta* quanto *não teísta*. A felicidade cairônica *teísta* se atinge mediante a ligação ou religião do ser humano com forças superiores, em uma relação pessoal com elas, na

tessitura de uma certa religião organizada e/ou de uma doutrina teológica ou tradição espiritual específica. De outro lado, a felicidade cairônica *não teísta* consiste também em uma relação pessoal com o cosmos, contudo, traduz uma expressão mais difusa e dilatada de espiritualidade (JANICKE; RAMASUBRAMANIAN, 2017, p. 52).

A felicidade cairônica *não teísta* não se circunscreve às cercanias ideológicas demarcadas pelo vínculo a uma determinada instituição de cunho religioso ou espiritualista em sentido amplo. A felicidade cairônica *não teísta* tampouco se atém aos limites de uma dada religião ou filosofia espiritualista. Cuida-se de uma vivência mais informal e intimista do indivíduo na esfera do sagrado e do transcendente, em que se prioriza a busca do sentido existencial e da (re)conexão com o todo, em detrimento de um horizonte hermenêutico modelado pelo liame de pertencimento a instituições, a movimentos, a grupos ou a doutrinas de cariz religioso ou espiritualista (JANICKE; RAMASUBRAMANIAN, 2017, p. 52).

Holli-Anne Passmore e Andrew J. Howell desdobram a Psicologia Existencial Positiva de Wong na Psicologia Eco-Existencial Positiva (*Eco-Existential Positive Psychology*), cujo *locus* é a reconexão da humanidade com o universo da natureza. Visa à construção de um estilo de vida e de uma visão de mundo assentados na ecologia e na biofilia, para propiciar o pleno florescimento dos seres humanos e o enfrentamento de ansiedades existenciais atinentes à identidade, à felicidade, ao sentido da vida, ao isolamento, à liberdade e à morte (PASSMORE; HOWELL, 2014, p. 383).

Seguindo esses passos de Passmore e Howell na esfera da Psicologia Eco-Existencial Positiva, Sofia Softas-Nall e William Douglas Moody, ao resgatarem a faceta ecológica do pensamento de Rollo Reece May (1909-1994), tido como o patrono da Psicologia Existencial e o principal intérprete do existencialismo nos Estados Unidos (SHAPIRO, 2016, p. 31; WILBER, 2003, p. xi), instam os profissionais da Psicologia Positiva e da Psicologia Ecológica a promoverem a reconexão do ser humano com a natureza e o reposicionamento da natureza como valor social precípuo (SOFTAS-NALL; MOODY, 2017, p. 249).

Dessa forma, Softas-Nall e Moody entendem que se enriquece a existência humana, na medida em que se fomenta o autoconhecimento, combatem-se a ansiedade e a ausência de sentido na contemporaneidade e, ademais, proporciona-se o florescimento pleno das potencialidades humanas (SOFTAS-NALL; MOODY, 2017, p. 249). Reavivam o ensinamento de May de que o relacionamento do ser humano com a natureza, caso não seja bloqueado pela tecnologia nem pela mecânica, viabiliza “o acesso

às regiões mais profundas da nossa experiência” (MAY, 1982, p. 69).

May salienta que “a perda de contato com a natureza acompanha a perda do senso de si mesmo” (MAY, 2011, p. 68). Assinala a necessidade de que os seres humanos se relacionem com a natureza, a fim de que lancem “raízes de volta ao solo natural” (MAY, 2011, p. 67). Contudo, May ressalva que essa interação deve ser antecedida da tomada de “consciência de si mesmo” e da estruturação de “um *self* vigoroso”, afirmando-se a própria personalidade, para que o indivíduo possa “relacionar-se plenamente com a natureza sem ser por ela absorvido”, vale dizer, sem se impactar ante “o caráter impessoal da natureza”, colmatando-se os silêncios dela “com a própria vida interior” (MAY, 2011, p. 67).

Ainda sobre as aproximações entre a felicidade cairônica de Wong e o pensamento de May, é importante ter em mente a perspectiva do psicólogo estadunidense sobre as experiências espirituais. May se mostrou favorável às pesquisas sobre o diálogo entre psicologia e religião e foi estudioso das manifestações de espiritualidade, inclusive em culturas indígenas brasileiras (MAY, 1989, p. 244-245; MAY; KRIPPNER; DOYLE, 1992, p. 310-315).

No entanto, May advertia que os elevados estados de consciência não se alcançam com base no automatismo, e sim mediante o prévio desenvolvimento do ego e da personalidade, palmilhando-se o permanente processo psicológico de individuação, sem fugas psicológicas da dor tampouco do sofrimento, sem se tornarem tais vivências transcendentais mecanismos de escape das problemáticas da própria personalidade e da vida cotidiana. Significa dizer: sem se buscarem atalhos para a iluminação espiritual, desconsiderando-se o aqui-agora de cada um e as complexidades de cada pessoa (MAY, 1989, p. 244-245; MAY; KRIPPNER; DOYLE, 1992, p. 310-315).

Consoante preconiza essa linha de raciocínio, imperioso evitar que o indivíduo faça das experiências de índole transcendental o ensejo para a autoindulgência, para cultivar em si um sentimento de onipotência e onisciência e deixar de lado o autoconhecimento e o autoenfrentamento (MAY, 1989, p. 244-245; MAY; KRIPPNER; DOYLE, 1992, p. 310-315).

Em outras palavras, a pessoa, ao trilhar a senda das experiências espirituais, deve continuar consciente dos paradoxos da condição humana e acolhê-los, inclusive as emoções negativas, como a raiva, a tristeza e a frustração, transmutando-as, ao conferir a elas uma finalidade criativa de clarificar e moldar suas metas, escolhas e o seu percurso de autodesenvolvimento (MAY, 1986a, p. 69-81; MAY; KRIPPNER. DOYLE, 1992, p. 314-315). Trata-se de um posicionamento, pois, em sintonia

com o feito dialético da proposta de Wong de uma PP 2.0, conforme acentuado em passagens pretéritas deste artigo.

Em resposta às críticas de May (1986b), Schneider (1987, p. 196-216) e Albert Ellis (1986, p. 146-151) ao movimento transpessoal, nos Estados Unidos dos anos 1980, Kenneth Earl Wilber II (Ken Wilber) externou entendimento (WILBER, 1989, p. 457-469) que possui pontos de convergência com as ponderações de May atrás sumuladas (MAY, 1989, p. 244-248), apesar da dificuldade, apresentada naquela década, de escuta e de acolhimento aos seus pontos de vista por nomes renomados (como May) e em ascensão (como Schneider) no movimento existencial e humanista dos EUA de então.

Naquela oportunidade, Ken Wilber ressaltou que a experiência mística (também por ele denominada, na ocasião, de experiência transcendental ou transpessoal), quando ela ocorre de modo direto e genuíno, leva o indivíduo a estados elevados de êxtase espiritual ou a um estado de consciência de integração com a deidade ou o cosmos. Porém, segundo esclareceu, à época, Wilber, o ato de vivenciar o transcendente não exonera o ser humano de continuar a se ocupar de outros aspectos da sua realidade (WILBER, 1989, p. 461, 463 e 465).

Wilber mencionou o exemplo dos santos e sábios que, a despeito das profundas vivências transcendentais, permaneceram às voltas com os impositivos imanentes a todos os seres humanos. Nesse rol, elencam-se as necessidades de ordem fisiológica e de sobrevivência, de trabalhar e de se relacionar com outras pessoas, e demais aspectos inerentes à condição humana, tais quais as preocupações diárias e a vivência de emoções, incluindo-se as de cunho negativo, ilustradas pela dor e pelo sofrimento. Wilber se referiu, ainda, a uma profunda angústia existencial, despertada ou aguçada, por vezes, após essas vivências transpessoais propiciarem ao indivíduo uma percepção mais dilatada da realidade (WILBER, 1989, p. 461, 463 e 465).

O diferencial cotidiano agregado por essas experiências transcendentais seria a de que elas ajudariam aqueles que as vivenciaram a sentirem maior compaixão por toda a humanidade, inclusive em relação a eventuais agressores. Citou os monges tibetanos que, no leito de morte, abençoaram soldados chineses que os torturaram durante a invasão militar, na década de 1950, e a subsequente anexação do Tibete pela República Popular da China (WILBER, 1989, p. 461, 463 e 465). Frisou que a transcendência é um mecanismo de evolução, crescimento e desenvolvimento que deve se manifestar no mundo em que a pessoa se encontra e no seu momento presente (WILBER, 1989, p. 467).

Victoria L. Bowers, ao traçar pontos de interseção entre a PP 2.0, espiritualidade e

Psicologia Transpessoal, resplandece que o crescimento da vivência espiritual serve de meio para a pessoa transmutar circunstâncias negativas em força, em contentamento e em felicidade madura, mediante a aplicação de estratégias espirituais para o enfrentamento de tais situações, bem como pelo desenvolvimento da coragem, da autocompaixão e da heterocompaixão e de atividades de busca de sentido à própria existência (BOWERS, 2019).

Bowers enfatiza que a felicidade profunda e completa deflui de uma expansão da perspectiva pessoal e da visão de mundo, com esteio na interface entre a cultura humana e o mundo da natureza, tendo em mente que, ao se direcionar a aspiração humana para a seara espiritual, reforça-se a natureza transcendental da humanidade. Percebe que a inclusão da espiritualidade na prática da clínica psicológica permite aos clientes explorarem partes mais profundas de si mesmos, iniciando uma jornada pessoal dirigida ao crescimento pessoal, à vereda da transcendência e à felicidade madura (BOWERS, 2019).

Essa linha de entendimento se coaduna com o exposto no livro-texto de PP 2.0 publicado em 2016, escrito em conjunto por Itai Ivztan, Tim Lomas, Kate Hefferon e Piers Worth. Na mencionada obra coletiva, realça-se que a transcendência permite ao indivíduo ir além da identidade consigo mesmo e, assim, estabelecer interconectividade com outros, ou seja, uniões intersubjetivas com outras pessoas, e com a dimensão sagrada e divina da experiência humana (IVTZAN; LOMAS; HEFERON; WORTH, 2016, p. 144 e 155).

Desse modo, Ivztan *et al.* se reportam à concepção de que a transcendência significa uma expansão de âmbito interno (maior autoaceitação), externo (interconexão com outros indivíduos e com a natureza), superior (projetando-se em direção a um plano espiritual maior ou se adquirindo um sentido mais elevado de propósito) e temporal (integrando-se passado, presente e futuro) (IVTZAN; LOMAS; HEFERON; WORTH, 2016, p. 155; REED, 1991, p. 5).

Em artigo científico publicado em 2019, Lilian Jans-Beken e Wong sinalizam a validação preliminar da Escala de Gratidão Existencial, projetada para se medir a tendência humana de exercitar a *gratidão existencial*, assim entendida como a atitude de gratidão posta em prática tanto nas situações agradáveis e benfazejas quanto em momentos difíceis e desafiadores (JANS-BEKEN; WONG, 2019).

Trata-se do desdobramento de um projeto de pesquisa que, no seio da PP 2.0, devota-se à consolidação da Psicologia Positiva do Sofrimento. A referida pesquisa detectou uma firme associação entre o exercício da gratidão existencial e o cultivo do bem-estar espiritual, significativamente maior em contraste com a

denominada *gratidão disposicional*, é dizer, aquela manifestada somente nos momentos de bonança e de emoções positivas. Inferiu-se, ainda, que as pessoas que pontuam alto em gratificação existencial apresentam maior bem-estar espiritual, comparadas com aquelas que denotam elevado percentual de gratidão disposicional (JANS-BEKEN; WONG, 2019).

Avraham Cohen e Heesoon Bai almejam contribuir para que, na PP 2.0, seja sedimentada uma visão pós-egoica da humanidade a sobrepujar a polarização do binômio positivo-negativo, motivo por que preconizam uma abordagem clínica do envelhecimento com inspiração taoísta. Defendem que os fatores negativos da velhice sirvam de ensejo para a alvorada de um novo estilo de vida, mais saudável, orientado pelos conhecimentos ancestrais do taoísmo (também chamado de daoísmo) relativos ao cultivo da sabedoria, da compaixão, do contentamento e da criatividade alicerçada no *qi* ou *chi*, o qual é visto, nessa expressão de espiritualidade milenar chinesa, como a energia vital do cosmos (COHEN; BAI, 2019, p. 472-487).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância e o impacto social das pesquisas científicas de Paul T. P. Wong acerca da felicidade madura, tripartida nas felicidades autêntica, eudaimônica e cairônica, na tessitura da sua proposta de Psicologia Positiva 2.0, pode ser inferida, a título ilustrativo, da pluralidade da produção científica que, referenciadas ao longo deste trabalho, inspirou-se na visão de Wong de uma Psicologia Positiva ancorada em suas dimensões existencialista e indigenista e que prestigia uma felicidade centrada na autenticidade, na excelência ético-moral e na vivência espiritual profunda. Tais pesquisas científicas, com destaque àquelas veiculadas na última meia década, oferecem à comunidade acadêmica e à sociedade em geral não apenas contribuições ao progresso das Ciências Psicológicas (relevância e impacto social indireto), como também técnicas e metodologias que podem ter efeitos práticos no cotidiano dos profissionais da Psicologia e de outras Ciências da Saúde e dos seus clientes (relevância e impacto social direto).

Por outro lado, essas investigações científicas veiculadas em periódicos especializados, sobretudo, de meados da década de 2010 até o presente momento, comprovam o vasto potencial da PP 2.0 para (a) unir pesquisas qualitativas e quantitativas, (b) combinar estudos clínicos, análises existenciais e fenomenológicas, testes psicológicos, pesquisas experimentais, fisiológicas, de opinião e levantamentos estatísticos, (c) associar conhecimentos do mundo acadêmico e do universo das religiões e

da espiritualidade, (d) conjugar a análise das polaridades positiva e negativa inerentes ao mundo humano e da natureza e (e) conceber e aperfeiçoar abordagens terapêuticas integrativas e dialéticas e, ao mesmo tempo, coerentes com o fomento das emoções positivas, das virtudes, das forças de caráter e de assinatura, em benefício da felicidade e do bem-estar do indivíduo e da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, Gordon W. Prefácio à edição norte-americana de 1984. Tradução de Walter O. Schlupp. Revisão técnica de Helga H. Reinhold. In: FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 35. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 5-8.
- BOWERS, Victoria L. Transpersonal psychology and mature happiness in the context of counseling. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, 20 Aug. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1634518.
- CARRENO, David F.; PÉREZ-ESCOBAR, José Antonio. Addiction in existential positive psychology (EPP, PP 2.0): from a critique of the brain disease model towards a meaning-centered approach. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, v. 32, n. 3-4, p. 415-435, Jul.-Sep. 2019, Oct.-Dec. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1604494.
- COHEN, Avraham; BAI, Heesoon. Eastern wisdom, inner work, and aging: a contribution in second wave positive psychology. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, v. 32, n. 3-4, p. 472-48, Jul.-Sep. 2019, Oct.-Dec. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1624253.
- DEURZEN, Emmy van; ADAMS, Martin. **Skills in Existential Counselling & Psychotherapy**. 2nd. ed. London: SAGE, 2016. (Skills in Counselling & Psychotherapy)
- ELLIS, Albert. Fanaticism That May Lead to a Nuclear Holocaust: The Contributions of Scientific Counseling and Psychotherapy. **Journal of Counseling & Development**, Alexandria, v. 65, n. 3, p. 146-151, Nov. 1986. DOI: 10.1002/j.1556-6676.1986.tb01262.x.
- EMMONS, Robert A. Spirituality: Recent Progress. In: CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; CSIKSZENTMIHALYI, Isabella Selega. **A Life Worth Living: Contributions to Positive Psychology**. New York: Oxford, 2006. Chap. 4, p. 62-84. (Series in Positive Psychology)
- FRANKL, Viktor E. A tese do otimismo trágico: pós-escrito de 1984. Tradução de Carlos C. Aveline. Revisão técnica de Helga H. Reinhold. In: FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 35. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Parte III, p. 160-176.
- HWANG, Kwang-Kuo. A psychodynamic model of Self-nature. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, v. 32, n. 3-4, p. 285-306, Jul.-Sep. 2019, Oct.-Dec. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2018.1553147.
- IVTZAN, Itai; LOMAS, Tim; HEFFERON, Kate; WORTH, Piers. **Second Wave Positive Psychology: Embracing the Dark Side of Life**. Abingdon; New York: Routledge, 2016.
- JANICKE, Sophie H.; RAMASUBRAMANIAN, Srividya. Spiritual Media Experiences, Trait Transcendence, and Enjoyment of Popular Films. **Journal of Media and Religion**, Philadelphia, v. 16, n. 2, p. 51-66, Apr.-Jun. 2017. DOI: 10.1080/15348423.2017.1311122.
- JANS-BEKEN, Lilian; WONG, Paul T. P. Development and preliminary validation of the Existential Gratitude Scale (EGS). **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, 20 Aug. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1656054.
- LOMAS, Tim. Anger as a moral emotion. A “bird’s eye” systematic review. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, v. 32, n. 3-4, p. 341-395, Jul.-Sep. 2019, Oct.-Dec. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1589421.
- LOMAS, Tim; IVTZAN, Itai. Second Wave Positive Psychology: Exploring the Positive–Negative Dialectics of Wellbeing. **Journal of Happiness Studies**, Heidelberg, v. 17, n. 4, p. 1.753-1.768, Aug. 2016. DOI: 10.1007/s10902-015-9668-y.
- LOMAS, Tim. The art of second wave of positive psychology: Harnessing Zen aesthetics to explore the dialectics of flourishing. **International Journal of Wellbeing**, Cambridge, v. 6, n. 2, p. 14-29, May-Aug. 2016. DOI: 10.5502/ijw.v6i2.497.
- MAY, Rollo. **A coragem de criar**. 8. ed. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MAY, Rollo. Answers to Ken Wilber and John Rowan. **Journal of Humanistic Psychology**, San Francisco, v. 29, n. 2, p. 244-248, Spring 1989. DOI: 10.1177/0022167889292007.
- MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Tradução de Aurea Britto Weissenberg. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MAY, Rollo. **Poder e inocência**: uma análise das fontes de violência. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986a.

MAY, Rollo. The Argument Against. **The Common Boundary**, v. 2, n. 2, 1986b.

MAY, Rollo; KRIPPNER, Stanley; DOYLE, Jacqueline Larcombe Doyle. The role of transpersonal psychology in psychology as a whole: A discussion. **The Humanistic Psychologist**, Washington, D. C., v. 20, n. 2-3, p. 307-317, Sum.-Aut. 1993. DOI: 10.1080/08873267.1992.9986798.

MAY, Simon Philip Walter. **Amor**: uma história. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NIEMIEC, Ryan M. Finding the golden mean: the overuse, underuse, and optimal use of character strengths. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, v. 32, n. 3-4, p. 516-528, Jul.-Sep. 2019, Oct.-Dec. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1617674.

PASSMORE, Holli-Anne; HOWELL, Andrew J. Eco-Existential Positive Psychology: Experiences in Nature, Existential Anxieties, and Well-Being. **The Humanistic Psychologist**, Washington, D. C., v. 42, n. 4, p. 370-388, Oct.-Dec. 2014. DOI: 10.1080/08873267.2014.920335.

PROCTOR, Carmel; TWEED, Roger G. Measuring Eudaimonic Well-Being. In: VITTESSØ, Joar (Ed.). **Handbook of Eudaimonic Well-Being**. New York: Springer, 2016. Chap. 18, p. 277-294. (International Handbooks of Quality-of-Life.)

REED, Pamela G. Self-Transcendence and Mental Health in Oldest-Old Adults. **Nursing Research**, Philadelphia, v. 40, n. 1, p. 5-11, Jan.-Feb. 1991. DOI: 10.1097/00006199-199101000-00002.

SCHNEIDER, Kirk J. **Awakening to Awe**: Personal Stories of Profound Transformation. Lanham: Jason Aronson, 2009.

SCHNEIDER, Kirk J. Rediscovering Awe: A New Front in Humanistic Psychology, Psychotherapy, and Society. In: SCHNEIDER, Kirk J.; PIERSON, J. Fraser; BUGENTAL, James F. T. **The Handbook of Humanistic Psychology**: Theory, Research, and Practice. 2nd. ed. Chap. 6, p. 73-81.

SCHNEIDER, Kirk J. The Chief Peril is Not a *DSM* Diagnosis but the Polarized Mind. **Journal of Humanistic Psychology**, San Francisco, v. 59,

n. 1, p. 99-106, Jan. 2019. DOI: 10.1177/0022167818789274.

SCHNEIDER, Kirk J. The Deified Self: A "Centaur" Response to Wilber and the Transpersonal Movement. **Journal of Humanistic Psychology**, San Francisco, v. 27, n. 2, p. 196-216, Spring 1987. DOI: 10.1177/0022167887272006.

SCHNEIDER, Kirk J. **The Polarized Mind**: Why It's Killing Us and What We Can Do About It. Colorado Springs: University Professors Press, 2013.

SHAPIRO, J. L. **Pragmatic Existential Counseling and Psychotherapy**: Intimacy, Intuition, and the Search for Meaning. London: SAGE, 2016.

SOFTAS-NALL, Sofia; WOODY, William Douglas. The Loss of Human Connection to Nature: Revitalizing Selfhood and Meaning in Life through the Ideas of Rollo May. **Ecopsychology**, New Rochelle, v. 9, n. 4, Dec. 2017. DOI: 10.1089/eco.2017.0020.

SUNDARARAJAN, Louise. Happiness Donut: A Confucian Critique of Positive Psychology. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, Washington, D. C., v. 25, n. 1, p. 35-60, Spr. 2005. DOI: 10.1037/h0091250.

VITTESSØ, Joar. The Feeling of Excellent Functioning: Hedonic and Eudaimonic Emotions. In: VITTESSØ, Joar (Ed.). **Handbook of Eudaimonic Well-Being**. New York: Springer, 2016. Chap. 17, p. 253-276. (International Handbooks of Quality-of-Life.)

TWEED, Roger G.; MAH, Eric Y.; CONWAY III, Lucian Gideon. Bringing coherence to positive psychology: Faith in humanity. **The Journal of Positive Psychology**, Didcot, Abingdon, 11 Feb. 2020. DOI: 10.1080/17439760.2020.1725605.

WILBER, Ken. Foreword. In: VISSER, Frank. **Ken Wilber**: thought as passion. Albany: State University of New York Press, 2003. p. xi-xv. (SUNY series in Transpersonal and Humanistic Psychology)

WILBER, Ken. God Is So Damn Boring: A Response to Kirk Schneider. **Journal of Humanistic Psychology**, San Francisco, v. 29, n. 4, p. 457-469, Fall 1989. DOI: 10.1177/0022167889294004.

WONG, Paul T. P. Chinese Positive Psychology Revisited. **International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy**, Langley, v. 6,

n.1, Feb. 2016a. Available at:
<<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 19 Feb. 2020.

WONG, Paul T. P. Chinese Positive Psychology. In: LOPEZ, Shane J. (Ed.). **The Encyclopedia of Positive Psychology**. Chichester: Blackwell, 2009, v. 1. p. 148-156.

WONG, Paul T. P. Existential Positive Psychology. **International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy**, Langley, v. 6, n. 1, Feb. 2016b. Available at:
<<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 19 Feb. 2020.

WONG, Paul T. P. Existential Psychology. In: LOPEZ, Shane J. (Ed.). **The Encyclopedia of Positive Psychology**. Chichester: Blackwell, 2009, v. 1. p. 361-368.

WONG, Paul T. P. From attunement to a meaning-centered good life: Book review of Daniel Haybron's *Happiness: A Very Short Introduction*. **International Journal of Wellbeing**, Cambridge, v. 4, n. 2, p. 100-105, Jan.-Jul. 2014a. DOI: 10.5502/ijw.v4i2.5.

WONG, Paul T. P. From Logotherapy to Meaning-Centered Counseling Therapy. In: WONG, Paul T. P. (Ed.). **The Human Quest of Meaning: Theories, Research and Applications**. 2nd. ed. New York: Taylor and Francis, 2012. Chap. 28, p. 619-647.

WONG, Paul T. P. Meaning Therapy: An Integrative and Positive Existential Psychotherapy. **Journal of Contemporary Psychotherapy**, New York, v. 40, n. 2, p. 85-93, Jun. 2010. DOI: 10.1007/s10879-009-9132-6.

WONG, Paul T. P. Meaning Therapy: Assessments and Interventions. **Existential Analysis**, London, v. 26, n. 1, Jan. 2015.

WONG, Paul T. P. Positive Psychology 2.0: Towards a Balanced Interactive Model of the Good Life. **Canadian Psychology**, Ottawa, v. 52, n. 2, Jan.-Dec. 2011, p. 69-81. DOI: 10.1037/a0022511.

WONG, Paul T. P. Positive Psychology. In: KEITH, Kenneth D. (Ed.). **The Encyclopedia of Cross-Cultural Psychology**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013. DOI:10.1002/9781118339893.

WONG, Paul T. P. Second wave positive psychology's (PP 2.0) contribution to counselling psychology. **Counselling Psychology Quarterly**, Didcot, Abingdon, v. 32, n. 3-4, p. 275-284, Jul.-Sep. 2019, Oct.-Dec. 2019. DOI: 10.1080/09515070.2019.1671320.

WONG, Paul T. P. The maturing of positive psychology and the emergence of PP 2.0: A book review of *Positive Psychology* (3rd. ed.) by William Compton and Edward Hoffman. **International Journal of Wellbeing**, Hamilton, v. 10, n. 1, 2020, p. 107-117, Jan.-Mar. 2020. DOI: 10.5502/ijw.v10i1.885.

WONG, Paul T. P. Toward a Dual-Systems Model of What Makes Life Worth Living. In: WONG, Paul T. P. (Ed.). **The Human Quest of Meaning: Theories, Research and Applications**. 2nd. ed. New York: Taylor and Francis, 2012. Chap. 1, p. 3-22.

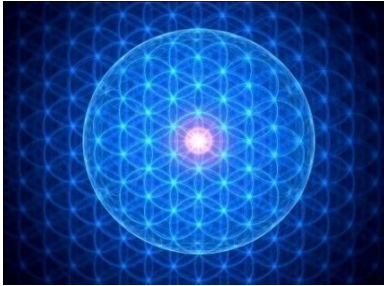
WONG, Paul T. P. Viktor Frankl's Meaning-Seeking Model and Positive Psychology. In: BATTYANY, Alexander; RUSSO-NETZER, Pninit. **Meaning in Positive and Existential Psychology**. New York: Springer, 2014b. Chap. 10, p. 149-184. DOI: 10.1007/978-1-4939-0308-5.

WONG, Paul T. P. What is Existential Positive Psychology? **International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy**, Langley, p. 1-8, v. 3, n. 1, Jul. 2010b. Available at:
<<http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy>>. Retrieved on: 19 Feb. 2020.

WONG, Paul T. P.; ROY, Sandip. Critique of positive psychology and positive interventions. In: BROWN, Nicholas J. L.; LOMAS, Tim; EIROA-OROSA, Francisco Jose. **The Routledge International Handbook of Critical Positive Psychology**. Abingdon; New York: Routledge, 2018. Chap. 10, p. 142-160.

WONG, Paul T. P.; WONG, Lilian C. J.; SCOTT, Carolyn. Beyond stress and coping: The Positive Psychology of Transformation. In: WONG, Paul T. P.; WONG, Lilian C. J. (Ed.). **Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping**. New York: Springer, 2006. Chap. 1, p. 1-26. (International and Cultural Psychology Series)

YAKUSHKO, Oksana. **Scientific Pollyannaism: From Inquisition to Positive Psychology**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019. DOI: 10.1007/978-3-030-15982-5.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

3 – SAUDADE

Gerardo Campana*

A saudade revela o ritmo de um coração que não esquece,
reconhecendo que foi muito bom, mas, já passou.

Revela o vazio não preenchido que se abre como uma flor
e esparge o perfume suave da aceitação.
É companhia que emerge das dimensões ocultas da mente
trazendo boas e belas recordações em datas significativas
ou nas noites silenciosas da jornada.

Representa o fio dourado do sentimento unindo almas
que já não estão caminhando lado a lado,
mas permanecem comungando a proximidade do amor sem fronteiras.

A saudade inicia quando o luto saudável já cumpriu sua tarefa,
reorganizando espaço e afeto em seu mundo interior,
possibilitando que a parcela de seu sentimento investida naquele que se foi,
seja desmobilizada e liberada para ser reinvestida.

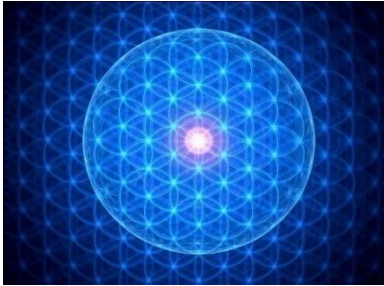
Por isso, ela, a saudade, assemelha-se a lago vivo, dinâmico,
cujas águas seguem seu curso adiante, sem deter-se, embora em sua passagem
possibilite a formação das algas que alimentam seus habitantes.

Ela alimenta a certeza que o Amor existe,
trazendo-o à memória mesmo que o objeto dele já não esteja fisicamente presente.
Mantém excitadas as fibras mais íntimas do coração, renovando o fluxo da Vida,
através das renovadas possibilidades de viver o amor que não perece.

Significa também o aprendizado da humildade,
através do qual você sente em sua intimidade que gostaria que não fosse assim,
mas reconhece o imperativo da Vida, aceitando-lhe o convite para desabrochar a aceitação,
que traz consigo a gratidão pelo que viveu e sentiu,
como presente da Vida Maior que o acolhe sem reservas.

A saudade, por fim, representa o anseio mais secreto do Ser,
que, por sentir-se separado da FONTE de onde se originou,
deseja ardentemente esse reencontro para plenificar-se no TODO do qual já faz parte.

* **Gerardo Campana** – É médico psiquiatra graduado pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde (Uncisal) e com formação em Psicoterapia de Orientação Analítica, Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, Técnicas de Regressão de Memória, Hipnose e Hipnoterapia. Atua desde 1979 no tratamento de transtornos mentais e na promoção do autoconhecimento como instrumento para resolução de conflitos e desenvolvimento de talentos. Em Alagoas, é facilitador de grupos de autoconhecimento e de meditação, e coordenador da Formação em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal. clinicalumen357@gmail.com
(82) 99340.6565 / 3028.3441.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021

ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

www.artezen.org

4 – ECOLOGIA DO CORPO CORAÇÃO MENTE E ESPÍRITO: uma jornada de autoconhecimento e cura

Nadir Esperança Azibeiro*

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de trabalho terapêutico, numa perspectiva transpessoal, a partir de uma experiência vivida e da trajetória de busca pessoal da autora, como mulher/mãe/avó/educadora/orientadora/terapeuta. Tomando como fio condutor a intensificação dos sentidos e dos *sentires*, essa proposta busca a *cura*, entendida como *harmonização do ser*, consigo mesm@¹, com @s demais, com o cosmos, a partir da autotranscendência e da ampliação da consciência. O encontro com o conceito de *matrístico*, trabalhado por Maturana, a partir do trabalho arqueomitológico de Marija Gimbutas, apresentado também por Riane Eisler como *gilânico* ou *relações de parceria*, ampliou o entendimento da *ecologia do ser*, enraizando a ética do *cuidado* e da *cooperação* nos anseios mais primordiais do *Ser em comunhão*, em busca de *plenitude*.

Palavras-chave: Perspectiva Transpessoal. Cura. Harmonização. Autotranscendência. Matrístico.

* **Nadir Esperança Azibeiro** - Terapeuta Autorizada de Polaridade Sistêmica, Especialista em Psicologia Transpessoal, Doutora em Educação, Facilitadora dos módulos de Metodologia e Escrita Criativa nos Cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal IZEN, Membro do CIT. nadirazibeiro@gmail.com

¹ Com o símbolo “@” quero indicar simultaneamente o feminino e o masculino. Ao invés de verter o gênero dos substantivos (e respectivos complementos nominais) no masculino, que seria o gramaticalmente correto, utilizo propositalmente esta forma gráfica para levantar a questão – política e cultural – do sexismo de nossa linguagem, que transforma o masculino no genérico, invisibilizando mais uma vez o feminino (ver a esse respeito Azibeiro, 1994, 2002, 2006). Neste artigo, utilizarei essa forma, ou “o/a”, “o(a)”, alternando-as, para explicitar que não existe uma forma única, “o padrão correto”, além de não cansar leitoras e leitores! Cf. também o Manual para uso não sexista da linguagem, disponível em:

<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>, além de outros textos, como os disponíveis em:

<https://petdirunb.wordpress.com/2012/06/29/linguagem-inclusiva-para-que-serve/>,

[http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1\(2\)Caldas-Coulthard.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v01n02/DS1(2)Caldas-Coulthard.pdf),

<http://culturadigital.br/drica/2010/04/22/bricolando-ser-estar-linguagem-inclusiva/>. Acesso em: 5 maio 2016.

INTRODUÇÃO

Nossa primeira responsabilidade é a de colocar em ordem a nossa casa interior, cultivando a ecologia do Ser, o que reverberará profunda e imediatamente no mundo exterior.

CREMA, 2002, p. 65.

Ecologia do Corpo, Coração, Mente, Espírito. Há quanto tempo defino assim o meu propósito enquanto *curadora*? Certamente, há mais de dez anos. Muitas páginas já escrevi sobre isso (grande parte delas meu *mac* se encarregou de perder).

Ao escolher esse título para meu trabalho final desta Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, joguei-o no Google para ver o que aparecia. E encontrei muitas afinidades, bem como inúmeros despropósitos. Foi interessante, ainda que sem sentido, em alguns momentos, e muito divertido em outros. O mais importante, no entanto, tem sido, mais uma vez, perceber que, das mais diversas formas, a partir de lugares e posicionamentos os mais distintos, há um *movimento* em direção ao Ser, à Plenitude, à Transcendência, à Transformação dos valores e das *relações*. Uma insatisfação com o que está posto. Uma busca de *mais*, de *liberdade*, de conexão com o *Todo*.

O que pretendo? Ativar *ressonâncias* (AZIBEIRO, 2002, p. 83), sincronidades, em minha trajetória, estudos, busca espiritual, processos de autodesenvolvimento, com o fim de propor um trabalho terapêutico, numa perspectiva transpessoal, a partir desse meu *percurso* como mulher/mãe/avó/educadora/orientadora/terapeuta.

Tenho uma trajetória acadêmica, que será também considerada. Mas não é esse o ponto fulcral desta busca, nem mesmo seu ponto de partida. Para propor um caminho de autoconhecimento e cura, vou retomar minhas próprias *trilhas* e fazer da escrita uma experiência fascinante de descoberta e superação – como sempre instigui orientandas e orientandos a fazerem.

Essas palavras foram escritas em 2 de fevereiro de 2016. Nos dias seguintes não retomei o texto, pois fiquei cuidando de meu filho e nora que chegaram em minha casa com uma virose que *@s derrubou*. No fim de semana seguinte, início do carnaval, percebi que eu havia “pego” a tal virose. Eu estava *derrubada*: febre, enjoo, dores pelo corpo.

Na quarta-feira de cinzas, 10 de fevereiro, acordei às 4h da manhã¹ com a *intuição*² de que eu tinha vivido nesses dias uma *jornada de autoconhecimento e cura*, que acabou se constituindo no roteiro deste trabalho e no guia de sistematização dessa proposta terapêutica.

Nos meses seguintes, retomei algumas leituras, buscando maior compreensão dos significados e vivências de *conversações matrísticas* (GIMBUTAS; MATURANA), *gilâni case de parceria* (EISLER, STONE). Ao mesmo tempo, encontrei outros autores e autoras, que cito no decorrer deste trabalho, e que, como afirmou Ubiratan D'Ambrosio, em agosto de 1994, na banca de minha defesa de mestrado, ajudaram-me a entender e explicar melhor o que eu estava *pensando sentindo vivendo*.

Nesse processo, fui tecendo esta *teia* que, como considera Wilber em sua *Odisseia* (1982, p.25), foi-se baseando “na prática e experiência pessoal tanto quanto no estudo teórico”.

Assim, este artigo busca *entretecer* a experiência vivida durante o carnaval de 2016 com as trilhas percorridas em minha trajetória de vida, lançando luz sobre a proposta terapêutica que venho denominando *Ecologia do Corpo, Coração, Mente e Espírito*.

1 UMA JORNADA DE CURA, AMPLIANDO SENTIDOS E SENTIRES

Canalizo, com o fim de embelezar, inspirando a arte.

*Selo o armazém da elegância com o tom ressonante da harmonização. Eu sou guiada pelo poder do fogo universal.*³

Na primeira noite, no meio da febre, me vi conduzida por uma loba branca a um lugar lindo! Um mar de um azul intenso, brilhante. Em meio caminho entre a praia e o horizonte,

¹ “Quatro horas da manhã é a hora da terceira força, entre a luz e a sombra, entre o dia e a noite” (WEIL apud LELOUP, 2003, p. 90).

² Jacob Bazarian (1985) trata da *intuição* como *modo de conhecimento*. Ver também a esse respeito Azibeiro (1994, 2002, 2006).

³ Sincronário da Paz (Calendário Maia). Kin 228: Estrela Ressonante Amarela. Diana de Assis (2005, p. 276) propõe outra tradução: *Recebo inspiração para embelezar/ Canalizando a arte/ Domino a fonte da elegância/ Com o Tom Harmônico da sintonia cósmica/ Guia-me o poder do Fogo Universal (Sol)*.

uma barreira de arrecifes modulando entre o rosa e o rubi. Na praia, uma areia muito branca. E, no sonho, eu não cansava de repetir: “*Que lugar lindo!*”, “*Este lugar é muito lindo!*”

Na noite seguinte, meu corpo era um fractal de luzes coloridas e doloridas. Cores das dores. Cada milímetro de meu corpo doía. Acordei gemendo alto. Sentia que cada dor, ao respirar, tinha uma cor. E eu alternava as cores para aguentar... Gemer me dava forças para suportar.⁴ Acordei, ouvindo e repetindo para mim mesma: “escolho aprender pelo amor e pela beleza”.

Tudo é tudo e todos somos UM. Essas palavras, que não eram ditas, mas *sentidas* como a única *realidade*, vibravam dentro de mim e faziam vibrar todo o meu ser, na terceira noite, enquanto uma luz intensa parecia tomar conta de mim.

Na quarta noite, às quatro da manhã, acordei sem febre. Despertei com a nítida percepção de que vivera uma jornada de cura e que era essa a experiência, vívida e vivida, de uma *ecologia do corpo, coração, mente e espírito*.

“Penso que os sonhos são a chave para entender como o científico e o místico se juntam” (PERT, 2009, p. 149). *Juntar* científico e místico, integrar o que se encontra disperso, fragmentado. Esse tem sido o maior propósito de toda a minha *jornada* interior e acadêmica. E esse é o cerne da abordagem transpessoal.

O termo ‘transpessoal’ foi referendado por Jung em 1916 e, em 1968, foi “anunciada por Maslow como uma nova abordagem em psicologia” (SALDANHA, 2006, p. 12).

O transpessoal busca, através de práticas em estados que transcendem o ego, integrar o transcendental ou espiritual nas dimensões pessoais, realizando nossa dimensão profunda, fluindo na transformação, mas sendo sensível às faíscas do eterno (ALMENDRO apud SALDANHA, 2006, p. 13).

Para Wilber (2001, p. 85), “o transpessoal procura integrar o sensorial, o introspectivo-racional e o contemplativo”. Desse modo, a abordagem transpessoal é necessariamente transdisciplinar. Essa foi, aliás, a perspectiva

que adotei desde antes de a saber definir conceitualmente, o que comecei a fazer durante o mestrado, apoiada em Weil, D’Ambrosio, Crema, Prigogine e Stengers, Fleuri, Japiassu. Possivelmente, em meus estudos, essa postura tem origem na proposta de 1ª série experimental, que vivi ao ingressar no ginásio⁵, em 1961, coordenada por Maria Nilde Mascellani⁶. Trabalhávamos com projetos de aprendizagem. As várias disciplinas se integravam em torno do mesmo projeto, ensinando-nos a dialogar com os vários saberes para aprofundar nosso conhecimento e reflexão.

Na Transdisciplinaridade não existe um piloto automático, pois não há algoritmos, modelos prontos, nem um conhecimento dogmático. Os modelos estão numa remodelação permanente diante de cada campo de reflexão e de cada campo de aplicação. Somos todos *transnautas*, explorando, criando e aplicando o imaginário transdisciplinar na complexidade dos diferentes ‘territórios’, nos diferentes níveis de realidade, incluindo a intuição racional, do coração, intelectual e essencial, e também lógicas não clássicas, com ênfase na lógica do terceiro incluído, possibilitando, assim, a emergência de novos cenários (CETRANS, 2002, p. 13).

Por isso, esse modo de *serfazer* aparece como contínua *transgressão* metodológica. Como bem explica Corazza (1996, p. 126-127):

Transgressão constituída pelo que entendo possível chamar de uma pluralidade imetódica [...] no sentido de modos de falar e pensar em que não há método estabelecido. Que não são metódicos, comedidos, discretos, circunspectos. Maneiras de fazer pesquisa nas quais não existe apenas uma maneira racional de coordenar idéias, de ordenar ‘fatos’, de regularizar, classificar, dispor, tratar, alcançar um fim determinado.

⁴ A respeito da cura pelas cores e pela entonação, ver Gardner (2007).

⁵ No Brasil, à época, o ensino formal se organizava em Primário, Ginásio e Colégio. O Ginásio corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental.

⁶ Maria Nilde Mascellani (1931-1999) idealizou e coordenou, de 1962 a 1969, o Serviço de Ensino Vocacional no Estado de São Paulo.

Assim, fui me entretendo, a partir de fazeres e saberes, *sendo*. Criando processos de alquimia de meus saberes e fazeres, do meu *ser*, propondo-me e dispondo-me a ser apoio para outros *seres*. Desmontando, como professora, a postura professoral de quem sabe *sobre*, para *saber com*. “Todos/as se descobriam capazes” (AZIBEIRO, 1994, 2002, 2006).

Há sempre um saber inscrito no fazer. Mais do que isso, um saber inscrito no *ser*. Um saber do tato, do contato, dos sabores e dos saberes, que escolhi ao longo de minha trajetória que se constituísse como *saber com* (o saber da dominação é um saber sobre). Há um saber *ins-crito* e não necessariamente *es-crito*. *Saber* que para mim tem sido percebido como *beleza*. “Para os Terapeutas de Alexandria, a beleza cura” (LELOUP, 2012, p. 28).⁷

A beleza, as belezas *naturais*, sobretudo, sempre me atraíram o olhar e aqueceram o coração. Gosto de olhar do alto em direção ao horizonte⁸. Gosto muito desta vista que descortino aqui da minha janela. No horizonte se encontram o azul do céu e o azul do mar. Bem no meio, uma Ilha, provavelmente a do Xavier. No canto esquerdo, as ondas da Joaquina. No lado direito, os múltiplos tons de verde do Morro do Lampião. Aqui, bem encostado à janela, a dança dos galhos do Flamboyant acariciados pelo mesmo vento que faz ecoar suavemente o sino pendurado acima da maca.

Ainda bem pequena gostava de sair com meu pai nos arredores da Vila Nova Conceição, em São Paulo. Ali, àquela época, as casas ainda estavam incrustadas em quarteirões de mata nativa. Eu recolhia flores (ou suas pétalas) que haviam sido derrubadas pelo vento e *cuidava* delas no

estribo do carro. Meu pai tirou fotos desses momentos e muitas vezes me contou e recontou essas histórias. Eram momentos de *cuidado* e *cura*. Quando os vivi. E sempre que os rememorei.

No estilo alexandrino, a tarefa básica do terapeuta é a de cuidar, para que a Grande Vida possa curar. Cuidar, sobretudo, da saúde e da plenitude, já que é a partir do que está bem e fluindo em nós que uma dinâmica curativa e evolutiva é impulsionada, de forma expansiva e integrativa. (CREMA, 2007).

Em minha dissertação de mestrado, falava em “inventar um paradigma ético-estético para a vida” que “é uma obra de arte”, com a qual “é necessário ter capricho” (AZIBEIRO, 1994, 2002). Encontros (re-encontros). Ressonâncias. Sincronicidades. Ao falar em estética, as pessoas em geral se remetem ao campo da arte. Entendo *estética* como algo bem mais amplo. O termo vem do grego *aesthesis*, que significa *sensível*. Estética, assim, comporta uma série de fenômenos ligados à dimensão da *sensibilidade*.

Refiro-me ao *sentir estético*, aberto à natureza e à arte; à *atitude estética*, que se prolonga e manifesta nas relações; e à *experiência estética*, que arrebatada e transmuta, constituindo-se, não raro, numa experiência transpessoal. A *experiência estética* está relacionada com a vida, em seus momentos de intensidade e êxtase e, para mim, em todos os momentos de contemplação. Ela me possibilita olhar de forma diferente a algo que é comum, estabelecendo um *suspender de certezas* e oferecendo a possibilidade de *novos olhares* e novas configurações do *ser*.

No momento da *experiência estética*, acontece um envolvimento total entre o *eu* e o objeto estético, a tal ponto que a realidade cotidiana é posta em suspensão, dando lugar ao princípio do *prazer*. Roberto Freire (1987) aproxima o prazer da conscientização (consciência ampliada, expandida). Assim o entende também Reich:

A experiência do prazer, para Reich, é uma experiência de *contato* e de *troca* que estabelece a relação entre a energia do organismo e a do ambiente, seja ele humano ou não. É também uma experiência unificadora para o próprio

⁷ Luiza Frazão, sacerdotisa celta que ministrou um dos módulos desta Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, foi enfática ao afirmar: “A Beleza é um portal”. (Florianópolis, Praia Mole Hotel, 1º maio 2016).

⁸ “Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto. Aquele que não tem um horizonte é um ser que não vê suficientemente longe e que, por conseguinte, supervaloriza o que lhe está mais próximo. Pelo contrário, ter horizontes significa não estar limitado ao que há de mais próximo, mas poder ver além disso. Aquele que tem horizontes sabe valorizar corretamente o significado de todas as coisas que caem dentro dele, segundo os padrões de próximo e distante, de grande e pequeno” (GADAMER, 2005, p. 452).

organismo, porque integra as energias dispersas nas diferentes partes do corpo numa *totalidade* e põe o organismo em contato consigo próprio (PAGÈS, 1976, p. 69 *apud* AZIBEIRO, 2002, p. 93).

A experiência do *prazer*⁹ é a experiência da *comunhão* entre o *ser* e o mundo, uma experiência que chega com frequência à completude estética, ao *êxtase*. Experiência do *sublime*. Sócrates via o *belo* como expressão do *divino*. “É um campo de intensidades, uma paixão” (DELEUZE, 1992, p. 142). “O que move a vida é o prazer, não a dor” (RODRIGANEZ, 2010, p. 71).

É o prazer que nos faz sentir a vida à flor da pele, que nos faz perceber “a cor e o sabor da vida” [...]. É o prazer que faz fluir e torna disponíveis todo o potencial, todas as linhas-de-virtualidade [...] É uma força de subjetivação (AZIBEIRO, 2002, p. 94-95).

2 CONVERSÇÕES MATRÍSTICAS E/OU RELAÇÕES DE PARCERIA: TUDO É TUDO E TODOS SOMOS UM

Afeita desde muito jovem ao que se abria ao múltiplo, ao que transpunha fronteiras, ao que fugia da *normose*¹⁰, identifiquei-me com a perspectiva *transdisciplinar* antes mesmo que ela tivesse uma formulação precisa. Na universidade isso não era nada bem visto... Muitas vezes tachada de eclética, aprendi no mestrado com Crema, Weil e D’Ambrosio a distinguir ‘*rigor*’ de ‘*rigidez*’ (AZIBEIRO, 1994, 2002). Após o doutorado, minhas proposições de outros paradigmas¹¹ de

⁹ Ver a esse respeito, também, toda a obra de Casilda Rodríguez. Disponível em: <https://sites.google.com/site/casildarodriganez/>. Acesso em: 11 maio 2016.

¹⁰ *Normose* é um termo cunhado por Leloup, Crema e Weil para definir o que é considerado normal pelos padrões culturais, mas leva às exclusões, à violência, em última instância, à depreciação da VIDA. (Ver WEIL, 1997).

¹¹ Falo em *paradigmas* no sentido proposto por Kuhn. Thomas Samuel Kuhn (Cincinnati, 1922 – Cambridge, 1996) foi um físico e filósofo da ciência. Utilizou o termo “paradigma” para referir-se aos “princípios organizadores do conhecimento” (AZIBEIRO, 1994, nota 182). Um paradigma é, assim, uma matriz que sustenta uma concepção de mundo numa determinada época. “Um paradigma, para mim, significaria a totalidade de pensamentos, percepções e valores que formam uma determinada visão de realidade, uma visão que é a base do modo

pesquisa, ensino, aprendizado foram tendo que ser *engolidos*. Afinal, tornei-me ‘*autoridade*’ no assunto... Tornei-me especialista em desencavar e trazer à luz autoras e autores que falavam *a partir das margens*, propondo outros paradigmas de pensamento e ação.

Compartilhando com Boaventura de Souza Santos sua *Crítica da Razão Indolente*, fui conhecendo e trazendo ao conhecimento várias autoras e autores que vêm tecendo um conhecimento de caráter relacional, que não necessita desbancar @s outr@s para aparecer, *lugar* possível para a emergência de práticas e experiências emancipatórias de pessoas e grupos: o pensamento fronteiriço para Walter Mignolo; o terceiro espaço, ou entrelugar, para Hommi Bhabha, o *matrístico*, para Marija Gimbutas, divulgado por Maturana e apresentado por Riane Eisler como *gilânico*, que se materializa em *relações de parceria*. Catherine Walsh e Gloria Anzaldúa falam daqueles e aquelas que se movem entre lógicas distintas, entre códigos, nas fronteiras, como é característico dos povos originários da América que há 500 anos convivem com a modernidade-colonialidade (AZIBEIRO, 2006)¹².

A subjugação das mulheres e dos valores femininos (inclusive, e com muita violência, do *feminino* nos homens) é a tônica da cultura patriarcal, que tem prevalecido nos últimos cinco milênios de nossa história. Temos a impressão de que sempre foi assim por conta da crença de que esta é uma condição *natural*, determinada sexualmente.¹³

Contudo, estudos em diversas áreas do conhecimento têm nos revelado culturas que se organizavam (e organizam) de um modo matrifocal, em geral em torno de uma divindade feminina. Conhecidas como sociedades pré-históricas (ou aborígenes, ou primitivas), nelas, os valores femininos de dar e manter a vida são centrais. Essas sociedades têm convivido pacificamente e

como uma sociedade se organiza” (CAPRA, 1995, p. 22).

¹² Sem falar em Morin, Capra, Bateson, Margaret Mead, Merlin Stone e tantas outras, e outros, que explicitam esse outro modo de ver e viver, baseado no respeito, cooperação e parceria.

¹³ Esquecemo-nos, inclusive, com muita frequência que, como bem lembra Jung, *valores femininos* não são apenas das mulheres, mas de todo ser humano em equilíbrio com seu *animus* ou sua *anima*.

em harmonia, entre si e com a natureza, por muitos milênios.¹⁴

A cultura matrística europeia pré-patriarcal estava centrada no amor e na estética, na consciência da harmonia espontânea de todo o vivo e do não-vivo, em seu fluxo contínuo de ciclos entrelaçados de transformação de vida e morte (MATURANA, 1993, p. 24).

A “velha Europa” é o termo utilizado por Marija Gimbutas para caracterizar a região que compreende a Itália e a Grécia, estendendo-se ainda pela Checoslováquia, o sul da Polônia e o oeste da Ucrânia. De acordo com ela, o povo dessa região antiga pertenceria a uma cultura pré-indo europeia, matrilinear, agrícola, pacífica e sedentária, “uma sociedade de parceria, na qual nenhuma metade da humanidade é colocada acima da outra, e nenhuma diferença é igualada à inferioridade ou superioridade” (EISLER, 2007, p. 72).

Segundo os pesquisadores, a cidade de Çatal Hüyük¹⁵ é a mais antiga atualmente conhecida e foi ocupada, de modo contínuo, por cerca de 800 anos. Em todo esse tempo, não se encontram registros de nenhuma morte violenta, nem de guerras, nem de ataques, nem mesmo de brigas entre vizinhos. Daí teria migrado o grupo que constituiu em Creta uma pequena colônia, por volta de 6.000 a.C.

Nos quatro mil anos que se seguiram houve progresso tecnológico lento e constante, na cerâmica, tecelagem, metalurgia, escultura, arquitetura e outras técnicas, o comércio cresceu e desenvolveu-se o estilo artístico vivo e alegre tão característico de Creta (EISLER, 2007, p. 75).

Quando as descobertas arqueológicas foram revelando o avanço tecnológico e

¹⁴ Essa consciência já está presente, inclusive, em estudos e documentos jurídicos, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX. Estudos e documentos que continuam, no entanto, ignorados e/ou invisibilizados (ver, por exemplo, “Introdução Crítica ao Direito das Mulheres”, p. 87-88. Disponível em:

<http://odireitoachadonarua.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>. Acesso em: 5 maio 2016).

¹⁵ Çatalhöyük, ou Çatal Hüyük, ou Çatalhöyük, ou ainda Çatalhöyük, foi um assentamento neolítico muito grande na Anatólia (Ásia Menor), datado de cerca de 6700 a.C. (Cf. EISLER, 1997, p. 12).

cultural a que Creta chegou, “os arqueólogos¹⁶ estavam pasmos. Não compreendiam como a existência de uma civilização tão avançada tinha passado despercebida até então” (EISLER, 2007, p. 74).¹⁷

Stone¹⁸ viajou pelo mundo todo examinando escavação por escavação, arquivo por arquivo, objeto por objeto, reexaminando as fontes primárias e depois conferindo como tinham sido interpretadas. E ela descobriu que, na maioria das vezes, quando havia evidência de um tempo em que as mulheres e homens viviam como iguais, o fato foi simplesmente ignorado (EISLER, 2007, p. 74).

As descobertas arqueológicas mostram que em Creta “as casas eram construídas visando a beleza e o conforto [...] o único afresco minoico de tributo é o quadro de uma mulher em um gesto de bênção” (EISLER, 1997, p. 25).

O arqueólogo Nicolas Platon¹⁹, antigo diretor do Museu da Acrópole, que escavou Creta por mais de cinquenta anos, observa que esta era uma sociedade na qual a descendência ainda era traçada a partir da mãe e na qual a influência das mulheres era visível em todas as esferas. [...] Como também escreve Platon, a Creta minoica era uma sociedade “extraordinariamente pacífica” e, o que é mais notável, lá “a vida como um todo era inspirada por uma fé ardente na deusa Natureza, fonte de toda a criação e harmonia”. Isto levava a um amor pela paz, horror pela tirania e respeito à lei (EISLER, 1997, p. 25).

Nosso anseio por equilíbrio, beleza, paz, cooperação não é uma *utopia sem fundamentos*, como quiseram nos fazer acreditar. Já vivemos isso na História da Humanidade. Resgatar essa conexão significa a *cura* profunda do que existe de mais humano em nós.

Nós seres humanos gostamos de colaborar, gostamos de participar,

¹⁶ Usa-se o masculino plural porque, de fato, foram homens que manifestaram esse espanto.

¹⁷ Nota 3, Capítulo 3. Citando Nicolas Platon (1966, p. 15).

¹⁸ Merlin Stone, historiadora de arte.

¹⁹ Ver Platon (1966).

gostamos de fazer bem o que fazemos, gostamos de cumprir nossos acordos, gostamos de ter presença no que fazemos. Todos [sic]²⁰ sabemos como experiência de nosso próprio viver, sós ou com outros, que ser vistos, ser escutados, participar de um conviver fundado na confiança mútua, isto é, no amar, expande nossa conduta criativa, expande nossa conduta inteligente, expande nosso ver, nosso ouvir, e expande o desejo de ser impecável na qualidade do que fazemos, em qualquer domínio. E não somente sabemos disto, mas queremos viver assim porque nos faz bem em todas as dimensões de nosso viver (MATURANA, 2009, p. 74).

“Estou chegando a um lugar em que não me sinto mais separada” (PERT, 2009, p. 149). Essa é a experiência ecológica profunda. Experiência de eternidade, de infinito, de plenitude. Sensação de que *agora nada mais me falta*. Entrega total.

3 UMA PROPOSTA DE TRABALHO TERAPÊUTICO

O Estilo alexandrino é uma escuta ampla e irrestrita da inteireza humana e uma forma especial de cuidar do Ser, de apreender o Logos no coração do instante; uma visão de altitude e de profundidade, a partir da qual podemos abordar os sintomas, as escrituras, os sonhos e fatos do cotidiano, como textos complementares, buscando interpretá-los numa atitude de respeito às suas alteridades bem como à sua origem comum, a fonte transbordante de onde tudo que é existente jorra.

CREMA, 2002, p. 79

Ao longo destes anos como professora-orientadora – me constituindo terapeuta – fui descobrindo a *hermenêutica*²¹ – sempre a reinventando – como *metodologia* que contribuía para lidar com esses saberes-sabores, que brotam do ser, constituindo-o e reconstituindo-o. “Uma postura hermenêutica significa estarmos não apenas abertos/as, mas expostos/as às novas possibilidades” (GRÜN; COSTA, 1996, p. 101).

²⁰ O autor, ou quem o traduziu, ignora a questão do sexismo nesse trecho de sua obra.

²¹ Palavra cuja origem grega é "*hermeneia*", por conta da figura de Hermes: o deus que transmutava o que era inacessível numa linguagem compreensível. Ver Riker (1991, p. 180).

A hermenêutica apela para a atenção e a compreensão. Atenção ao dito, ao feito, ao escrito, ao inscrito no ser e em sua história, seu contexto. Compreensão, muito mais do que da razão, do coração. Compreensão que vem da experiência, mas sobretudo da intuição, do mergulho na sabedoria ancestral, que está no *campo*²². Heidegger (2005), ao falar da compreensão, fala do *entender por dentro*, do *ser que compreende o ser*. Trazer à luz o que se oculta naquilo que se mostra.

Do modo como a fui desenvolvendo em minha prática, como *maiêutica*²³, dialogando com a pedagogia libertadora de Freire²⁴, significa dar o suporte para que cada pessoa identifique e geste o seu *ser* mais profundo, se *cure*. Metodologia que é *presença*. Ser em presença. Encontro profundo e comprometido no *aqui e agora*. Ser *presente*, atualizado em cada novo instante. Presença que tece e retece a *experiência*. Metodologia continuamente reinventada, já que definida pelo *Ser em presença* de outro *Ser*. Em cada *aqui e agora* específicos.

Refletindo sobre a experiência vivida, à luz do resgate de Leloup das características dos Terapeutas de Alexandria, fui percebendo as afinidades com o que já venho fazendo. Assim se define o cerne desta proposta terapêutica:

²² “Na filosofia chinesa, a ideia de *campo* não está apenas implícita na noção do Tao como algo vazio e sem forma e, contudo, gerador de todas as formas, mas é igualmente expressa, de maneira explícita, no conceito de *ch'i*. A palavra *ch'i* significa, literalmente, “gás” ou “éter” e era utilizada na China antiga para denotar o sopro vital ou a energia que anima o cosmo” (CAPRA, 1975, p. 162).

²³ Método socrático, que consiste em fazer perguntas que apoiem o aflorar de conhecimentos latentes em cada aprendiz.

²⁴ Trabalhando a disciplina Metodologia, Didática e Prática Pedagógica, em cursos de especialização *lato sensu* da FAED-UDESC, cujas turmas eram pluridisciplinares, incorporando profissionais das áreas de educação, psicologia, saúde, comunicação, direito, serviço social, dentre outras, notei o quase absoluto desconhecimento de Paulo Freire por parte de quem não é da área da educação. Considerando que é muito pouco apresentá-lo como *educador brasileiro*, que se autointitulava *andarilho do óbvio* e que se tornou internacionalmente conhecido por sua proposta de *educação dialógica*, remeto aos sites da “Cátedra Paulo Freire” - <http://www.pucsp.br/paulofreire/>; e do “Instituto Paulo Freire” - <http://www.paulofreire.org/>; dentre inúmeros outros que podem ser encontrados pelas ferramentas de busca da *web*.

A função do Terapeuta não é a de explicar, mas a de estimular a capacidade da pessoa de produzir ou captar um sentido para aquilo que lhe acontece (LELOUP, 2012, p. 35).

Recuperar a *sinergia* do *Ser*, este é o propósito deste processo terapêutico. “Cuidar daquilo que não está doente em nós. Porque é a partir deste espaço de saúde que a cura poderá ocorrer” (LELOUP, 2012, p. 36). Cura que se manifesta no encontro e na manifestação de todo o potencial de *amor*. O amor é a expressão e o desdobramento desta sinergia do *Ser*, da *Vida* em plenitude. Confiança, reciprocidade, transparência, fluidez – suas consequências.

Esta atitude talvez facilite o enraizamento da pessoa na sua dimensão transpessoal: no coração de sua humanidade. Nesta abertura que vai além de sua humanidade, permitindo que ela não se identifique com o que passa, mas com a Vida, que permanece (LELOUP, 2012, p. 36).

Não por acaso trabalho com o Sistema de Cura dos Florais da Deusa.

O maior diferencial de nosso Sistema de Cura é sua forma de ação, que nasce do despertar de forças que estão dentro da pessoa – é de sua própria psique que vêm os recursos e a luz que nutrem todo o processo de harmonização. Vêm também do Campo Mórfico de Deusas e Deuses de diferentes culturas e vêm da união da sabedoria do cliente e da sabedoria do Terapeuta Autorizado. A modalidade Polaridade Sistêmica traz para dentro do processo de cura do cliente forças que estão além da compreensão puramente mental: eles trazem o Divino, através do despertar de faces de Deusas e Deuses, que encarnam qualidades do Grande Ser Uno. Eles relembram em cada pessoa a chama formativa primordial, quando recebemos o sopro divino. Este retorno ao Sagrado, coloca a serviço do cliente um manancial enorme de forças de cura representadas pelos arquétipos. Somos um Sistema de Cura construído dentro de uma proposta espiritual, embora possamos tratar todas as pessoas, mesmo a mais cética das criaturas.

Uma sessão de Polaridade Sistêmica é sempre um lugar de onde a pessoa sai

diferente do que entrou – ela foi tocada pela Divindade que há dentro dela mesma, que sabe conduzi-la, protegê-la e guiá-la, desde que tenha oportunidades seguras de atuar. Ela esteve em conexão com vários Campos de Consciência e Cura - a consulta de Polaridade Sistêmica é o primeiro “tratamento” que o cliente recebe. Um aspecto da consulta que imprime uma marca totalmente diferenciada é o fato de que a combinação de essências de campo de consciência a ser tomada é escolhida pelo cliente, através de uma Mandala onde cada posição da essência traz uma percepção importante para o cliente, tanto sobre si mesmo quanto sobre seu processo e dificuldades. Não é uma escolha simples, ao acaso. O Terapeuta Autorizado é treinado para perceber e facilitar um campo de energia que funcione como um “contêiner energético”, de forma que o cliente possa escolher as essências num estado de relaxamento e conectado com sua Sagrada Guia Interna.²⁵

Essa é a síntese desta proposta terapêutica: a escuta profunda do *ser*, apoiando a descoberta de seus anseios mais profundos, ressignificando as experiências, de modo a que se perceba *pleno(a)* no *Todo*, múltiplo(a) em sua unicidade e uno(a) em sua multiplicidade. *Ecologia do corpo, coração, mente e espírito*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em minha tese de doutorado, abordei o *pensamento fronteiroço* como forma de *manifestar*, de *trazer à luz* o que foi apagado, deixado de lado, exterminado pela colonização, ou, como dizia, pela *modernidadecolonialidade*. Neste artigo, explicito a dolorida verdade de que “*o buraco é mais embaixo*”... A *modernidadecolonialidade* foi uma nova expressão – e uma expansão – da dominação e eliminação de valores matrísticos, femininos, gilânicos, que se instalaram há muito mais tempo: há aproximadamente cinco mil anos, em nossa História.

O pensamento fronteiroço, assim, materializa-se num modo de *sersentirpensaragir* matrístico, que acorda e traz à tona, em mulheres e homens, valores

²⁵ Cler Barbiero, cocriadora do Sistema.

femininos, de cooperação, respeito, fraternidade, paz, ao invés de dominação, exclusão, violência. Valores que não excluem: complementam, interagem, escolhem levar à plenitude.

Esta proposta terapêutica, então, visa à recuperação do matrístico, do gilânico em nosso modo de *sersentirpensaragir*. Para que, através do respeito, do cuidado, possam se transformar vulnerabilidades em potenciais, uma vez que onde nos percebemos mais frágeis é onde se encontram nossos maiores campos de desenvolvimento.

Embora este não seja o momento de novas citações, me agrada muito terminar parafraseando Wilber, ao concluir sua *Odisséia: meu caminho continua. Quanto a meus escritos, se irão mostrar-se úteis a outras pessoas ou mera tagarelice subjetiva, pelo menos têm dado à minha vida um significado, um contexto, uma direção. Continuo a trabalhar, a estudar, a escrever, a contemplar; em resumo: continuo o caminho.*

REFERÊNCIAS

- ASSIS, D. **Calendário Maia**: a última chamada. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.
- AZIBEIRO, N.E. **A criação de relações de saber, poder e prazer na vida e nos processos educativos**: a experiência do FFMP-INCA, 1ª, 2ª e 3ª turmas. 1994. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- _____. **Relações de saber, poder e prazer**: educação popular e formação de educadores. Florianópolis: CEPEC, 2002.
- _____. **Educação Intercultural e Comunidades de Periferia**: limiares da formação de educadores. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- BATESON, G. **Mente e natureza**. Trad. Cláudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BAZARIAN, Jacob. **O problema da verdade**: teoria do conhecimento. 2.ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.
- CAPRA, F. **O Ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- _____. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1993. Disponível em: <<http://www.fdvdigital.org/rede/index.php/item/a-teia-da-vida>>. Acesso em: 02 mar. 2016.
- _____. **Sabedoria incomum**: conversas com pessoas notáveis. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1995. Disponível em: <<http://www.tattwa.org.br/livros/Sabedoria%20Incomun-%20Fritjof%20Capra.pdf>>. Acesso em 02 março 2016.
- CETRANS (Centro de Educação Transdisciplinar da Escola do Futuro da USP). **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002.
- CHOPRA, D. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras**: a alternativa quântica para o envelhecimento. Trad. De Haroldo Netto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CORAZZA, S.M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M.V. (org.) **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 1996 (p. 105-131).
- CREMA, R. **Antigos e novos terapeutas**: abordagem transdisciplinar em terapia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. Cuidar da Paz. In: MAGALHÃES, D. **A paz como caminho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007. Disponível em: <<https://citbrasil.wordpress.com/v-textos/cuidar-da-paz/>>. Acesso em: 17 fev. 2016.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- EISLER, R. A Deusa da Natureza e da Espiritualidade. In: CAMPBELL, J. et al. **Todos os nomes da Deusa**. Trad. Beatriz

Pena. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

_____. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro.** Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Pallas Atena, 2007.

FREIRE, R. **Sem tesão não há solução.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método.** Trad. Flávio Paulo Meurer. 7. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: EDUSF, 2005 (Coleção pensamento humano).

GARDNER, J. **Cura vibracional através dos chakras: com luz, cor, som, cristais e aromaterapia.** Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 2007.

GRÜN, M.; COSTA, M.V. A aventura de retomar a conversação: hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, M.V. (org.) **Caminhos investigativos.** Porto Alegre: Mediação, 1996 (p. 85-104).

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo: Parte I.** 15. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2005.

LELLOUP, J-Y. **Uma arte de cuidar: estilo alexandrino.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MATURANA, H. **Conversações matrísticas e patriarcais.** 1993. Disponível em: <http://api.ning.com/files/5lvJk3aui3DksGln*LNesRtYhPD1SPvZayPn84Mq4a1oRonBtZNBRIbDsfCav0MLkefd*GRa0NeHN3H0x6fkFx63k7g*E7gl/MATURANAHumberto1993ConversaesMatrsticasePatriarcais.pdf>. Acesso em: 07 fev 2013.

_____. **Matriz ética do habitar humano.** 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34817154/MATRIZ-ETICA-DO-HABITAR-HUMANO-Proyecto-do-Matriztica-2009>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

PAGÈS, M. **O trabalho amoroso.** Trad. José C.L. Rodrigues. Lisboa: Veja, 1976.

PERT, C. **Conexão mente corpo espírito para o seu bem-estar: uma cientista ousada avalia a medicina alternativa.** Com Nancy Marriot; traduzido por Júlia Barany Yaari. São Paulo: ProLíbera Editora, 2009.

PLATON, N. **Crete.** Geneva: Nagel Publishers, 1966. (Archeologia Mundi Series).

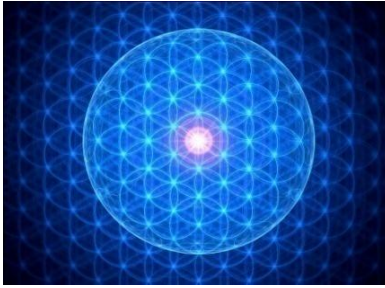
RIKER, J.H. **Human excellence and an ecological conception of the psyche.** New York: State University of New York Press, 1991.

SALDANHA, V.P. **Didática transpessoal: perspectivas inovadoras para uma educação integral.** 2006. 298 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

STONE, M. **Quand Dieu était femme: à la découverte de la grande déesse, source du pouvoir des femmes.** Montreal: Ed. de l'Étincelle, 1979. Disponível em: <<https://matricien.files.wordpress.com/.../quand-dieu-c3a9tait-femme-merlin-stone.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2016.

WEIL, P. **Normose: a patologia da normalidade.** São Paulo: Thot, 1997.

WILBER, K. **Odisséia: Uma investigação pessoal sobre Psicologia Humanística e Transpessoal.** Trad. Ari Raynsford. 1982. Disponível em: <www.ariray.com.br>. Acesso em: 07 jun. 2015.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021

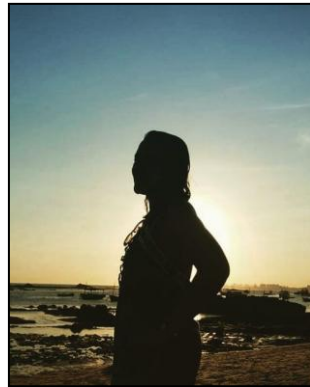
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

5 – ENFIM...

Márcia Cristina Barros*

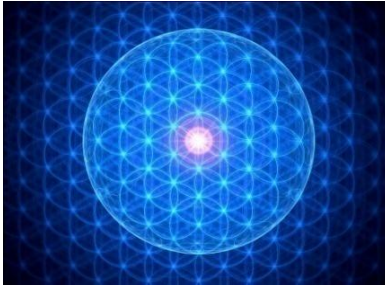


Mais um relacionamento
Se desfez na quarentena.
Foi tanto distanciamento
Que a vida mudou de cena
Talvez um pouco de medo
Certa preguiça, um cansaço
Razões pra guardar segredo
A falta do beijo, do abraço...
Mas nada a se lamentar
Nem mesmo dizer "que pena!"
Melhor é acreditar
Que "tudo vale a pena"
Tal citou o português
"Se a alma não é pequena"

E a escolha que se fez
Será sempre serena
Guardando fotos e fatos
E mais do que retratos
Fica o grande aprendizado
Que nos faz assim contente
Por conhecer mais da gente
Saber-se resiliente
Experiente e capaz
De encontrar a própria paz
Por que o outro é espelho
E mesmo sem dar conselho
Nos ajuda a enxergar
A beleza de se autoamar!

Amando-se, 12.12.2020

* **Márcia Cristina Barros** – 59 anos, baiana, soteropolitana. Jornalista e Arte Educadora graduada pela Universidade Federal da Bahia - UFBA; Especialista em Arteterapia pela Universidade Católica de Salvador - UCSAL e atualmente Mestranda em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (MPEJA). Tendo desenvolvido trabalhos na Europa, atualmente exerce atividades de Arte Educadora na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE (Calçada) e atende como Arteterapeuta em consultório particular (presencial/virtual). (71) 99271-0373 (71) 99982-8302. marciacsbarros@gmail.com FACEBOOK: Márcia Cristina Silva Barros INSTAGRAM: marciabarrosmarciana



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

6 – ESCRITA CRIATIVA, ESCRITA INICIÁTICA E LITERATURA PERENE

Pedro Teixeira da Mota*

Poder a escrita ser ou tornar-se um exercício psico-espiritual que proporciona à alma e ao ser de quem escreve expansões de consciencializações tem sido reconhecido e praticado por muitas pessoas ao longo dos séculos, ainda que não seja tão fácil depois ao leitor discernir o que foi mera criação mental literária, e sem grande origem ou efeitos interiores, e o que é experiência e visão, ou seja, uma vivência real que ultrapassou o plano da personalidade discursiva provindo de, ou ligando a, níveis mais subtis ou profundos.

Um dos objectivos mais valiosos da escrita é entrarmos mais fundo e supramentalmente no campo unificado de energia informação, através de sintonizações, aberturas, toques e visões, pelos quais recebemos forças e intuímos e compreendemos novos aspectos ou dimensões da tessitura subtil do Cosmos e dos seres, e em especial dos que estão mais afins das nossas investigações e amor, podendo assim sermos úteis à evolução e melhoria nossa e do ser humano em geral.

Estes aspectos mais invisíveis que desejaríamos compreender e ver melhor, estão ligados com os níveis subtis do ser humano e do Universo, do Microcosmos e do Macrocosmos, ou seja, com as energias, partículas ou ondas que interagem com o

nosso corpo consciencial psico-espiritual e nos ligam melhor ou pior com nós próprios espíritos, com a Humanidade, o Universo, o Sol e a Lua, os espíritos, celestiais e a Divindade.

Pode-se dizer que a escrita verdadeiramente criativa é a que gera ligações entre a mão, o papel, as palavras, as ideias e o mundo subtil e espiritual nos seus diversos níveis, o que poderemos especificar ou designar como o inconsciente colectivo, o supraconsciente, o mundo imaginal, o mundo dos arquétipos, o campo unificado de energia consciência, a inteligência cósmica e o mundo espiritual.

A escrita é então criativa porque abre canais, rasga caminhos novos e permite a desvendação e vivência de arcanos ou mistérios, arquétipos e símbolos de ideias, energias, qualidades e seres não visíveis materialmente, ou dos quais há dúvidas quanto à realidade, constituição e caracterização, mas sem nos deixarmos iludir quanto às fontes...

Por exemplo, face a mensagens ou canalizações que tanto se transitam perguntemos: São mesmo os mestres Budha, Pitágoras e Jesus ou são apenas energia informação conectada com eles e a que tivemos acesso?

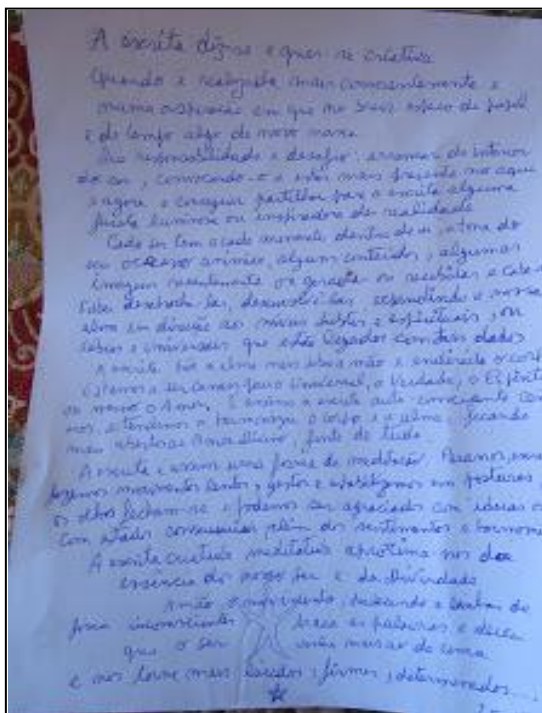
* **Pedro Teixeira da Mota** – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Praticante e investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, trabalhou como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, *Da Alma ao Espírito*, Publicações Maitreya. Contato: viva.erasmo@gmail.com

A escrita criativa será aquela que consegue sair do conhecido, ultrapassar a barreira do consciencializado ou deduzível e intuir ou pressentir as respostas correctas às questões com que se inicia o acto de escrita e as que vão vindo ao de cima no decorrer dele, sem nos deixarmos iludir por autorias famosas, antes trabalhando e melhorando tais textos posteriormente.

A nossa visão dos mundos psíquicos que nos envolvem ou, se quisermos, da atmosfera mental em que pensamos e temos o nosso ser escapa-nos ainda demasiado e há que sermos cautelosos, até para não nos tornarmos agentes passivos do além.

Não temos a visão dos múltiplos fios e canais de ideias e sentimentos, apelos e comunicações que atravessam os céus ou ares e ligam, influenciam ou unem as almas.

Ao perigo de auto-iludirmo-nos acresce outro, o de que, quando haveria trabalhos luminosos a realizar-se, pela nossa inconsciência das melhores afinidades, eles nos escapam, seja porque somos egóicos, ou porque há um ruído de fundo grande, ou pessoas que pouco têm em verdade a ver com o trabalho da elevação da humanidade cruzam-se connosco e fazemos perder tempo, se não é mesmo que nos distraem, enfraquecem e afastam das companhias e acções certas.



Escrita criativa e meditativa.
25-VII-2017

Saibamos ainda controlar a exposição e influência do ambiente psíquico ambiental, nacional, europeu e neoliberal autoritário global, com todas as informações que os meios de comunicação e as redes passam manipuladora e constantemente, desde as catastróficas, as pandémicas e bélicas às astrológicas e da nova Era.

É pelo chegar a nós próprios e o abrir os canais interiores às fontes espirituais e universais, pela nossa especificidade criadora e curativa, a qual nasce de uma sensibilidade vivida, cuidada, meditada e persistente, que conseguiremos desaguar ou inflamar-nos na escrita iniciática, a que nos faz avançar no Caminho.

A escrita criativa e iniciática é algo heróico, nascendo de recusarmos as medianias e os seguidismos, e de afirmarmos a nossa própria individualidade espiritual, única e irrepitível na História da Humanidade, e portanto ela deve constantemente equacionar a sua essência, meditando, orientando-se e activando as suas melhores harmonias e capacidades.

A escrita criativa é então uma ponte entre o individual e o universal, um exercício do ser em demanda com o seu Graal pronto a encher-se ou iluminar-se, num trilhar o caminho iniciático da vida, no qual vai unificando as forças sentimentais e psíquicas mais intensamente nesses momentos da escrita, em abertura ou uníssono com o espírito e a Alma do Todo (que nos seja acessível), galvanizando a sensibilidade, a inteligência, a consciência e o Ser.

Tal pode ser ajudado até com certas técnicas ou metodologias, de modo a entrar-se em ressonância sonora e a acolher-se o que de melhor pode chegar desses níveis interiores ou superiores ressoantes. Donde algumas pessoas lerem em voz alta o que vão escrevendo ou escreveram, para discernirem os sons justos, a palavra correcta e animada.

Certamente que é sempre uma questão difícil de clarificar de onde brotam as palavras que vamos escrevendo: da boca, do coração, da memória, das associações de ideias, do espírito em nós, do Cosmos? E se de uma primordialidade e intencionalidade pré-escrita, talvez mesmo das profundezas do inconsciente e obscuro caos donde o nosso ser de luz no acto da escrita, remexendo e agitando a lava incandescente, através da sua esferográfica ou digitalização,

recolhe e lança no papel ou nos ecrans receptivos, as palavras ardentes que dinamizarão e iluminarão quem as ler em sintonia. Fica em aberto a questão da diferença entre a escrita manual e à máquina ou computador, algo que só cada um poderá sentir e decidir em cada acto criativo.



A escrita criativa tem ainda algo de uma ascese, de uma saída da rotina e superficialidade e uma descida ou subida dentro da alma, reagindo, sublimando, autonomizando-se do exterior, nesses momentos de pesquisa criativa em que vai auto-conhecer-se, fundamentar-se, fortificar-se, coerentizar-se e assim gerar nexos íntimos e mais lúcidos entre as palavras escritas e as forças e ideias tocadas ou invocadas, qual Orfeu com sua harpa, e que o leitor mais sensível, mais tarde ao ler, eventualmente pressentirá ou receberá como forças e aspirações.

Energias e intencionalidades que num dado momento luziram dentro de um ser e, perenizadas na escrita, vão chegar até outro ser e coração e o alegrar, expandir e clarificar nessa visão ou comunhão da Palavra, Verbo, Ideia ou Logos que perpassa ou transcende as barreiras do espaço e do tempo...

São estes laços subtis da palavra pronunciada e escrita que trabalhados e aprofundados durante algum tempo tanto fecham a obra com a sensação do *finis coronat opus*, das energias terem chegado ao coração e coroadado e iluminado a cabeça, como dão a possibilidade do autor continuar

a aprofundar a metodologia e as intuições ou resultados obtidos (relendo e reescrevendo) e assim com mais regularidade escapar aos condicionamentos superficializantes e dispersantes do quotidiano e da efemeridade. Só assim se pode comungar mais do conhecimento e da criatividade, do psico-espiritual e do Divino, numa partilha com os nossos pares, dialogantes e destinatários, vivos ou mortos, e que por vezes, qual círculo das três Graças, refluem sobre nós, em algum comentário mais profundo ou na gratidão apreciadora.

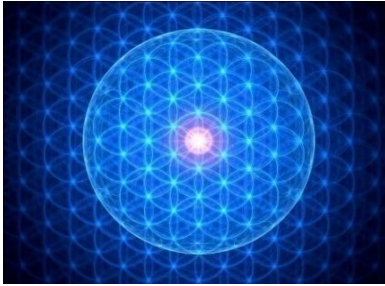
A escrita é então o exercício ou a resposta a uma vocação, a um apelo, a uma demanda de conhecimento, de verdade, de descoberta, de autenticidade, de auto-conhecimento iniciático. E a inserção numa continuidade numa Tradição Cultural e Espiritual tanto nacional como universal e perene.

Pela escrita criativa e iniciática tanto nos conhecemos e dominamos melhor como centrados mais no coração flamejante de Amor, e sintonizando melhor a Anima Mundi ou o campo unificado de energia, informação consciência, contribuímos para a afirmação, continuidade e comunhão com os arcanos subtis do conhecimento e da vivência harmoniosa e criativa do espírito e do divino, tão necessários à Humanidade.

Cada acto de escrita é uma irradiação no nosso corpo espiritual, por vezes lutando contra a dor ou a doença, e logo com mais esforço e sangue, outras fluida, alegre e inspiradamente, gerando-se novas linhas e compreensões luminosas e amorosas no grande Livro dos Livros da Vida, onde estamos todos inseridos e sempre com páginas em branco à frente e dentro de nós, à espera do nosso eco criador do Som e Palavra primordial, que na Índia se sonorizou no Aum e que nós cultivamos nos nossos trabalhos e adorações...

Texto escrito primeiro no blogue e depois bastante melhorado e transformado em 26-I-2021, para a Revista Transdisciplinar.

<https://pedroteixeiradamota.blogspot.com/search?q=escrita+criativa>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

7 – A PERSONAGEM LÚCIFER: uma reflexão sobre os arquétipos do bem e do mal, o conflito existencial e o caminho de transformação para o encontro com a unidade¹

Maria Isabella Ramos Nogueira*

Resumo

Este artigo tem por objetivo reconhecer a existência de elementos discursivos na série americana *Lúcifer*², primeira temporada, que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do bem e do mal, tal como a relação do conflito existencial, o caminho de transformação pessoal e o encontro com a unidade. Adotou-se a abordagem metodológica transdisciplinar, considerando seus pilares: complexidade, níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído, por meio da revisão teórica sobre o tema fundamentado pela Transdisciplinaridade, a Logoterapia, o modelo arquetípico junguiano e a Semântica Discursiva. Como resultado, pode-se admitir que os elementos condizentes à semântica discursiva estabelecem uma relação harmônica entre os percursos de concretização do sentido, garantindo coerência e atualidade aos discursos presentes na série, apresentando uma perspectiva singular de Lúcifer que, por meio da ironia e do humor, convidam o telespectador à discussão entorno de valores oportunos ao desenvolvimento da cultura de paz, transitando pela quebra de paradigmas e pela desconstrução do estereótipo do mal, de sua imagem e de seu discurso.

Palavras-chave: Arquétipo. Figurativização. Tematização. Encontro.

* **Maria Isabella Ramos Nogueira** Bacharel em Letras, habilitação em tradutor e intérprete – português e inglês pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo com Especialização em Transdisciplinaridade e Desenvolvimento Integral do Ser Humano para a Cultura de Paz, pela Faculdade Vicentina de Curitiba em parceria com a Unipaz São Paulo. Carreira desenvolvida no segmento de ensino de idiomas, atuando como professora de língua inglesa na Escola SENAI Horácio Augusto da Silveira e como professora de língua inglesa e espanhola no Centro Guarulhense de Ensino de Línguas, podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos, tornando o processo de ensino-aprendizagem e comunicação em língua estrangeira mais acessível, estimulante e produtivo. Atualmente é empresária no segmento de alimentação escolar na rede SENAI.

¹ Artigo científico exigido para formação no curso de pós-graduação na Unipaz São Paulo, concluída dez/2017.

² Tradução da autora.

Introdução

Ao assistir a série norte americana *Lúcifer*³, primeira temporada⁴, e deparar-me com o incomum retrato do anjo caído, uma gama de questionamentos e reflexões surgiram quanto à quebra de estereótipos presentes no enredo e às respectivas escolhas e estratégias para a construção do sentido de seu discurso.

Apesar da trivialidade dos gêneros de ficção policial, o processo de desconstrução e transformação pessoal pelo qual passa a personagem teve profunda ressonância com o meu próprio processo de autoconhecimento e transformação pessoal ao longo da teia de 25 seminários da Formação Holística de Base (FHB) da Unipaz São Paulo, concluída em julho de 2017.

A cada etapa da formação, um novo convite à reflexão e à ampliação do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal lançaram-me em direção à novas dinâmicas nas relações interpessoais e profissionais e resultaram na expansão de consciência no plano pessoal, social e planetário, fundamentando, assim, a importância da Cultura de Paz.

Em *Lúcifer*, observa-se um anjo, cansado de viver como sempre viveu e profundamente insatisfeito com o rumo de sua existência, questionar-se quanto ao seu papel no jogo cósmico. Ao sair em busca de liberdade, mudança e novas experiências, decide viver entre os seres humanos e desfrutar do que a vida tem para lhe oferecer.

Tudo parece ir muito bem até que a personagem se depara com uma situação, até então, inusitada: a sua habilidade de expor os desejos escondidos das pessoas simplesmente não funciona com uma mulher em especial. A necessidade de compreender o porquê de isso acontecer, lança a personagem em uma jornada na qual, a cada episódio, o encontro com o outro, com a realidade humana e suas mazelas; leva-o a descobrir a humanidade em si e a encontrar-se em uma profunda crise de sentido, a partir de seus conflitos internos entre o ser eterno e o vir a ser diferente.

³ Série de drama lançada pelo canal de televisão norte americano Fox, baseada na personagem homônima dos quadrinhos da DC Comics. Disponível em: <http://www.LUCIFERbrasil.com.br/p/hqs-LUCIFER.html>. Acesso em: 9 out 2017.

⁴ Estreia em 25 de janeiro de 2016 no serviço de transmissão online Netflix.

Ao retomar o pensamento do filósofo chinês Confúcio sobre a condição humana, Crema (2017) reitera que

[...] nós não nascemos humanos; nós nos fazemos humanos, através do investimento em trilhas singulares de individuação, da periferia do ego rumo à centralidade do Self [...]somos seres incompletos e, neste sentido, carentes de um aperfeiçoamento através do investimento nas dimensões não apenas físicas e materiais; também nos domínios da subjetividade, da alma profunda e da consciência (CREMA, 2017, p.21).

De acordo com Frankl (2015), “o homem destina-se verdadeiramente – e onde não mais, ao menos originalmente – a encontrar um sentido em sua vida e a realizar esse sentido” (FRANKL, 2015, p. 13). Para o autor, esse sentido não significa algo abstrato, antes disso, algo absolutamente concreto e compete ao homem a capacidade de procurá-lo e realizá-lo (FRANKL, 2015).

Na série, o telespectador assiste ao desenrolar de processo semelhante, pois que, ao encarnar na forma humana, o diabo acaba por deparar-se com situações que o levam a refletir sobre questões existenciais e a transgredir “os viciados e previsíveis trilhos normóticos (...) e a desbravar trilhas virgens, que serão inventadas pelos próprios passos” o que Crema denomina como “o vir-a-ser humano” (CREMA, 2017, p. 21).

Desse modo, o processo vivido pela personagem principal revela a inquietude de uma vida sem sentido e o emergir de valores universais que convidam à discussão em torno do desenvolvimento da cultura de paz, transitando pela quebra de paradigmas e pela desconstrução do estereótipo do mal, de sua imagem e de seu discurso.

Na série, a personagem Lúcifer Morningstar, um homem bonito, elegante, simpático, engraçado e inteligente; entediado e insatisfeito em ser o Senhor do Inferno, abdica de seu trono e abandona seu reinado para tirar férias na cidade de Los Angeles (EUA) onde, com a ajuda de sua guardiã Mazikeen, monta uma casa noturna chamada Lux. Com o assassinato de uma celebridade a quem Lúcifer ajudara a alcançar a fama, ele se envolve com a polícia de Los Angeles e inicia uma inusitada parceria com a detetive Chloe Decker a quem passa a ajudar na resolução de casos de homicídio com o

intuito de encontrar e punir os responsáveis.

Em sua primeira temporada, *Lúcifer* teve audiência média de 4,5 milhões de espectadores por episódio somente no Estados Unidos⁵. Significa dizer que um número considerável de pessoas está assistindo a uma proposta de reflexão sobre a antiga dualidade entre o bem e o mal, porém, dessa vez, sob a perspectiva daquele que há muito tempo tem sido condenado ao papel de simbolizar o mal.

Aproximadamente 4,5 milhões de pessoas foram atraídas a assistir essa série, com a probabilidade de desenvolver um novo olhar sobre um arquétipo consagrado na cultura mundial, podendo, assim, repensar o lugar onde *Lúcifer* foi colocado ao longo da história e também a respeito de suas próprias contradições, como ocorreu comigo, levando-me a pesquisar sobre o tema dos arquétipos do bem e do mal.

Das minhas indagações internas frente ao universo de possibilidades do vir a ser apresentado na Formação Holística de Base (FHB), resultou a seguinte pergunta para essa pesquisa: a série *Lúcifer* oferece um discurso capaz de conduzir à reflexão sobre a dualidade, os arquétipos do bem e do mal, o conflito existencial e o caminho de transformação para o encontro com a unidade?

Assim, pretende-se com esse trabalho reconhecer a existência de elementos discursivos em *Lúcifer* que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do dualismo entre bem e mal; bem como a relação do conflito existencial, do caminho de transformação pessoal e do encontro com a unidade.

Espera-se, com isso, contribuir com o florescimento de novos questionamentos, novas possibilidades de percepção e reflexão sobre temas, figuras e discursos cujos estereótipos encontram-se consagrados no inconsciente coletivo da humanidade e, dessa forma, colaborar com o caminho de autoconhecimento e transformação pessoal daqueles que entrarem em contato com este artigo.

⁵ Pesquisa realizada por “*The Nielsen Company*” com base na primeira temporada exibida em 2016. Disponível: <<https://tvseriesfinale.com/tv-show/LUCIFER-season-one-ratings/>>. Acesso em: 09 out 2017.

Objetivos

Geral

Reconhecer a existência de elementos discursivos na série americana *Lúcifer*, primeira temporada, que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do bem e do mal; tal como a relação do conflito existencial, o caminho de transformação pessoal e o encontro com a unidade.

Específicos

- Apresentar a revisão teórica referente à semântica discursiva;
- Analisar os processos de figurativização e tematização que concretizam o discurso;
- Apontar como os arquétipos do bem e do mal são retratados no discurso;
- Verificar como a dualidade e conflito existencial são abordados na série;
- Discorrer sobre a relação entre o caminho de transformação e o encontro com a unidade.

Metodologia

Para esse artigo, adotou-se a abordagem transdisciplinar, pois “implica essencialmente no diálogo heurístico e permanente entre a ciência, a filosofia, a arte e a tradição espiritual” (CREMA, 2017, p. 18). Tal abordagem baseia-se em três pilares: os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade.

De acordo com Nicolescu (1997), deve-se:

1. considerar cada problema não mais a partir de um único nível de Realidade, mas situando-o simultaneamente no campo de vários níveis de Realidade;
2. não mais esperar encontrar a solução de um problema nos termos de “verdadeiro” ou “falso” da lógica binária, mas recorrer a novas lógicas, particularmente à lógica do terceiro termo incluso: a solução de um problema só pode ser encontrada pela conciliação temporária dos contraditórios, ligando-os a um nível de Realidade diferente daquele no qual esses contraditórios se manifestam;
3. reconhecer a complexidade intrínseca do problema, isto é, a impossibilidade da decomposição desse problema em partes simples, fundamentais. Na ausência de fundamentos, ausência que caracteriza o mundo atual, “mudar de sistema de referência” também quer dizer tomar como fundamento precisamente a ausência de

fundamentos. Em outras palavras, substituir a noção de "fundamento" pela coerência deste mundo multidimensional e multirreferencial (NICOLESCU, 1997).

Dessa forma, ao buscar-se o estudo de um material artístico sob a forma de seriado televisivo dá-se o primeiro passo em direção ao estudo transdisciplinar, pretendendo tal encontro entre a ciência e a arte. Outro aspecto que impulsiona na direção do estudo transdisciplinar diz respeito à complexidade, uma vez que "a linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica" (FIORIN, 2003, p.8).

Ao propor uma análise da semântica discursiva do seriado, cabe salientar que o discurso não se trata de um aglomerado de frases, mas que apresenta uma estrutura na qual "é preciso estabelecer uma diferença entre um nível profundo e um nível superficial" (FIORIN, 2003, p.20). Para Fiorin (2003), uma formação social apresenta dois níveis de realidade: um de essência e um de aparência, isto é, um profundo e um superficial, um não visível e um fenomênico. Proporcionando, dessa forma, a abertura para a concepção dos variados níveis de realidade.

Procedimentos metodológicos

Para proceder à investigação, o trabalho será dividido em cinco partes. A primeira delas tratará da revisão teórica referente à Análise do Discurso quanto à semântica discursiva. A segunda parte, tratará dos processos de figurativização e tematização, seguido da análise da série *Lúcifer*, primeira temporada, na qual se buscará identificar alguns dos percursos figurativos e temáticos e suas relações com a construção do discurso. A terceira parte abordará a questão dos arquétipos do bem e do mal e como eles são retratados no discurso. A quarta parte verificará como a dualidade e o conflito existencial são abordados na série. A quinta parte discorrerá sobre a relação entre o caminho de transformação e o encontro com a unidade.

Semântica discursiva

A Semântica é determinada como uma teoria da significação ou estudo do significado do texto e busca explicitar, sob

forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do seu sentido. Para ela, todo texto é produto do encontro de um plano de conteúdo linguístico (significado) com um plano de expressão linguística (verbal, gestual, pictórico etc.) e a esse encontro dá-se o nome de manifestação. Logo, explica Fiorin (2011), quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto.

Desse modo, a Semântica considera que a produção de sentido de um texto desenvolve-se ao longo de um processo de encadeamento de elementos semânticos, tal processo recebe o nome de percurso gerativo de sentido e conduz o leitor a uma compreensão mais eficaz da estrutura que produz o sentido de um texto.

Esse percurso consiste no que Fiorin (2008) denomina como um simulacro metodológico para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo. Dessa maneira, seu papel não é o de ensinar como se fabrica um discurso, mas o de mostrar ao leitor:

[...] aquilo que sabemos de maneira intuitiva, que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam: que existe uma sintaxe e uma semântica do discurso (FIORIN, 2011, p. 44).

Fiorin (2003) define o discurso como sendo as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. Cabe salientar que discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos (FIORIN, 2011).

É no nível discursivo que as variações de conteúdos narrativos invariantes são produzidas e revestidas de termos que lhe dão concretude. Tal concretização ocorre por meio da semântica discursiva que utiliza temas e figuras para revestir os esquemas

narrativos (FIORIN, 2011).

É, portanto, sobre a semântica discursiva que se pretende debruçar esse artigo, visto que ela oferece os recursos necessários para avaliar como a maneira de retratar a personagem de Lúcifer indica a forma com que o bem e o mal, a dualidade, o conflito existencial, a transformação pessoal e o encontro com a unidade são figurativizados e tematizados em seu discurso.

Tematização e figurativização

Tema é um investimento semântico que indica um elemento conceitual, não presente no mundo material, cuja função é categorizar e ordenar os elementos do mundo natural. São exemplos de temas: amor, paixão, orgulho, vergonha etc. Já figura é um investimento semântico que remete a algo (perceptível) do mundo natural, como por exemplo: luz, sol, azul, verde, brincar, correr, cantar etc. (FIORIN, 2011).

Assim, a tematização e a figurativização são dois níveis que concretizam de maneira gradual o sentido de um texto, uma vez que todos os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado (FIORIN, 2011). Contudo, cabe salientar, conforme indica o autor, que para encontrar o tema por detrás da figura é necessário compreender que as figuras estabelecem relações entre si, resultando, assim, em um encadeamento de figuras que recebe o nome de percurso figurativo. Um texto pode apresentar mais de um percurso figurativo, isso dependerá da quantidade de temas manifestados.

A partir dessa base teórica, segue a análise da série norte americana *Lúcifer*, primeira temporada (2016), buscando identificar alguns dos percursos temáticos e figurativos que concretizam seu discurso.

No primeiro episódio da temporada, as personagens Lúcifer Morningstar e sua guardiã Mazikeen⁶ dedicam sua existência entre os humanos a usufruir dos prazeres carnis, à boemia e ao luxo. O diálogo entre

os dois personagens indica a condição de sua presença na Terra:

MAZIKEEN: Por onde andou?

LÚCIFER: Escondido no castelo, copulando com uma jovem chamada Fé. É irônico, não é?

MAZIKEEN: Lúcifer, eu sou grande fã de sexo. Mas, não saí do Inferno para ser uma atendente de bar. Não deveria gastar seu valioso tempo fazendo algo mais significativo. Você é o senhor do Inferno, caramba.

LÚCIFER: Estou aposentado, Maze. Tempo não me falta (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Até esse ponto, a forma como Lúcifer é caracterizado compõem o percurso figurativo do luxo e do sucesso financeiro. O ambiente característico da Lux (bebidas, música e sensualidade) compõe o percurso figurativo da boemia e da luxúria à qual os dois personagens devotam sua estadia entre os humanos. É por meio do diálogo supracitado que o telespectador toma conhecimento de que a personagem principal não é apenas um homem bem-sucedido, mas antes disso o senhor do inferno aposentado.

Em outro diálogo, dessa vez entre Lúcifer e a terapeuta Dra. Linda Martin⁷, no terceiro episódio intitulado “O quase príncipe das trevas”, a visão da personagem principal sobre o motivo de sua preferência por Los Angeles é abordada:

TERAPEUTA: De todas as cidades do mundo, Lúcifer... Por que você decidiu vir para Los Angeles?

LÚCIFER: Pela mesma razão dos outros. O clima, estrelas pornográficas e a comida mexicana (LÚCIFER, 2016, episódio 3).

Nesse contexto, a escolha da cidade de Los Angeles, como cenário para a residência do senhor do inferno, configura uma escolha não aleatória pelo autor da série, pois ao utilizar o recurso discursivo da ironia, tal escolha figurativiza uma sátira ao fato de o diabo escolher a cidade dos anjos⁸ para viver e desfrutar de sua aposentadoria. Assim, “o clima, estrelas pornográficas e a comida mexicana” são figuras que formam o

⁶ Esta personagem representa o demônio em forma de mulher que, de acordo com a narrativa, acompanhou Lúcifer quando este deixou o inferno, indo residir em Los Angeles. Ela trabalha ao lado de Lúcifer na boate *Lux* como seu braço direito e guarda costas.

⁷ Psicoterapeuta de Lúcifer que troca seus serviços pelo prazer de sua companhia.

⁸ Tradução da autora.

percurso figurativo do inferno na terra: enquanto o clima (quente) e a comida mexicana (apimentada) figurativizam o fogo do inferno (GAARDER et al. 2000), estrelas pornográficas figurativizam a sensualidade e a lascívia.

No primeiro episódio, ao dirigir em alta velocidade pelas avenidas de Los Angeles, Lúcifer é perseguido e parado por um policial que solicita a sua documentação. O diálogo entre eles explicita a visão que Lúcifer tem dos humanos:

POLICIAL: Sabe por que te parei?

LÚCIFER: Óbvio que precisou exercer os seus poderes limitados e me punir por ignorar o limite de velocidade. Tudo bem. Eu entendo. Eu também gosto de punir as pessoas. Pelo menos, eu costumava gostar.

POLICIAL: Documentos e habilitação.

LÚCIFER: Agora mesmo.

POLICIAL: Está tentando me subornar, senhor?

LÚCIFER: É claro. Não é o bastante? Pegue mais, é só dinheiro.

POLICIAL: Isso é ilegal, senhor.

LÚCIFER: Vocês são divertidos com suas leis, não é? Por vezes, você quebra as leis, não é?

POLICIAL: Por vezes, eu ligo a sirene e sem motivo, dirijo muito rápido. Só porque eu posso.

LÚCIFER: Certo? Por que não? É divertido. É legal se safar de algo, não é? (...) você está tentando a aceitar, não está? Está esperando o quê? Permissão? Pegue. Compre algo bonito para si. Você merece. Se não se importa, preciso mesmo ir.

POLICIAL: Sim, claro. Tenha uma boa noite! (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Dessa forma, a corruptibilidade humana e a impunidade são outros dois temas apresentados: o primeiro figurativizado pelo suborno ao policial e o segundo por Lúcifer escapar impune por dirigir acima da velocidade permitida.

Ainda no primeiro episódio, a aparição da personagem Amenadiel⁹, um homem negro, forte, vestindo roupas longas e escuras e cujas asas negras de pontas afiadas se abrem em um momento de enfrentamento a Lúcifer, revela que ele foi designado para levar o irmão de volta ao inferno. O diálogo empreendido pelas duas personagens destaca a personalidade irônica e bem-humorada de Lúcifer ao passo que indica uma personalidade mais séria e contida do irmão Amenadiel:

LÚCIFER: Amenadiel, como está grandalhão?

AMENADIEL: Seu retorno ao submundo foi solicitado.

LÚCIFER: Certo. Está bem, me deixe verificar minha agenda. Pois, aqui está. O 7 de nunca até o 15 de nunca vai acontecer. Como fica isso para vocês? Olha, lembre ao papai que eu saí do Inferno porque estava cansado de ser uma peça no seu jogo.

AMENADIEL: Vou avisar você sobre o desrespeito ao nosso pai, Lúcifer.

LÚCIFER: Nosso Pai me desrespeita desde o início dos tempos. Fala o roto do esfarrapado, não acha?

AMENADIEL: Você é uma zombaria das coisas divinas.

LÚCIFER: Obrigado. Mas, ultimamente, eu tenho pensado muito. Você acha que eu sou o Diabo por que sou inerentemente mau ou só porque o querido velho pai decidiu que eu era?

AMENADIEL: O que acha que acontece quando o diabo deixa o inferno?

LÚCIFER: Não sei. Não quero saber. Não é problema meu, irmão (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Nessa situação, Amenadiel figurativiza um anjo enviado à Terra para garantir que a ordem estabelecida pelo pai seja mantida. A discussão entre os irmãos tematiza o conflito familiar e sinaliza uma relação conturbada de Lúcifer tanto com o pai quanto com o irmão.

⁹ Irmão mais velho de Lúcifer cuja missão é convencê-lo a retornar para o inferno.

Tal tema resulta no plano de fundo dos episódios da primeira temporada e acaba sendo figurativizado de diversas maneiras ao longo da trama.

A questão étnica é outro tema que se faz presente através da forma com que os dois irmãos são caracterizados: um branco e outro negro. Essa figurativização indica uma possível quebra de estereótipo no que tange ao padrão popularmente conhecido de anjos brancos, loiros e vestidos em roupas claras; reforçando, com isso o aspecto irônico sobre a qual o discurso da série vai sendo construído.

A importância de encontrar o tema que confere sentido às figuras ou o tema geral que une os temas disseminados no discurso deve-se ao fato de que para o estudo de um texto não interessa a figura ou o tema, isolados. É necessário compreender o encadeamento dos mesmos, de seus percursos uma vez que é no nível dos temas e das figuras, na concretização dos valores semânticos da estrutura profunda que se dá a manifestação da ideologia (FIORIN, 2011).

Para Fiorin (2003), uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, ou seja, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo.

Dessa forma, o discurso de Lúcifer apresenta, no nível narrativo, a passagem de um estado de disjunção com a liberdade para um estado de conjunção com ela. Essa transformação é tematizada como a saída de Lúcifer do inferno e figurativizada por sua aposentadoria na Terra. No primeiro episódio, mais de um tema distinto é usado para revestir o entrar em conjunção com a liberdade: pelo luxo e sucesso financeiro (caracterização de Lúcifer), pela boemia e luxúria (caracterização da Lux) e pela corrupção e impunidade (suborno ao policial e escapar impune) (FIORIN, 2011).

Observa-se que, até esse ponto, a liberdade para Lúcifer repousa em características humanas associadas ao dinheiro, ao sexo e a imoralidade, ou seja, ela é figurativizada de acordo com as crenças que se tem do diabo e seu estilo de vida representa o que os humanos esperam

dele. Já a maneira com que os humanos são figurativizados revela a visão que ele tem da humanidade: corrupta, gananciosa, hipócrita.

Arquétipos do bem e do mal

Segundo Crema (2017), na abordagem junguiana, o arquétipo é um padrão instintivo e inato de conduta, fator atuante e dinâmico do próprio instinto, que se expressa por imagens primordiais. Já o inconsciente coletivo trata-se de uma psique objetiva, impessoal ou supra pessoal habitada por imagens primordiais, manifestações de um estrato anímico mais profundo onde se encontram imagens seminais e universais do ser humano, poderosa matriz arcaica da mitologia que se expressa na consagrada literatura, nas artes perenes e nas escrituras sapienciais (CREMA, 2017).

Para Menon (2008) toda cultura, de uma forma ou de outra, procurou personificar a maldade tanto quanto a bondade, dando-lhes face e personalidade. O diabo constitui uma dessas feições do mal, talvez a mais conhecida de todas. Sua origem pode ser percebida na cultura judaico-cristã, todavia transpôs essa esfera, vindo mais tarde, ao final da Idade Média e início da Idade Moderna, a tornar-se parte integrante da cultura ocidental (MENON, 2008).

No segundo episódio da temporada, ao caminhar por uma avenida repleta de artistas de rua, Lúcifer encontra um homem vestindo terno e gravata, falando ao microfone e segurando um balde no qual as pessoas que passam por ele depositam dinheiro. O diálogo entre eles expõe o discurso judaico-cristão conhecido acerca do diabo:

HOMEM: Salve a sua alma. Depende de você. Arrependa-se. Arrependa-se de seus pecados antes que seja tarde! É o fim dos tempos. O Diabo está entre nós.

LÚCIFER: Padre, você não sabe o quanto está certo. Mas não há com o que se preocupar. Aproveite a vida.

HOMEM: Deus te abençoe. Você já viu o rosto do Diabo?

LÚCIFER: Toda manhã no espelho, camarada.

HOMEM: Exatamente. Ele está em todos nós. Em cada momento nosso de fraqueza. Veja o mundo. O pecado. A luxúria. É obra do Diabo.

LÚCIFER: Não. Não me dê crédito por tudo isso. Vocês humanos se saem muito bem sozinhos.

HOMEM: Qual o seu problema, camarada?

LÚCIFER: Perdão?

HOMEM: Por que você não sai daqui? Não vou dividir as gorjetas, se é o que você quer.

LÚCIFER: Certo. Então, isso é uma encenação? É como o Chewbacca e o Homem Aranha lá atrás. Admito, você é muito bom.

HOMEM: Por que não vai incomodá-los? Você está atrapalhando os meus negócios. Arrependam-se! O Diabo...

LÚCIFER: Não terminei com você ainda. Sabe, o que eu odeio mais do que tudo é um mentiroso. Um charlatão. Alguém que não acredita no que diz.

HOMEM: Então, o que você fará a respeito?

LÚCIFER: Farei você acreditar, é claro.
[Lúcifer transfigura seu rosto humano em outro de pele vermelha e olhos de fogo]

HOMEM: Afaste-se! Ele é o Diabo! Vocês não entendem, isso não é uma encenação! Ele é o Diabo!

LÚCIFER: É verdade. Obrigado a todos. Estou aqui até o fim dos tempos (LÚCIFER, 2016, episódio 2).

Nesse diálogo, a figura arquetípica do diabo cuja presença ainda é marcante enquanto justificativa de toda a barbárie, de todo pecado e de toda frustração que possam vir a ocupar a vida do homem encontra-se tematizado na fala do padre/ator. No entanto, apesar de suas palavras, é sua atitude que revela um caráter dúbio e hipócrita ao pregar uma coisa e fazer outra, atribuindo a um terceiro, no caso o Diabo, a responsabilidade sobre suas ações falhas.

Em outros dois diálogos, dessa vez entre Lúcifer e a detetive Chloe Decker¹⁰, a fala da personagem principal ironiza as atribuições e as descrições que os humanos lhe conferiram:

¹⁰ Detetive de homicídios da polícia de Los Angeles com quem Lúcifer começa a trabalhar como consultor.

LÚCIFER: Os pecados não. Não tenho nada com eles. Não sei porque me execram por isso. Tenho a habilidade de arrancar os desejos proibidos. Pessoas mais simples, mais fácil. Pessoas complexas, mais difícil e empolgante. Mas, os pecados são por conta de vocês (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

DETETIVE: Está bem. Digamos que você seja o diabo. Todo poderoso, imortal e tal.

LÚCIFER: Então, isso quer dizer que acredita em mim? Sinto dizer que não posso te mostrar o rabo como prova.

DETETIVE: Nem tem chifres.

LÚCIFER: Não, não tenho. Isso são coisas de filmes e TV. Eles sempre retratam errado (LÚCIFER, 2016, episódio 4).

Percebe-se, com isso, o descontentamento de Lúcifer quanto à forma com que os humanos o enxergam bem como a sua insatisfação diante do fato de ser responsabilizado pelos crimes dos outros. Para ele, a humanidade não compreende que ele não é maligno e nem o culpado pelas ações nefastas no mundo, mas aquele que pune os culpados e os maus, motivo pelo qual ele foi enviado ao inferno.

Diante desse quadro, revela-se a possibilidade de se pensar a condição de Lúcifer como um cargo, uma função atribuída a um ser por seu criador, seu pai, no caso, Deus; e não de uma personificação do mal. Dois diálogos empreendidos por Lúcifer e Amenadiel, no segundo e sétimo episódio, respectivamente, explicitam essa possibilidade:

AMENADIEL: Você já foi o mais brilhante dos anjos de Deus, Lúcifer. E agora, olhe para você.

LÚCIFER: Se veio me dar sermão guarde para você...

AMENADIEL: Na verdade, vim fazer uma oferta (...) volte ao inferno, Lúcifer e falarei com o pai.

LÚCIFER: Está com medo, não é? Se eu não voltar ao Inferno, você terá que assumir.

AMENADIEL: Isso nunca aconteceria.

LÚCIFER: Não. Digo, Deus nunca enviou o seu filho favorito para governar o Inferno antes, não é? (LÚCIFER, 2016, episódio 2).

AMENADIEL: Lucy, desde sua partida triunfal do Inferno, eu tive que vigiar os portões. Eu tenho que manter as almas condenadas sob controle, um trabalho que eu detesto (LÚCIFER, 2016, episódio 7).

Portanto, considerando os percursos temáticos adotados ao longo dos episódios, verifica-se que, apesar da caracterização de Lúcifer associá-lo a temas como boemia, luxúria, corrupção e impunidade; por vezes é ele quem apresenta as virtudes associadas ao arquétipo do bem, tais como: amizade, contenção, empatia, honestidade, lealdade, misericórdia e generosidade. Em contrapartida, confere à parte dos personagens humanos a representação das fraquezas associadas ao arquétipo do mal, a saber: charlatanismo, egoísmo, falsidade, ganância, mentira, vingança e traição, caracterizando, assim, o conflito humano entre o bem e o mal (FIORIN, 2011).

Dualidade e conflito existencial

O que garante coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. Essa recorrência recebe o nome de isotopia e oferece ao leitor um plano de leitura, um modo de ler o texto (FIORIN, 2011). Completam Greimas e Courtés (1983) referente à semântica discursiva, nesta, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite suprimir ambiguidades.

Em *Lúcifer*, as cenas nas quais a personagem principal é apresentada como um homem jovem, conquistador, com alto poder aquisitivo levando uma vida social intensa e cheia de diversão estabelecem um primeiro plano homogêneo de significação, o da isotopia humana, conforme indica Fiorin (2011). Outras cenas, no entanto, introduzem características diferenciadas de certos personagens. A primeira delas é a cena em que Lúcifer recebe a visita do irmão Amenadiel que além de portar asas negras e pontiagudas também possui a singular capacidade de desacelerar o tempo. Algo incomum também acontece na cena em que

Lúcifer abraça a personagem Delilah¹¹: ambos são alvos de uma série de tiros e caem ao chão, porém, instantes depois, ele recobra a consciência e se levanta sem nenhum ferimento, ao passo que a amiga está morta e ensanguentada.

Dessa forma, possuir asas, desacelerar o tempo, não ser ferido por balas de revólver são características não condizentes às capacidades dos seres humanos. Em verdade, elas contrapõem o primeiro plano de leitura na qual Lúcifer é apenas um homem rico e *bon-vivant* (isotopia humana) e revelam habilidades e poderes diferenciados que podem ser atribuídas à divindade.

Essa sequência de figuras, de acordo com Fiorin (2011), funciona como desencadeadora de isotopia e propõem um novo plano de leitura, o da isotopia divina. Outra característica que sustenta essa sobreposição da isotopia divina sobre a humana é a habilidade da personagem principal de arrancar confissões dos outros personagens da trama quanto aos seus desejos obscuros e proibidos. Uma das cenas na qual isso é demonstrado é a de um casamento que Lúcifer interrompe com o intuito de interrogar o noivo sobre seu possível envolvimento na morte de Delilah, supondo a relação de ambos.

Apesar de não conseguir uma confissão do noivo, que consegue se desvencilhar do olhar de Lúcifer, é a noiva, outra personagem da cena, que cede ao seu charme e com um olhar de encantamento, confessa não estar casando por amor e que tampouco deseja ter relações sexuais com o futuro marido.

Dessa forma, os aspectos que caracterizam o divino no humano são indicadores de isotopia, ou seja, são elementos não evidentes à imagem proposta inicialmente (no caso, a rotina de um homem), mas que conduzem a uma interpretação diferente à medida que esses elementos são dispostos ao longo das cenas. A partir do momento em que esse fenômeno é assimilado, a série desperta a curiosidade do telespectador, que passa a assisti-la sob a ótica da segunda isotopia (divina) que se sobrepõem à humana (FIORIN, 2011).

Contudo, no quarto episódio intitulado "Novidades Masculinas", na cena em que Lúcifer intermedeia a resolução de um

¹¹ Cantora a quem Lúcifer ajudou a alcançar a fama e que trabalhou na casa noturna Lux.

suposto sequestro de uma mulher, algo inesperado acontece. A detetive Chloe Decker acaba vendo a face transfigurada de Lúcifer refletida na superfície espelhada de um equipamento do galpão em que se encontram. O diálogo entre eles insere uma nova perspectiva na trama:

DETETIVE: Quem é você? O que é você? O que você fez?

LÚCIFER: Olha, eu tenho tentado te dizer, eu sou o Diabo.

DETETIVE: Isso, isso não é possível.

LÚCIFER: Eu garanto a você que é, detetive. Quero dizer, você mesma disse que tem coisas que não pode explicar. Precisa de mais provas? Você tem a arma. Vá. Atire em mim.

DETETIVE: Não. Não posso atirar em você?

LÚCIFER: Claro que pode. Continue, é só apertar o gatilho. Manda ver.

DETETIVE: Não.

LÚCIFER: Atire em mim, detetive. Por favor. Talvez você finalmente perceba... *[Chloe dispara contra a perna de Lúcifer]*

LÚCIFER: Bom pra você! Viu? Quase não dói.

DETETIVE: Não acredito.

LÚCIFER: Na verdade, não, está doendo um pouco. Deus, está doendo muito. Filha da mãe, isso dói mesmo! Estou sangrando.

DETETIVE: Você está sangrando?

LÚCIFER: Estou sangrado.

DETETIVE: Caramba, é claro que você está sangrando. O que eu fiz?

LÚCIFER: Eu não sangro.

DETETIVE: Lúcifer, eu sinto muito. Você está bem?

LÚCIFER: O que significa isso? (...) dói demais! O que está acontecendo comigo? (LÚCIFER, 2016, episódio 4)

Ao retornar mancando para sua boate, Lúcifer surpreende Mazikeen e o diálogo entre eles revela a gravidade do assunto:

LÚCIFER: Eu sei. Dia difícil no trabalho.

MAZIKEEN: O que aconteceu com você?

LÚCIFER: Você nunca vai imaginar. Ela atirou em mim e eu sangrei.

MAZIKEEN: O que? Isso não é possível.

LÚCIFER: Eu sei!

MAZIKEEN: O que está causando isso? Tem algo que você não está contando para mim?

LÚCIFER: Não pense muito nisso. É excitante!

MAZIKEEN: Não, é perigoso! Já nos divertimos aqui, Lúcifer. Mas isso não pode acontecer. Diga-me que vamos para casa.

LÚCIFER: Pelo contrário, Maze. A diversão acabou de começar (LÚCIFER, 2016, episódio 4).

Desse modo, a possível mortalidade de Lúcifer propõe a superposição da isotopia humana sobre a divina, uma vez que os poderes sobre-humanos do Diabo parecem não funcionar apropriadamente no plano terrestre (FIORIN, 2011). Percebe-se, diante disso, que uma gama de novas possibilidades se desdobra diante da personagem principal, vindo de encontro à sua sede por mudança e revelando, a partir desse ponto, o caráter dual de sua experiência entre os humanos, evidenciado pela fala da própria personagem “Eu sou o Diabo. Historicamente invencível. Até agora. E é isso que torna esse caso tão interessante. Perigo real! É a oportunidade perfeita para descobrir minhas outras qualidades mortais” (LÚCIFER, 2016, episódio 5).

A dualidade entre o ser eterno e o vir a ser diferente, todavia, resulta em uma situação impensada por Lúcifer: o enfraquecimento de suas defesas e o contato com as suas emoções. O diálogo empreendido por ele e sua terapeuta, Dra. Linda, em uma sessão demonstra isso:

LÚCIFER: Três Brittanies na *jacuzzi*. Por que eu não fui?

TERAPEUTA: Por que você acha que não foi?

LÚCIFER: Não sei, doutora. Isso é o que eu lhe pago para descobrir, não é?

TERAPEUTA: Já considerou que esse excesso de festas pode ser uma tentativa de preencher um vazio?

LÚCIFER: Tentativa? Preenchi cinco vazios ontem à noite.

TERAPEUTA: Não foi isso que eu quis dizer. Um vazio em sua vida emocional. Você parece solitário.

LÚCIFER: Solitário? (...) nunca estou sozinho. Estou sempre cercado de pessoas. Dou festas quando quero, minha cama nunca esfria.

TERAPEUTA: Lúcifer, estar sozinho e ser solitário são coisas bem diferentes.

LÚCIFER: São?

TERAPEUTA: São. Pode estar cercado de pessoas, mas considera de verdade alguma daquelas pessoas como amigo?

LÚCIFER: Meu “amigo”?

TERAPEUTA: Alguém que respeite. Alguém que goste de estar junto. Alguém com quem tenha uma conexão significativa.

LÚCIFER: Bom, eu e você nos conectamos muito bem.

TERAPEUTA: Falo da sua vida pessoal. E a Maze?

LÚCIFER: Não. Temo que estejamos brigados. Uma longa história cheia de traição. Na verdade, você faz parte dela.¹²

TERAPEUTA: E quanto à detetive Decker? Você a considera como amiga?

LÚCIFER: Para ser sincero, eu não tenho certeza do que somos (LÚCIFER, 2016, episódio 9).

Frankl (2015) afirma que o psiquiatra de hoje encontra muito frequentemente a

¹² Lúcifer faz menção à situação em que Amenadiel se fez passar por terapeuta vizinho de sala da Dra. Linda com o intuito de obter vantagem na disputa com o irmão.

vontade de sentido, não raras vezes, em forma de frustração. Para o autor, não há somente a frustração sexual, a frustração do instinto sexual ou, em termos gerais, a da vontade de prazer, mas também aquela frustração existencial, ou seja, um sentimento de ausência de sentido na própria existência. Defronta-se, nesse ponto, com um fenômeno humano que o autor considera fundamental do ponto de vista antropológico: a autotranscendência da existência humana. Para ele, o ser humano sempre aponta para algo além de si mesmo, para algo que não é ele mesmo – para algo ou para alguém: para um sentido que se deve cumprir, ou para um outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos com amor. Em serviço a uma causa ou no amor a uma pessoa, realiza-se o homem a si mesmo.

Em *Lúcifer*, a experiência humana do Diabo desenrola-se em um cenário de valorização da liberdade e do prazer, tematizado, como visto anteriormente, pela boemia e pela luxúria. Não obstante, a questão da mortalidade surge toda vez em que Lúcifer está próximo da personagem Chloe Decker, alguém que o surpreende constantemente ao longo da série e por quem nutre certa admiração e espanto visto que ela é a única pessoa com quem seus poderes não se aplicam desde o primeiro encontro.

Quando eles se conhecem, Chloe está enfrentando um passado que, de certa perspectiva, é parecido com o dele: após opor-se à opinião de todo seu departamento policial em um determinado caso, ela tem sua “queda” e acaba exilada e desacreditada pelos demais colegas de trabalho. Quando a parceria dos dois se estabelece, torna-se oportuna, visto que Lúcifer reconhece e apoia a habilidade e competência profissional da detetive, como mostra a falada personagem: “Mulher policial atraente lutando para ser levada a sério em um mundo machista (...) Bem, eles estão ameaçados. Você é inteligente e tem instinto notável. Ignore-os. Confie em si mesma” (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Pouco a pouco, Lúcifer percebe que, quando está longe de Chloe, seus instintos mais obscuros, adquiridos em anos torturando pessoas no Inferno, ficam livres e, por isso, seus poderes se mantêm ativos bem como sua imortalidade. No entanto, quando estão juntos, sua invulnerabilidade

desaparece, tornando a presença dela uma ameaça. Novamente, o diálogo com a terapeuta Dra. Linda o ajuda a vislumbrar seu conflito:

LÚCIFER: Acredita que o detetive Von Babaca me chutou do caso?

TERAPEUTA: E a Chole concordou?

LÚCIFER: Ela não discordou. Como ela pode achar que eu seria capaz? Isso. Por isso eu saí. Achei que ela me conhecesse. Achei que eu a conhecesse.

TERAPEUTA: E agora não confia mais nela?

LÚCIFER: É essa coisa da imortalidade. Por algum motivo a detetive Decker me deixa vulnerável.

TERAPEUTA: Também conhecido como “intimidade”.

LÚCIFER: Não, ela literalmente me faz sangrar.

TERAPEUTA: Ficar vulnerável pode ser assustador. Mas, há benefícios quando se abre para alguém.

LÚCIFER: Eu queria saber quem está por trás disso. Meu pai, meu irmão, outra pessoa? Parece que a detetive não sabe, mas ela pode estar mentindo. Será que ela faz do plano para me matar ou é só um peão?

TERAPEUTA: Talvez devêssemos explorar a possibilidade de que a vulnerabilidade seja algo bom.

LÚCIFER: Não, não pode ser! Significa que se está à mercê de outra pessoa.

TERAPEUTA: Então talvez devesse se afastar de todos. Se afastar da Chloe.

LÚCIFER: Mas não quero.

TERAPEUTA: Então não se afaste (LÚCIFER, 2016, episódio 12).

Assim, conforme a trama se desenvolve, verifica-se que em sua busca por compreender a detetive e os humanos, Lúcifer acaba descobrindo cada vez mais sobre si mesmo. Do encontro com o outro, depreende-se que Chloe desperta em Lúcifer

a sua própria humanidade, colocando-o de cara com a sua própria sombra a ponto de impulsioná-lo na procura pela sua própria luz.

Crema (2017) revela um possível sentido ao indício do conflito primordial da personagem central: a descoberta da humanidade e da vulnerabilidade em si revela o conflito intrapessoal vivido por Lúcifer e o coloca, ao que parece, na trilha iniciática, uma peregrinação labiríntica da superfície do ego ao relicário do Ser (CREMA, 2017).

Caminho de transformação e o encontro com a unidade

As dimensões do encontro, segundo Crema (2017), constituem-se por esferas, climas e paisagens com diversos graus de sutileza e abrangência, em círculos concêntricos que se adentram da persona à sombra, ao inconsciente familiar, ao simbiótico, ao coletivo transexistencial, ao cósmico, até a aguçada e numinosa ponta do angelical, fronteira entre a existência e a Essência, o que realmente se é e que permanece no coração efêmero do que passa, do que se está sendo. Distintas e convergentes pegadas e digitais da totalidade do fenômeno humano implicadas no Grande Encontro.

Ao final do primeiro episódio da série, Lúcifer retorna ao consultório da personagem Dra. Linda Martin, psicóloga da vítima do caso que ele ajudara a solucionar, com a justificativa de que a estava procurando para discutir alguns dilemas existenciais. A terapia se desenvolve ao longo dos episódios e ele a procura todas as vezes que não entende algo pelo qual está passando. Dra. Linda, por sua vez, ao deduzir que seu cliente está usando uma metáfora para se expressar, passa a ajudá-lo a analisar os acontecimentos e situações que o incomodam.

No sexto episódio, intitulado “Filho favorito”, o diálogo entre eles, durante uma sessão, expõe a profundidade do conflito existencial em que se encontra a personagem principal:

TERAPEUTA: (...) a sensação de perda conecta-se com o que sentimos sobre quem somos.

LÚCIFER: (...) quer falar sobre a minha identidade.

TERAPEUTA: Sim, porque você é o Diabo. Você disse os seus nomes, mas deixou alguns de fora. Abadom, Belial, Príncipe das Trevas (...), mas antes de cair você era conhecido como Samael, o Portador da Luz.

LÚCIFER: Eu não atendo mais por esse nome.

TERAPEUTA: É um nome que denota o amor de seu pai por você.

LÚCIFER: Jogar o seu filho no Inferno também foi uma expressão de seu amor?

TERAPEUTA: Deus não o expulsou do céu por estar bravo com você.

LÚCIFER: Como ousa presumir as intenções de Deus?

TERAPEUTA: Eu não fiz isso. Não posso (...) talvez essa simplicidade ofereça uma perspectiva diferente para mim. Deus o baniu porque precisava que você fizesse o trabalho mais difícil. Foi um presente.

LÚCIFER: Presente? Ele me isolou. Ele me difamou. Fez de mim um torturador! Consegue entender a profundidade disso? Ficar para sempre recepcionando os mortos para a autopunição? Por que me culpam por todos os pecados? Como se passasse os meus dias sobre os ombros deles, forçando-os a cometerem atos que acham repulsivos. 'Oh, o Diabo me induziu!' Nunca os obriguei a fazer nada. Nunca.

TERAPEUTA: O que aconteceu com você foi injusto.

LÚCIFER: Injusto? Isso foi perverso. Por toda a eternidade meu nome será sinônimo de depravação. Esse é o presente que meu pai me deu.

TERAPEUTA: Foi um ato de amor.

LÚCIFER: Como você sabe?

TERAPEUTA: Porque você é o filho favorito dele, Samael.

LÚCIFER: Não me chama assim, por favor.

TERAPEUTA: É o anjo caído dele. Acontece que, quando os anjos caem, eles também ascendem. Só precisa aceitar quem você é.

LÚCIFER: Não consigo.

TERAPEUTA: Consegue sim. Só precisa se abrir ao processo.

LÚCIFER: Você não entende, eu não consigo!

TERAPEUTA: Mas por quê?

LÚCIFER: Porque elas¹³ foram roubadas de mim (LÚCIFER, 2017, episódio 6).

Segundo Crema (2017), à expressão mais visível e superficial, do pacote de memórias assumidas e representadas no palco social dá-se o nome de persona. Essa, por sua vez, constela os traços e os papéis típicos que configuram o cartão de visitas e a pose estereotipada nas fotografias, enfim, a maneira característica com que se apresenta e se movimenta na arena sociocultural. Já a sombra, refere-se ao eu oculto, ao outro lado que se expressa compulsivamente através de sintomas, lapsos e tiques incontroláveis, constelando, assim, elementos dissonantes e frequentemente opostos aos da persona (CREMA, 2017).

Nota-se que o processo terapêutico experimentado pela personagem principal vem propiciar a expansão de sua percepção acerca de quem ele é verdadeiramente, apontando para o problema da identificação com os papéis exercidos. A fala da personagem Dra. Linda vem reforçar algo abordado anteriormente no que tange à possibilidade de se repensar a condição de Lúcifer enquanto uma atribuição, um papel que o pai o confiou, o qual a humanidade o condenou e não a um ser essencialmente mau. Contudo, ao longo dos episódios, verifica-se que em todos os momentos nos quais Lúcifer sente ira e raiva diante de alguma injustiça, ele acaba transfigurando-se em um ser cujo rosto destaca-se pela pele vermelha, queimada e olhos de fogo, possivelmente a representação de sua sombra.

Porém, no terceiro episódio intitulado "O quase príncipe das trevas", a cena na qual Lúcifer está prestes a punir um homem que se faz passar por ele para conquistar mulheres e bebidas de graça nos estabele-

³ Lúcifer refere-se, nessa passagem, às suas asas de anjos que foram roubadas de um container no qual ele as guardava desde que chegou na Terra.

cimentos que frequenta, indica comedimento por parte da personagem principal ao perceber que está exagerando nas ameaças de punição ao charlatão e reconhecer que está transferindo sua raiva e frustração ao falso Lúcifer, que, por sua vez acaba sendo liberado somente com uma advertência para que nunca mais use o nome dele.

Outro momento que revela uma mudança de comportamento de Lúcifer é a cena em que ele rejeita a possibilidade de ter relações sexuais com a detetive Decker, que aparece alcoolizada em seu apartamento após ser rejeitada pelo ex-marido. Apesar de perplexo com a própria reação, Lúcifer acaba acolhendo-a e oferecendo-lhe seu ombro amigo.

Lapidar a persona, através de disciplina no exercício de vestir e desvestir papéis, bem como o reconhecimento, a aceitação e a integração da sombra compreendem os níveis iniciais do encontro consigo mesmo, conduzindo à uma possível superação da polaridade tese e antítese, numa síntese individual mais ampla, interessante e saudável (CREMA, 2017).

Para Graf-Durckheim (1988) somente quando se aventura repetidamente pelas zonas da aniquilação é que o contato com o Ser Divino, que está além da aniquilação, torna-se firme e estável. Quanto mais o ser humano aprende de todo o coração a confrontar o mundo que o ameaça com o isolamento, tanto mais lhe são reveladas as profundezas do Fundo do Ser e tanto mais se abrem possibilidades de nova vida e Vir-a-Ser.

Desse modo, ao mergulhar de corpo e alma na condição humana, Lúcifer inicia um processo de desconstrução e transformação pessoal que lhe revela, a cada situação vivida, um novo convite à reflexão e à ampliação do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal, lançando-o em direção a novas dinâmicas na relação consigo e com o outro. Esse caminho de transformação pelo qual passa a personagem principal da série além de fundamentar seu anseio de mudança de um *status quo* aparentemente inquestionável propicia a expansão de sua consciência no plano pessoal e social, bem como o emergir de valores universais tais como: responsabilidade, generosidade, compaixão, amor, amizade.

Para Crema (2017), a autêntica senda evolutiva implica no desafio da travessia do vale das trevas, do reconhecimento e aceitação das forças bestiais que habitam os abismos da alma. O exorcismo do arquétipo sombrio do mal naturalmente transcorre na medida em que se aprende, de forma disciplinada e gradativa, a amar compassivamente. Para o autor, há três etapas na edificação do Encontro. A primeira é a do *autoencontro*, encontrar-se consigo mesmo: reconhecer-se, aceitar-se, respeitar-se, para que seja possível a autotranscendência. A segunda, é a do *alter encontro*, abrir espaço em si para o desconhecido: reconhecer, aceitar, respeitar o outro, para transcendê-lo. A terceira é a do *holoencontro*, abrir espaço em si para o Totalmente Outro: reconhecer, aceitar, entregar-se e coparticipar do Ser, do Infinito Eterno. Logo, caminha Lúcifer, ao que tudo indica, para o encontro com a unidade (CREMA, 2017).

Considerações Finais

O objetivo deste artigo é reconhecer a existência de elementos discursivos na série americana “*Lúcifer*”, primeira temporada, que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do bem e do mal, tal como a relação do conflito existencial, o caminho de transformação pessoal e o encontro com a unidade. A partir da questão referente à série “*Lúcifer*” oferecer um discurso capaz de conduzir à reflexão sobre a dualidade dos arquétipos do bem e do mal, do conflito existencial e do caminho de transformação para o encontro com a unidade.

Por meio da revisão teórica referente à semântica discursiva, chegou-se às seguintes considerações: a análise das cenas e discursos referentes aos processos de figurativização e tematização averiguou que o discurso de Lúcifer apresenta, no nível narrativo, a passagem de um estado de disjunção com a liberdade para um estado de conjunção com ela. Essa transformação é tematizada como a saída de Lúcifer do inferno figurativizada por sua aposentadoria na Terra. Identificou-se ao menos doze temas abordados pela série, a saber: boemia, conflito familiar, corruptibilidade humana, fogo do inferno, impunidade, lascívia, luxo, luxúria, presença angelical na Terra, questão étnica, sensualidade e

sucesso financeiro. Observou-se que a utilização do recurso discursivo da ironia para figurativizar uma sátira ao fato de o diabo escolher a cidade dos anjos para viver e desfrutar de sua aposentadoria, fundamenta o aspecto irônico sobre a qual o discurso da série foi construído.

Quanto à maneira com que os arquétipos do bem e do mal são retratados no discurso verificou-se que, apesar da caracterização de Lúcifer associá-lo a temas como boemia, luxúria, corrupção e impunidade; por vezes é ele quem apresenta as virtudes associadas ao arquétipo do bem, tais como: amizade, contenção, empatia, honestidade, lealdade, misericórdia e generosidade. Em contrapartida, confere à parte dos personagens humanos a representação das fraquezas associadas ao arquétipo do mal, a saber: charlatanismo, egoísmo, falsidade, ganância, mentira, vingança e traição. Constatou-se, dessa forma, uma possível quebra de estereótipos no que tange ao padrão popularmente conhecido do conflito humano entre o bem e o mal, revelando-se viável repensar o lugar onde Lúcifer foi colocado ao longo da história: não o de um ser essencialmente mau, mas o de uma atribuição, um papel que o criador o confiou e ao qual a humanidade o condenou.

A análise da isotopia permitiu identificar que a recorrência do traço humano em variadas ações e comportamentos de Lúcifer, estabelecendo o primeiro plano de leitura (isotopia humana) é contraposta pela recorrência de aspectos que caracterizam o divino no humano (isotopia divina). No entanto, a superposição da isotopia humana sobre a divina é retomada com a possível mortalidade de Lúcifer, estabelecendo, com isso, um plano de leitura heterogêneo que garante certo suspense à trama, uma vez que a gama de possibilidades que se desdobra diante da personagem principal revela a questão da dualidade entre o ser eterno e o vir a ser diferente e também a inquietude de uma vida sem sentido, resultando no conflito existencial que o coloca de frente com a sua própria sombra e o impulsiona na procura por sua própria luz.

Notou-se que a mudança de comportamento da personagem central ao longo dos episódios da primeira temporada configura um processo de desconstrução e transformação pessoal pautado pela

mudança de um *status quo* aparentemente inquestionável, pela expansão de sua consciência no plano pessoal e social e pela busca da autotranscendência humana bem como o emergir de valores universais tais como: responsabilidade, generosidade, compaixão, amor, amizade.

Constatou-se que a série *Lúcifer* tem seu sentido multiplicado em vários discursos e não somente em um, tais como: o bom merece ser recompensado com o paraíso, o mau merece ser punido e sofrer no inferno, o bem e o mal estão dentro do ser humano, a responsabilidade do ser humano pelos seus atos e escolhas, entre outros.

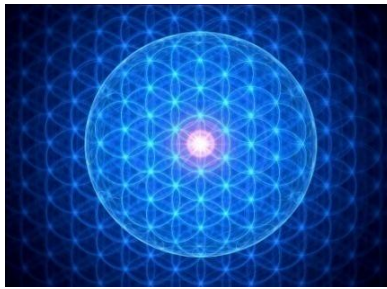
Sendo assim, os elementos condizentes à semântica discursiva estabelecem uma relação harmônica entre os percursos de concretização do sentido, garantindo coerência e atualidade aos discursos presentes na série, apresentando uma perspectiva singular de Lúcifer que, por meio da ironia e do humor, convidam o telespectador à discussão entorno de valores oportunos ao desenvolvimento da cultura de paz, transitando pela quebra de paradigmas e pela desconstrução do estereótipo do mal, de sua imagem e de seu discurso.

Referências

- CREMA, R. **O Poder do Encontro**: origem do cuidado. São Paulo: Tumiak Produções, 2017.
- FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Linguagem e ideologia**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.
- GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GRAF-DURCKHEIM, K. **The way of transformation**. Londres: Allen&Unwin, 1988.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria

Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
LUCIFER [Seriado]. Direção: Len Wiseman. Produção: Erik Holmberg, Jerry Bruckheimer, Michael Azzolino. Roteiro: Tom Kapinos. EUA: Fox Broadcasting Company, 2016, son., color.
MENON, M. C. **O diabo: um personagem multifacetado**. Revista Línguas & Letras, Cascavel, PR, número especial, p. 217-227, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1318/1071>. Acesso em: 06 dez. 2017.
NICOLESCU, B. **Projeto CIRET - UNESCO**

Evolução transdisciplinar da Universidade. Congresso internacional Que Universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da Universidade, Locarno, Suíça: de 30 de abril a 02 de maio de 1997. Disponível em: <http://ciret-transdisciplinarity.org/locarno/locapor4.php>. Acesso em: 24 set. 2017.
_____. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999. Disponível em: http://ruipaz.pro.br/textos_pos/manifesto_transdisciplinaridade.pdf. Acesso em: 22 set. 2017.



Revista Transdisciplinar

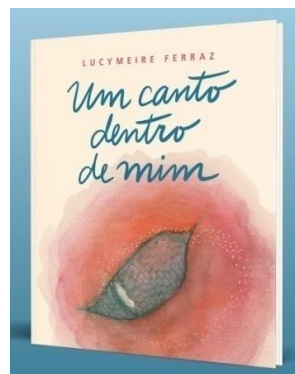
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

8 – UM CANTO DENTRO DE MIM

Lucymeire Ferraz*



Em 2016, fiz um mergulho silencioso e solitário em busca de mim.

Logo após uma cirurgia de retirada de mamas por decorrência de um câncer, usei de pretexto acompanhar minha filha que fazia um ano de estudos para me refugiar numa pequena vila ao sul da Alemanha.

Mas não era o câncer que me levava àquele recolhimento como parecia compreensível. As pessoas olhavam para mim como alguém que vivia uma grande drama e isto me causava certa estranheza pois eu me achava bastante sortuda de ter descoberto a doença no início e por ter optado em fazer mastectomia bilateral havia evitado a quimioterapia. Minha dor era outra.

O que me levava a ansiar quase com desespero a uma pausa de tudo, era aquele enorme vazio acompanhado da auto censura – e culpa - por me sentir tão só em meio a uma “vida perfeita” com uma carreira de sucesso, um marido companheiro e filhos

amorosos. Era pesado demais pensar em mim como alguém que não sabia reconhecer e simplesmente ser grata a tudo que o Universo já me havia ajudado a conquistar.

Era inverno e hoje percebo o quanto aqueles meses foram transformadores. Foi lá que meu primeiro livro começou a ser escrito, sem ainda ter nenhuma intenção de se tornar uma edição publicada. Para aquecer a casa diariamente, eu cumpri ao ritual bastante simbólico de acender a lareira e ficava horas olhando a madeira se transformar em brasa aquecendo a casa, meu corpo - e minha alma.

Tudo parecia estar em sintonia: a dor que eu sabia que precisava sentir como o inverno frio e cinzento lá fora, que seria lentamente substituído pela primavera cheia de cores. Vi a neve derreter-se mostrando nos galhos secos de inverno pequenos brotos, que por sua vez se transformaram em um verde tenro e novo, para logo serem coloridos de flores,

* **Lucymeire Ferraz** – Natural de Ibotirama, Bahia. É administradora de empresas e arteterapeuta junguiana. Mora em Camacari-BA e parte do ano na Alemanha, onde moram seus filhos. Em 2018 e 2019 participou de duas coletâneas junto ao Movimento Elos Literários. *Um canto dentro de Mim* é seu primeiro livro e o resultado de permitir-se iniciar no mundo da sua secreta paixão, a escrita. Ele está disponível nas plataformas on line e na livraria Nobel Vilas do Atlântico. Contato pelo instagram: luferrazulmer ou pelo email: luferra@abs-tech.com.

repletas de vida. Elas também coloriram minha alma. “Um canto dentro de mim” é um punhado de sentimentos vividos durante este rico processo.

Abaixo, “O que levo daqui” e “Paz”, mostram duas destas intensas e verdadeiras passagens escritas por uma alma que encontrou na poesia, um meio de se expressar.

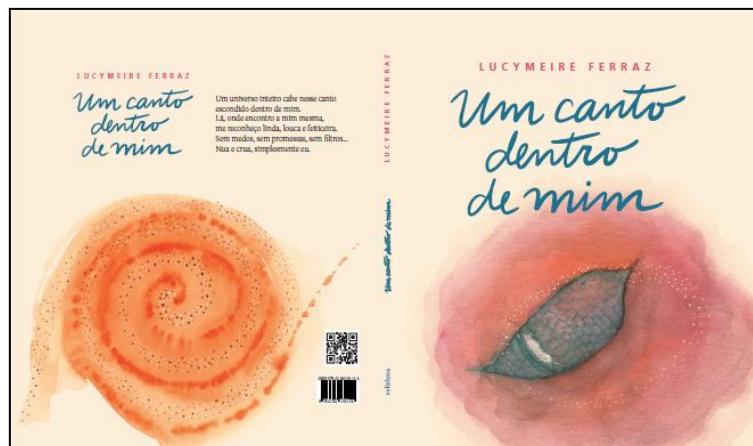
O que levo daqui

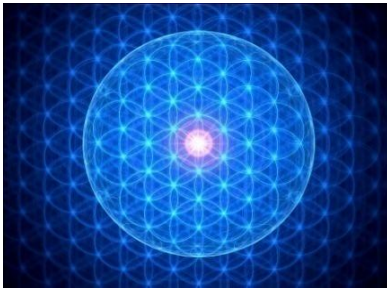
Deste tempo que vivi em mim, levo eu mesma.
 Levo o que fui e o que sou.
 Levo minha dor e meu cansaço, mas com colo e regaço
 Levo tudo que tenho, tudo a que dei forma e transformei
 Todas as cores que vi e pinte
 Alguns amigos vieram, outros novos chegaram.
 Da alegria deste conviver, levo o coração cheio e quente.
 Outros, partiram.
 A ausência destes faz hoje parte de mim. O adeus que não pude dar, o abraço que faltava, o balão, que soltei, e vi subir pra longe, muito longe...

Tudo isto hoje sou eu. Meu passado e presente.
 Sigo, certa de que vou contar comigo.
 Em constante movimento, o que serei não importa.
 Serei.

Paz

Numa delicadeza mansa de orvalho que escorre na folha de um verde novo, descubro que o sentimento tão almejado mora dentro de mim.
 E assim de repente, mas tão certo como aurora do dia, percebo, incrédula, o óbvio. Sou o que tanto busco.
 A novidade, tão velha, só me aguardava. Paciente e silenciosa enquanto eu ainda não podia ver. Não estava preparada.
 Mesmo quando exalava feito vapor de água e tornava cair feito chuva sobre mim, ainda assim, não podia perceber...
 Não era ela que se escondia. Nem encoberta estava.
 Era eu, que de vista embaçada, tateava ao redor, arregalava os olhos na procura incessante e externa.
 E foi então que, fadigada e exausta, fechei meus olhos e, finalmente, pude ver. Sentir. Feito banho quente caindo no corpo de inverno. Acolhedor feito abraço de amigo. Como água fresca que sacia, lá estava, dentro de mim todo o tempo, desde sempre e para sempre.





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

9 – IMAGENS DA PANDEMIA

Celeste Carneiro*
 e convidados

O início – dias e noites sombrias...
 (registros a partir de março/2020)



* **Celeste Carneiro** – Fotógrafa, escritora, Arteterapeuta Junguiana e Transpessoal. Artista Plástica e Educadora. Editora da Revista Transdisciplinar. No período da pandemia faz atendimentos on-line e registra o que sente e o que vê.
www.artezen.org cel5zen@gmail.com

Visões do isolamento



O Espírito Santo



A Cruz Celta



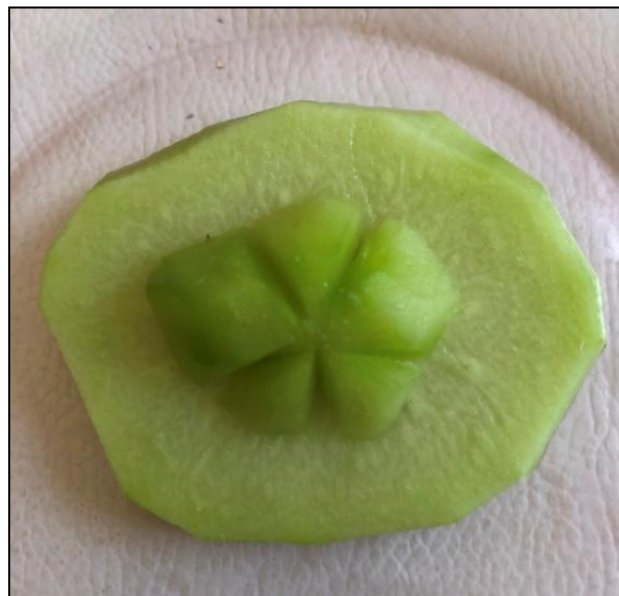
A Torre Eiffel



Paz e Amor



O colágeno amoroso



Flor no chuchu

A beterraba



A intensidade da beterraba



Reverberando...



A exuberância



Recriando

E outros



O alho que se foi e deixou a sua cauda



O neurônio na batata



Mandala – brusqueta de berinjela



A chama na cebola



O própolis



... E a panela que queimou!

O meio

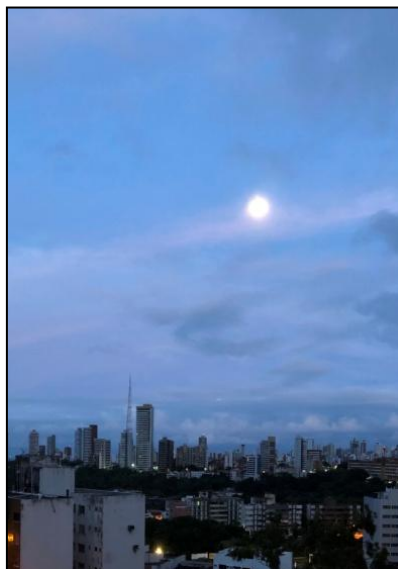
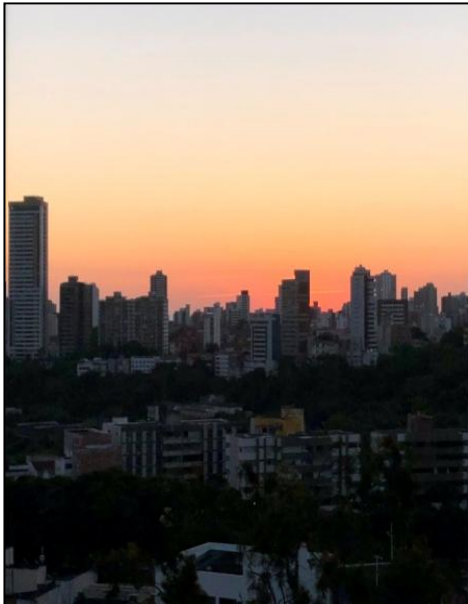


Um pouco de sol



Um pouco de afeto (Fotos de Elisângela Andrade)

Dias e noites estranhas... E belas.





O cotidiano



Caminhada com máscara



Compras com máscara



A volta da feira



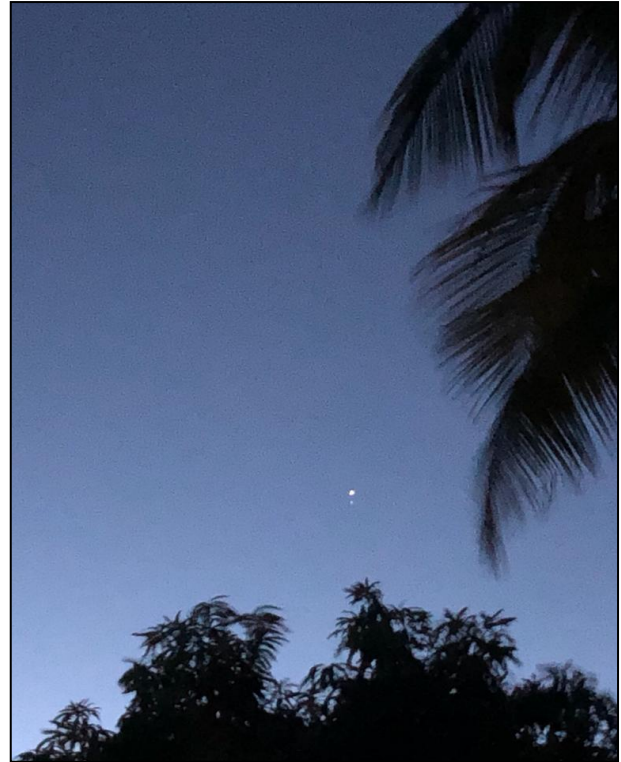
No salão de beleza



Renascer sempre

Dezembro 2020



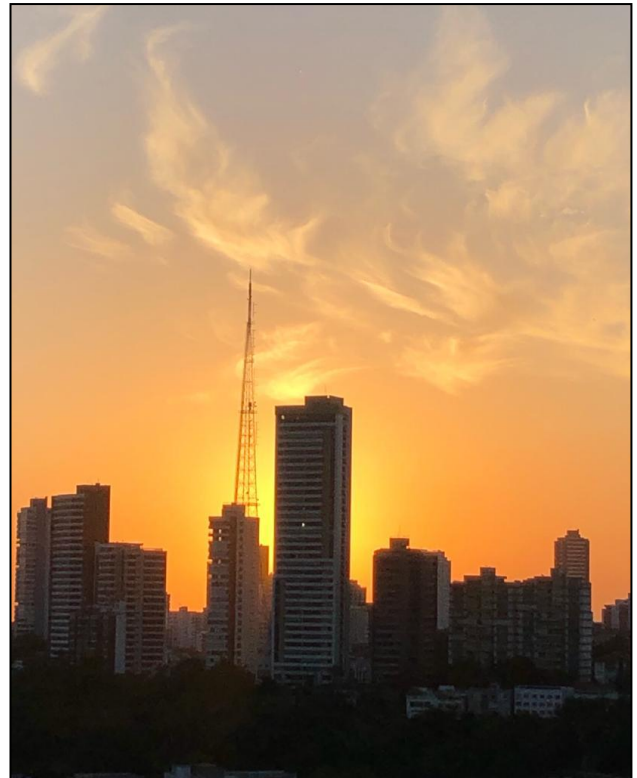
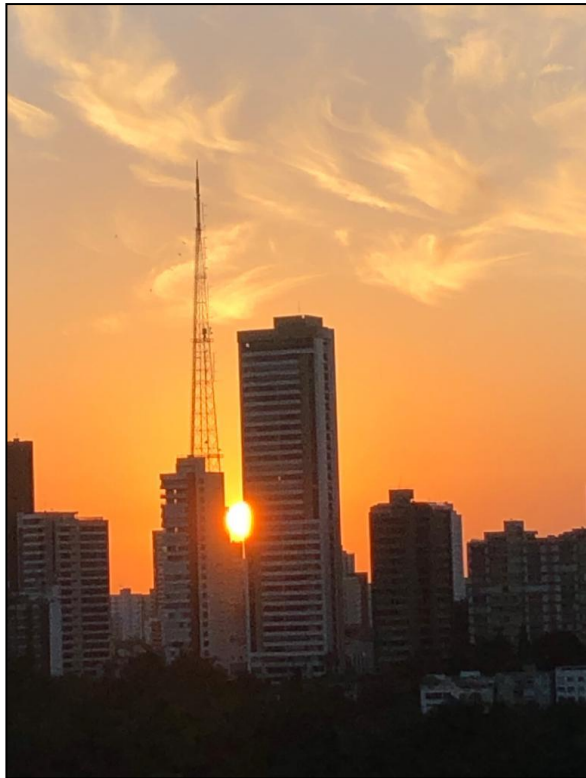


A conjunção Júpiter e Saturno – A estrela de Belém

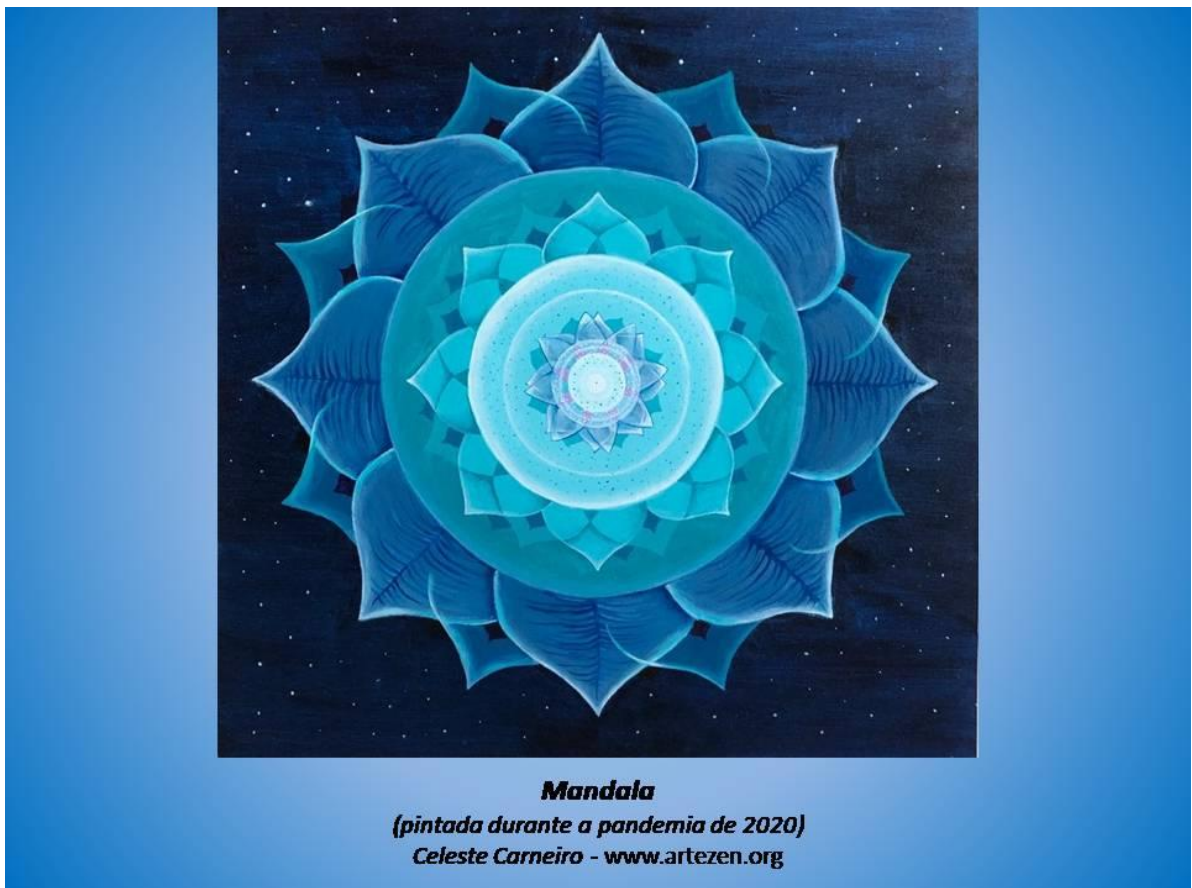
2021 - Esperança de novos dias



Caminhos da terra e do céu



Entardecer angelical



Mandala
(pintada durante a pandemia de 2020)
Celeste Carneiro - www.artezen.org

Aprendendo com Kleber Zen a pintar com tinta acrílica

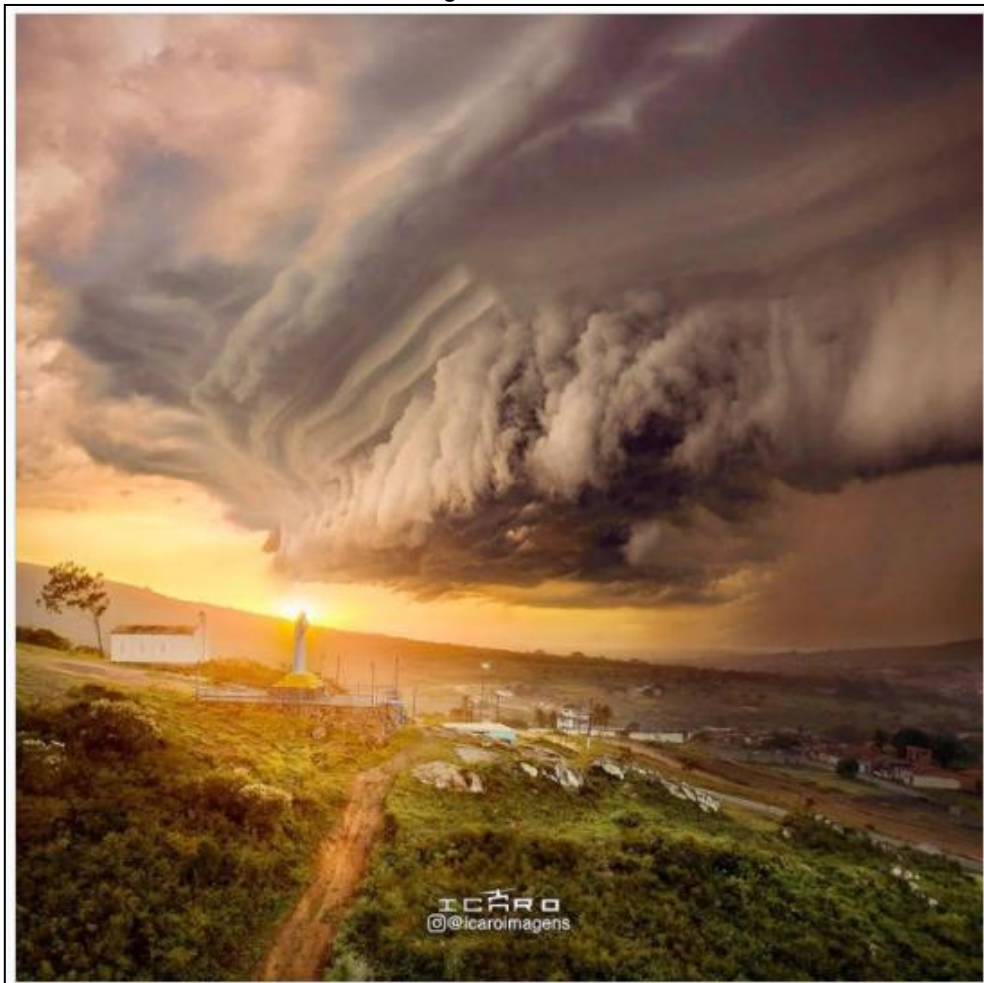
Nossos convidados

Nuvens estranhas em Serrinha-BA (19 de março/2020)



Ícaro Gama – Fotógrafo – Icaro Imagens Aéreas Mavic 2 PRO

Agosto/2020



<https://www.youtube.com/channel/UCF23R02i1yXrQy6LBUGL3ag>
ICARO@icaroimagens

Cenas do cotidiano - Bahia



Rino Marconi – Psicoterapeuta clínico. Helper do Pathwork. DEP. Psych-K, PRO.
 Curando a Criança Ferida dentro de Nós.
 Fotógrafo
www.rinomarconi.com.br rinomarconi

Entardecer carmim – Salvador – BA



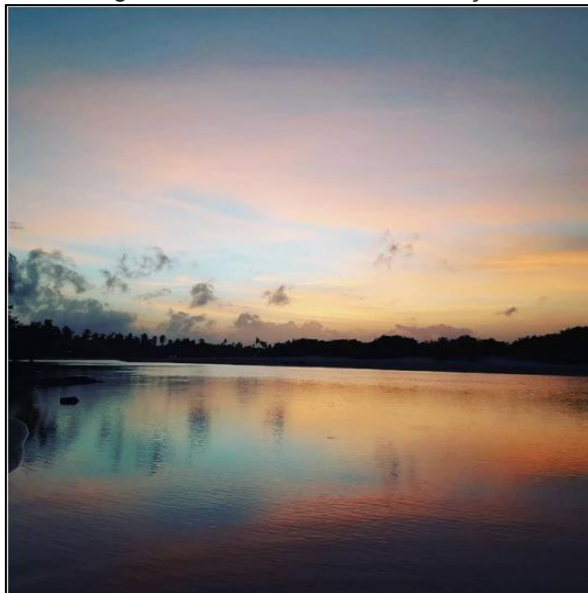
Vera Rodrigues – educadora e terapeuta da Frequência de Brilho

Luar no amanhecer de Antofagasta - Chile

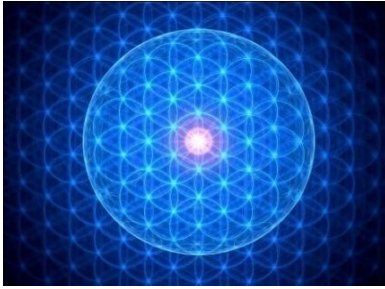


Luis Lacouture González - Médico psiquiatra e Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Amanhecer no Rio Alegre, em Santo Amaro nos Lençóis Maranhenses – MA



Louisa Huber – Enfermeira, Mestra em Saúde Coletiva, especialista em Medicina Tradicional Chinesa – MTC, terapias corporais, Professora de Qi Gong, terapeuta corpo-mente. louisa.huber



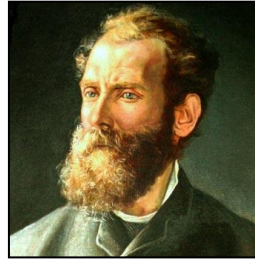
Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

10 – CARTA DE ANTHERO DE QUENTAL*



Caro Germano

Saúdo o amigo! Que fazes e, sobretudo, como vais? Estará aí o Alberto, que, segundo me escreveu, faz a tenção de ir brevemente ao Porto? Se está, saúda-o por mim. Eu cá estou. Sempre na mesma: mas à doença impassível oponho uma paciência que cada vez mais luta com ela com mais vantagem. Por isso estou contente. Abençoada doença, se fizer de mim o homem impassível dos Estóicos, o Santo de Marco Aurélio. Não digo isto brincando, e para mim o livro das *Máximas* de Epicteto é um dos livros mais sérios que têm sido escritos. Porque não o lês? Mas talvez fora isso, infelizmente, inútil, porque não tens a Fé. A Fé não é só património do Cristão, há também a Fé da Filosofia idealista que pelo menos é tão boa.

Mas tu és positivista, meu pobre Germano. Pobre Filosofia essa, e fraco apoio! Quem me dera que tu podesses *crer!* Esta orgulhosa razão

é preciso humilhá-la num acto de sentimento íntimo: é preciso também chorar, e amar aquilo mesmo que nos faz chorar. Então ouve-se em nós uma voz que não é a da razão, menos forte ou sonora, mas mais pura e sobretudo mais consoladora. Isto tenho feito e faço, e só desejo que o faças tu também. Pensa nisto. Se achares esta homilia muito lírica, considera que escrevo isto às seis da manhã, começando a amanhecer, e tendo eu perdido a noite – perdida para o sono, mas aproveitada para muitos pensamentos.

Adeus, querido amigo. Dá notícias ao teu do coração,

Anthero.

Carta enviada de Lisboa, em 24 de Fevereiro de 1875. Publicada no *In Memoriam de Antero*, Porto, 1896. E depois em Antero de Quental. *Cartas*. Vol. I.

Por Ana Almeida Martins. Lisboa, 2009

* **Antero de Quental** (Ponta Delgada (Açores), 18-04-1842; Ponta Delgada, 11-09-1891) – poeta e filósofo do Romantismo, sua obra é essencialmente filosófica, social, política, metafísica e lírica. Antero de Quental é considerado um dos maiores escritores e sonetistas de língua portuguesa. Aos 16 anos, ingressou no curso de Direito, em Coimbra, onde se destacou por seu brilhantismo. Aos 20 anos publicou seus primeiros sonetos intitulados “*Sonetos de Antero*”. Depois de formado, passou a viver em Lisboa, e participou da fundação do Partido Socialista Português. Em 1869, fundou o jornal *A República*. Morou no Porto e, enfermo, foi recomendado pelo médico a viver em Vila do Conde. Em 1880 adotou as duas filhas do seu amigo Germano Meireles, jornalista, advogado e crítico literário, que morrera em 1877. Meses antes de sua morte mudou-se para Ponta Delgada, sua terra natal, onde faleceu no dia 11 de setembro de 1891.